

# **BNB** Conjuntura Econômica

Periódico elaborado pelo Escritório Técnico  
de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE

# 82

Jan/Mar 2025



**Banco do  
Nordeste**

**OBRA PUBLICADA PELO**



**Banco do  
Nordeste**

**PRESIDENTE**

Paulo Henrique Saraiva Câmara

**DIRETORES**

Ana Teresa Barbosa de Carvalho,  
Antonio Jorge Pontes Guimarães Junior  
José Aldemir Freire,  
Leonardo Victor Dantas da Cruz,  
Luiz Abel Amorim de Andrade e  
Wanger Antônio de Alencar Rocha

**ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS  
ECONÔMICOS DO NORDESTE – ETENE**

Allisson David de Oliveira Martins  
**Gerente de Ambiente**

Marcos Falcão Gonçalves  
**Gerente Executivo – Célula de Estudos e Pesquisas  
Macroeconômicas**

**CORPO EDITORIAL**

**Editor-Científico**  
Rogério Sobreira Bezerra

**Editor-Chefe**  
Allisson David de Oliveira Martins

**Editor-Executivo**  
Marcos Falcão Gonçalves

**EQUIPE TÉCNICA**

**Nível de Atividade Econômica**  
Marcos Falcão Gonçalves  
Adriano Sarquis Bezerra de Menezes

**Produção Agropecuária e Mercado de Trabalho**  
Hellen Cristina Rodrigues Saraiva Leão

**Produção Industrial**  
Liliane Cordeiro Barroso

**Intermediação Financeira**  
Allisson David de Oliveira Martins

**Serviços e Comércio**  
Wellington Santos Damasceno

**Turismo e Comércio Exterior**  
Laura Lúcia Ramos Freire

**Finanças Públicas, Índices de Preços e Cesta Básica**  
Antônio Ricardo de Norões Vidal

**Estagiários**  
Guilherme Miranda Soares  
Samuel Alesxandro Apolinario Xavier

**Jovem Aprendiz**  
Pedro Ícaro Borges de Souza

**Revisão**  
Hermano José Pinho

**Projeto Gráfico**  
Gustavo Bezerra Carvalho

**Banco do Nordeste do Brasil S/A**  
**Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste -  
ETENE**  
Av. Dr. Silas Munguba, 5.700 - Bloco A2 Térreo - Passaré -  
60743-902 - Fortaleza (CE) - BRASIL  
Telefone: (85) 3251-7177  
Serviço de Atendimento ao Consumidor (SAC): 0800 728 3030

Os conceitos e opiniões emitidos nesse documento não refletem necessariamente o ponto de vista do BNB.  
É permitida a reprodução das matérias, desde que seja citada a fonte.

Dados internacionais de catalogação na publicação.

BNB Conjuntura Econômica, n.1, 2004- Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2004-

n.

Trimestral

Periodicidade anterior: 2004 mensal; 2005 bimestral até ago.; 2005 – 2013 trimestral; 2014  
semestral.

ISSN 18078834

1.Economia- Brasil – Nordeste – Periódicos. 2. Desenvolvimento econômico – Brasil – Nordeste  
– Periódicos. I Banco do Nordeste do Brasil.

CDD:330.05

## Sumário

|                                                               |           |
|---------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1 Atividade Econômica .....</b>                            | <b>4</b>  |
| <b>2 Produção Agropecuária no Nordeste .....</b>              | <b>9</b>  |
| <b>3 Produção Industrial .....</b>                            | <b>16</b> |
| <b>4 Setor de Serviços .....</b>                              | <b>21</b> |
| <b>5 Varejo .....</b>                                         | <b>23</b> |
| <b>6 Turismo .....</b>                                        | <b>26</b> |
| <b>7 Mercado de trabalho formal – Brasil e Nordeste .....</b> | <b>29</b> |
| <b>8 Comércio Exterior .....</b>                              | <b>36</b> |
| <b>9 Finanças Públicas .....</b>                              | <b>44</b> |
| <b>10 Intermediação Financeira .....</b>                      | <b>50</b> |
| <b>11 Índices de Preço .....</b>                              | <b>54</b> |
| <b>12. Cesta Básica .....</b>                                 | <b>60</b> |

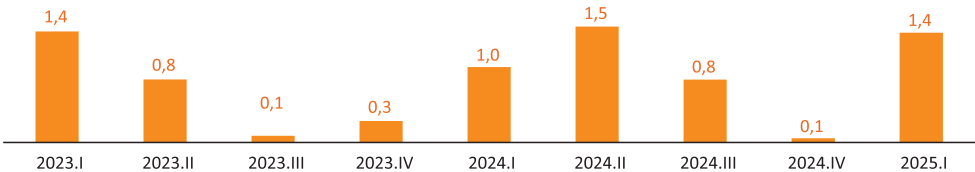
# 1 Atividade Econômica

## 1.1 Produto Interno Bruto

A economia brasileira demonstrou resiliência nos três primeiros meses de 2025, com o PIB registrando um crescimento de 1,4% nesse período (Gráfico 1.1), quando comparado aos três meses finais de 2024, com ajuste sazonal, e 3,5% em 12 meses, segundo dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Esse resultado positivo foi puxado pela forte alta do agronegócio, principalmente pela dinâmica das atividades vinculadas à soja, e pelo setor serviços, que tem peso de, aproximadamente, 70% da economia do país. Esse bom ritmo, no entanto, deverá se arrefecer ao longo do ano, considerando a política monetária contracionista, atingindo fortemente os setores mais sensíveis ao ciclo econômico. Em compensação, as previsões são mais favoráveis para os setores mais exógenos ao ciclo econômico, como a atividade agrícola e de produção de petróleo.

Outro fator importante para explicar essa aceleração do ritmo de crescimento do PIB no início de 2025 foi a demanda doméstica, que apesar da piora das condições financeiras, particularmente em relação ao encarecimento do crédito, e das incertezas globais, continua aquecida por conta de fatores internos como o mercado de trabalho aquecido, com baixa taxa de desemprego e renda em crescimento, potencializado pelo impacto do reajuste do salário-mínimo e os programas de transferência de renda do Governo Federal.

Gráfico 1.1 – Produto Interno Bruto - PIB - Brasil - % 1º Trimestre de 2025 em relação ao Trimestre anterior, com ajuste sazonal - 2023 a 2025

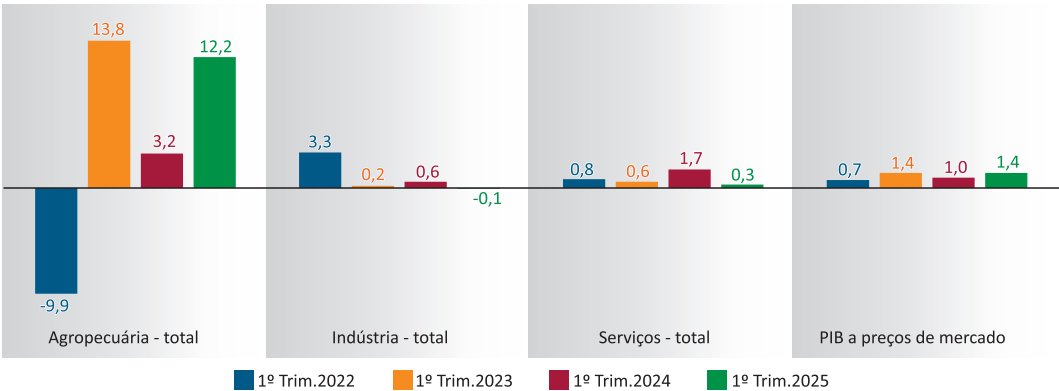


Fonte: IBGE - Contas Nacionais Trimestrais (2025). Elaboração: BNB/Etene.

Pelo lado da oferta, o destaque do crescimento do PIB no primeiro trimestre de 2025 (1,4%) foi a firme recuperação do setor agropecuário, juntamente com a variação positiva do setor serviços, particularmente dos serviços de comunicação e informação, e do consumo das famílias e dos investimentos. As condições climáticas e a supersafra favoreceram o PIB do setor agropecuário, que registrou a segunda maior alta desde 2023, quando avançou 13,8% (Gráfico 1.2), embora sofrendo redução nos meses seguintes. No ano passado, o setor não apresentou altas significativas, impactada pelas condições climáticas desfavoráveis, mas para 2025 as expectativas indicam uma produção agrícola mais significativa, devido às melhores condições climáticas, impulsionando o desempenho de algumas culturas e a safra recorde. Entre os produtos colhidos no primeiro trimestre que registraram crescimento na estimativa de produção anual e ganho de produtividade, destacam-se a soja, com alta de 13,3%, o milho, que avançou 11,8%, o arroz, com aumento de 12,2%, e o fumo, que registrou um salto de 25,2%. Segundo a Companhia Nacional de Abastecimento Agrícola (Conab), em 2025, a economia brasileira deverá experimentar uma safra recorde de grãos, com 330 milhões de toneladas, um aumento de 10% em relação à safra 2023/24.

Já o setor industrial, responsável por, aproximadamente, 25% do valor adicionado da economia brasileira, foi impactado pelos efeitos contracionistas dos juros elevados, registrando uma variação negativa de 0,1%, influenciada pelas retrações nas indústrias de transformação e construção, que recuaram 1,0% e 0,8%, respectivamente, no primeiro trimestre de 2025, em comparação com o quarto trimestre de 2024, conforme divulgado na pesquisa do IBGE. Por outro lado, a Eletricidade e gás, água, esgoto e atividades de gestão de resíduos registraram crescimento de 1,5%, enquanto as Indústrias Extrativas avançaram 2,1%. O setor serviços, que responde por mais de 70% da economia brasileira, evoluiu moderadamente nos primeiros três meses do ano, registrando um crescimento de 0,3%, devido à evolução positiva de todas as atividades que formam esse segmento, com exceção apenas do setor de transporte, armazenagem e correio, que foi o único a registrar queda (-0,6%) nesse período. Por outro lado, os serviços de informação e comunicação registraram expansão significativa (3,0%), impulsionada pela ampliação da internet e o desenvolvimento de novos sistemas.

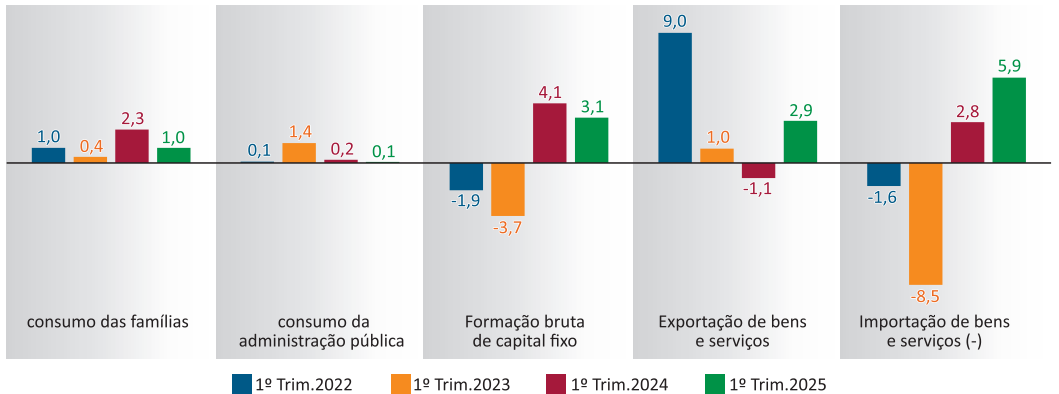
Gráfico 1.2 – Produto Interno Bruto - PIB - Brasil - OFERTA - % 1º Trimestre em relação ao Trimestre anterior, com ajuste sazonal - 2022 a 2025



Fonte: IBGE - Contas Nacionais Trimestrais (2025). Elaboração: BNB/Etene.

Pelo lado da demanda, os investimentos, medidos pelas despesas com formação bruta de capital fixo, foram o destaque, com crescimento de 3,1% (Gráfico 1.3) em relação ao trimestre imediatamente anterior, consolidando uma trajetória positiva que vem se repetindo desde o final de 2023. Esse resultado satisfatório nos três primeiros meses do ano foi puxado pelo crescimento da atividade de Construção, da produção nacional e importação de bens de capital, notadamente a importação de plataforma de petróleo, além da alta no desenvolvimento de softwares. Nada obstante esse cenário favorável, o setor de máquinas e equipamentos, um dos principais beneficiados pelo aumento dos investimentos, já demonstra sinais de alerta. A Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq) destaca as incertezas quanto à manutenção desse crescimento, tendo em vista que o encarecimento do crédito, decorrente da alta dos juros, desestimula a aquisição de bens de capital. O consumo das famílias avançou 1,0%, influenciado pelo aumento na massa salarial real e no aumento do crédito disponível, apesar dos juros maiores. As despesas de consumo do Governo mantiveram-se estáveis, com crescimento marginal de 0,1%. Finalmente, o setor externo foi um componente importante para suprir uma parcela da demanda interna através do aumento das importações (crescimento de 5,9%), bem acima do incremento das exportações (2,9%), levando, dessa forma, o setor a impactar negativamente na expansão do PIB.

Gráfico 1.3 – Produto Interno Bruto - PIB - Brasil - Demanda – Variação % do 1º Trimestre em relação ao trimestre anterior - 2022 a 2025



Fonte: IBGE - Contas Nacionais Trimestrais (2025). Elaboração: BNB/Etene.

A taxa de investimento no primeiro trimestre de 2025 foi de 17,8% do PIB, acima dos 16,7% do primeiro trimestre de 2024, enquanto a taxa de poupança foi de 16,3%. As perspectivas para 2025 indicam que as incertezas (internas e globais), juntamente com os juros mais elevados, deverão impactar negativamente no ritmo de crescimento dos investimentos.

## **1.2 Inflação, Juros e Câmbio**

O cenário econômico mundial tem se caracterizado pela resiliência da atividade econômica frente aos efeitos restritivos da política monetária nas principais economias, muito embora as perspectivas sejam de crescimento global moderado. Nesse contexto, destacam-se algumas tendências estruturais, como o elevado endividamento de muitos países, especialmente das economias em desenvolvimento, que pode limitar a capacidade de resposta a choques econômicos, a menor integração comercial e financeira e a demografia, que estão contribuindo para a redução do crescimento potencial da economia mundial. Ao lado disso, as economias enfrentam também as incertezas provenientes das tensões geopolíticas, incluindo conflitos regionais e disputas comerciais, que tendem a impactar as cadeias de suprimentos globais, gerar volatilidade nos mercados de commodities e desincentivar investimentos. Diante disso, as principais instituições financeiras, como o Banco Mundial e a OCDE, apontam para uma desaceleração no ritmo de expansão do Produto Interno Bruto (PIB) mundial em comparação com anos anteriores, embora ainda se projete um avanço. O Banco Mundial, por exemplo, reduziu sua previsão de crescimento global para 2,3% em 2025.

Para as economias avançadas, as perspectivas sinalizam para uma diminuição do grau restritivo da política monetária, tendo em vista que os efeitos do longo ciclo de taxas de juros contracionistas, que se instalou logo após a pandemia, já começam a se consolidar através do maior equilíbrio entre oferta e demanda no mercado de trabalho. Apesar disso, os Bancos Centrais desses países reafirmam seus compromissos em promover a convergência das taxas de inflação às metas e a necessidade de manter as taxas de juros em patamares ainda restritivos, de forma a garantir o processo de desinflação.

Já o cenário inflacionário brasileiro para 2025 vem marcado por uma persistência da inflação acima da meta, exigindo uma política monetária vigilante por parte do Banco Central (BC). As projeções do mercado e do próprio BC indicam que o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), o indicador oficial de inflação, deve encerrar o ano acima do centro da meta estabelecida, que é de 3%. De acordo com o Boletim Focus do Banco Central, divulgado em 30 de junho de 2025, o mercado financeiro projeta uma inflação de 5,20% para 2025. O próprio Banco Central, em seu Relatório de Política Monetária mais recente (junho de 2025), revisou sua estimativa para o IPCA de 2025 para 4,9%. Embora essa projeção represente uma leve queda em relação às estimativas anteriores, ela ainda se mantém acima do teto da meta. As possibilidades de a inflação ficar acima do limite superior da meta (4,5%) são significativas. Isso indica que, apesar dos esforços, o desafio de ancorar as expectativas e trazer a inflação para o centro da meta ainda é grande.

O maior desafio reside justamente no enfrentamento de alguns fatores que poderão pressionar os preços no decorrer de 2025. Dentre eles, destacam-se a inércia Inflacionária, que vem de 2024 com uma inflação que se manteve em patamares elevados; o crescimento econômico mais forte, que poderá gerar pressões adicionais sobre os preços; o câmbio, por conta de uma possível desvalorização do real frente ao dólar, o que vai impactar os preços de bens industriais e commodities importadas, que são repassados para o consumidor final; e os preços dos alimentos, que poderão ser pressionados por fatores climáticos (secas ou enchentes) e pela instabilidade nas cotações de commodities alimentares no cenário externo.

Portanto, o cenário inflacionário se mostra mais adverso e menos incerto. No horizonte relevante para a política monetária, correspondendo ao segundo trimestre de 2026, a projeção aumentou para 4%. Os riscos que podem dificultar o controle da inflação estão associados com as expectativas de inflação desancoradas por muito tempo, inflação de serviços mais resiliente em função da atividade econômica aquecida e políticas econômicas de impacto inflacionário. Na direção contrária, ou seja, os riscos de baixa inflacionária, destacam-se a eventual desaceleração da atividade econômica doméstica mais acentuada do que a projetada; a desaceleração global mais pronunciada decorrente do choque de comércio e de um cenário de maior incerteza; e uma redução nos preços das commodities com efeitos desinflacionários.

Apesar do recuo recente da inflação, as incertezas em relação à economia fizeram o Banco Central (BC) elevar os juros. Por unanimidade, o Comitê de Política Monetária (Copom) aumentou a Taxa Selic, juros básicos da economia, em 0,25 ponto percentual, para 15% ao ano. De setembro do ano passado a maio deste ano, a Selic foi elevada seis vezes. Após chegar a 10,5% ao ano de junho a agosto do ano passado, a taxa começou a ser elevada em setembro do ano passado, com uma alta de 0,25 ponto, uma de 0,5 ponto, três de 1 ponto percentual e uma de 0,5 ponto.

O Copom informou que deverá manter os juros em 15% ao ano nas próximas reuniões, enquanto observa os efeitos do ciclo de alta da Selic sobre a economia. No entanto, não descartou mais altas, caso a inflação suba. Logicamente, isso vai impactar diretamente o crédito, os investimentos e o consumo. Diante desse cenário, o mercado financeiro já projeta uma inflexão para uma trajetória satisfatória dessa taxa básica, que deverá permanecer no patamar de 15% até o final de 2025, caindo para 12,0% em 2026, 10,5% em 2027 e 10,0% em 2028, conforme o Boletim Focus do Banco Central de 27/06/2025.

1.3 Nordeste sustenta crescimento econômico no primeiro trimestre de 2025 com apoio dos Serviços e Mercado de Trabalho

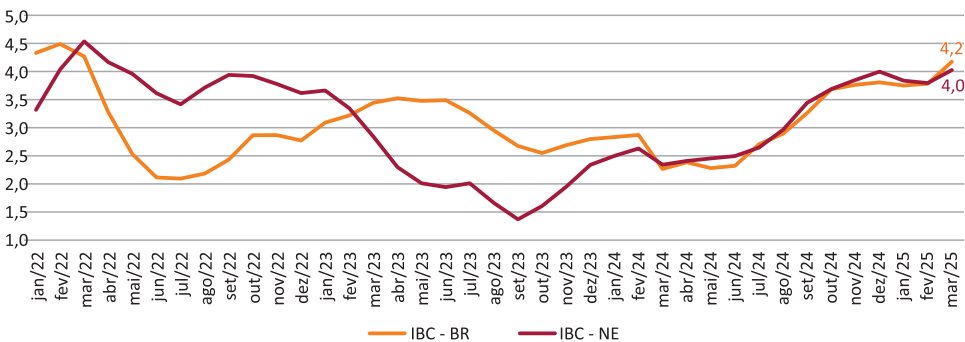
A economia do Nordeste apresentou um desempenho robusto no acumulado de 12 meses encerrados em março de 2025, com crescimento de 4,0% no Índice de Atividade do Banco Central (IBCR-NE), praticamente em linha com a média nacional de 4,2% (Tabela 1.1 e Gráfico 1.4). Esse avanço foi sustentado, sobretudo, pela recuperação do setor de serviços, expansão do comércio varejista e melhoria do mercado de trabalho, fatores que impulsionaram o consumo das famílias na Região. No primeiro trimestre de 2025, quando comparado com o trimestre anterior, o Nordeste avançou de 0,7%.

Tabela 1.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central do Brasil – Brasil, Nordeste, Sudeste, Bahia, Ceará, Pernambuco, Espírito Santo e Minas Gerais - % Crescimento no ano - 2020 a 2025\*

|                | 2020 | 2021 | 2022 | 2023 | 2024 | 2025 |
|----------------|------|------|------|------|------|------|
| Brasil         | -4,0 | 4,2  | 2,8  | 2,8  | 3,8  | 4,2  |
| Nordeste       | -4,1 | 2,8  | 3,6  | 2,3  | 4,0  | 4,0  |
| Bahia          | -3,1 | 2,7  | 3,4  | 3,0  | 3,1  | 3,7  |
| Ceará          | -4,5 | 3,6  | 2,8  | 1,1  | 5,5  | 5,0  |
| Pernambuco     | -3,3 | 4,6  | 2,2  | 2,6  | 4,8  | 3,4  |
| Sudeste        | -3,2 | 4,1  | 3,0  | 2,6  | 3,2  | 3,0  |
| Espírito Santo | -6,0 | 6,6  | -1,6 | 3,3  | 2,8  | 2,1  |
| Minas Gerais   | -1,9 | 5,2  | 3,3  | 4,0  | 3,0  | 3,0  |

Fonte: Banco Central do Brasil (2025). Elaboração: BNB/Etene.  
\* Refere-se ao acumulado dos últimos doze meses, terminados em março/2025.

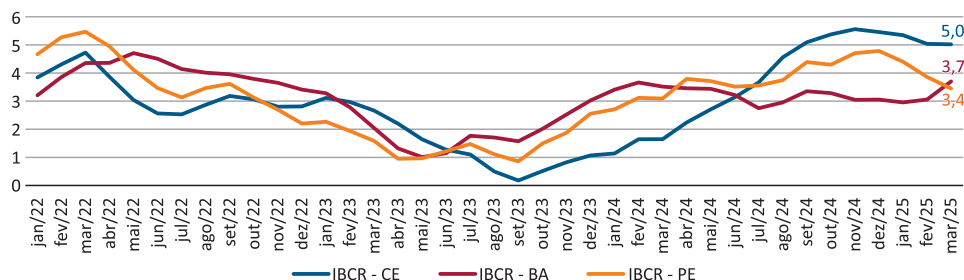
Gráfico 1.4 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central do Brasil – Brasil e Nordeste - Em 12 Meses - % em relação ao ano anterior - Jan/22 a Mar/25



Fonte: Banco Central do Brasil (2025). Elaboração: BNB/Etene.

O Ceará foi destaque entre os estados nordestinos acompanhados pelo Banco Central, com crescimento de 5,0% no acumulado de abril de 2024 a março de 2025 (Gráfico 1.5), ainda que levemente abaixo do crescimento de 5,5% observado no ano anterior. O desempenho cearense pode ser explicado pelo dinamismo do setor de serviços – que representa maior parcela do PIB estadual – beneficiado pelo turismo e transporte. Ademais, a ampliação de projetos industriais e o aumento do número de ocupados têm estimulado a ampliação da demanda agregada.

Gráfico 1.5 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central do Brasil – Nordeste, Bahia, Ceará e Pernambuco - % - 2020 a 2025\* - últimos 12 meses



Fonte: Banco Central do Brasil (2025). Elaboração: BNB/Etene.

\* Refere-se ao acumulado dos últimos doze meses, terminados em março/2025.

A economia baiana, que detém o maior peso econômico relativo do Nordeste, cresceu 3,7% no período, superando o desempenho do ano anterior (3,1%). Apesar de ficar abaixo da média regional, o resultado baiano é relevante em termos absolutos e decorre principalmente da retomada gradual da produção industrial (destaque para a indústria química e petroquímica e segmento automotivo), expansão do setor agropecuário, comércio e serviços.

Pernambuco registrou crescimento de 3,4% no período, sustentado pelo setor de serviços, especialmente no Recife e Região Metropolitana.

O Estado do Espírito Santo, que é contemplado, em parte, como área de abrangência do Banco do Nordeste, também apresentou crescimento no período, com performance positiva de 2,1%. No mesmo sentido, o Estado de Minas Gerais, que tem parte da região do Estado atendida pelo Banco do Nordeste, registrou avanço de 3,0%.

O desempenho econômico do Nordeste no primeiro trimestre de 2025 confirma a tendência de recuperação e fortalecimento gradual das atividades produtivas, acompanhando a dinâmica nacional. O avanço do setor de serviços, a retomada do comércio e a melhoria no mercado de trabalho foram determinantes para o resultado positivo do período analisado. Para o restante do ano, as perspectivas permanecem favoráveis, ainda que cercadas por desafios.

## 2 Produção Agropecuária no Nordeste

### 2.1 Agricultura

Segundo o IBGE, a estimativa da produção nacional de grãos deverá alcançar 328,3 milhões de toneladas, na Safra 2025, crescimento de +12,2% em relação à Safra passada. O resultado para a atual Safra será devido, principalmente, às estimativas de crescimento dos cultivos de soja (+13,3%) e milho (+11,8%), que deverão incrementar 19,2 milhões de toneladas de soja e 13,5 milhões de toneladas de milho. Desta forma, soja e milho participam com 50,0% e 39,1% da produção nacional de grãos na Safra de 2025, nesta ordem, segundo o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola do IBGE (Tabela 2.1).

Entre os principais fatores para o bom desenvolvimento dos grãos, principalmente nas safras de verão, estão as condições climáticas, que no geral permanecem favoráveis (o Nordeste, nas áreas na costa leste, desde a Bahia até o Rio Grande do Norte e no noroeste do Maranhão). No entanto, algumas áreas apresentarão clima seco e quente, onde as chuvas estarão abaixo do observado do normal, podendo comprometer os níveis de umidades do solo não foram adequadas para o desenvolvimento das culturas (Nas áreas do centro-norte da Bahia, além do oeste de Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte).

Tabela 2.1 – Brasil, Nordeste e Estados selecionados: Safra de grãos (toneladas) - 2023 e 2024

| Brasil e Grandes Regiões | Safra 2024   |           | Safra 2025   |           | Variação das Safras 2025 e 2024 |              |
|--------------------------|--------------|-----------|--------------|-----------|---------------------------------|--------------|
|                          | Produção (t) | Part. (%) | Produção (t) | Part. (%) | Absoluta                        | Relativa (%) |
| Norte                    | 18.187.566   | 6,2       | 20.183.657   | 6,1       | 1.996.091                       | 11,0%        |
| Nordeste                 | 25.792.907   | 8,8       | 28.052.708   | 8,5       | 2.259.801                       | 8,8%         |
| Maranhão                 | 6.635.556    | 2,3       | 7.521.140    | 2,3       | 885.584                         | 13,3%        |
| Piauí                    | 5.780.393    | 2,0       | 5.742.649    | 1,7       | -37.744                         | -0,7%        |
| Ceará                    | 518.070      | 0,2       | 742.485      | 0,2       | 224.415                         | 43,3%        |
| Rio Grande do Norte      | 36.134       | 0,0       | 51.042       | 0,0       | 14.908                          | 41,3%        |
| Paraíba                  | 73.170       | 0,0       | 149.778      | 0,0       | 76.608                          | 104,7%       |
| Pernambuco               | 183.890      | 0,1       | 125.508      | 0,0       | -58.382                         | -31,7%       |
| Alagoas                  | 134.975      | 0,0       | 197.036      | 0,1       | 62.061                          | 46,0%        |
| Sergipe                  | 1.049.624    | 0,4       | 1.031.896    | 0,3       | -17.728                         | -1,7%        |
| Bahia                    | 11.381.095   | 3,9       | 12.491.174   | 3,8       | 1.110.079                       | 9,8%         |
| Sudeste                  | 25.816.536   | 8,8       | 29.323.062   | 8,9       | 3.506.526                       | 13,6%        |
| Sul                      | 78.342.460   | 26,8      | 85.310.767   | 26,0      | 6.968.307                       | 8,9%         |
| Centro-Oeste             | 144.566.392  | 49,4      | 165.502.458  | 50,4      | 20.936.066                      | 14,5%        |
| Brasil                   | 292.705.861  | 100,0     | 328.372.652  | 100,0     | 35.666.791                      | 12,2%        |

Fonte: IBGE - Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (2025). Elaboração: BNB/Etene.  
Nota (1): Participação das regiões e estados em relação ao País.

Regionalmente, Centro-Oeste apresenta maior ganho na Safra 2025, devido aos pacotes tecnológicos alinhados às boas condições climáticas, assim, resultando aumento na produção de grãos em 20,9 milhões de toneladas de grãos, avanço de 14,5% frente à safra anterior. Em seguida, registra-se também aumento da produção de grãos no Sul (+6,9 milhões t), Sudeste (+3,5 milhões t), Nordeste (+2,2 milhões t) e Norte (+1,9 milhão de toneladas).

Em termos de participação, Centro-Oeste permanece como maior produtor nacional de grãos, atingindo 165,5 milhões de toneladas de grãos, cerca de 50,4% do total produzido no País. Na sequência, o Sul, com produção de 85,3 milhões de toneladas, participa com 26,0% da produção nacional em 2025; Sudeste atingiu produção de 29,3 milhões de toneladas (8,9%); Nordeste registra 28,0 milhões de toneladas (8,5% do total) e Norte, com produção de 20,1 milhões de toneladas de grãos, participará com 6,1% do total de grãos produzidos no Brasil.

Quanto à produção de grãos no País, os resultados para a Safra 2025 são bastante promissores para as culturas, praticamente todas as culturas de grãos deverão registrar crescimento da produção. Destacam-se em crescimento as produções de amendoim (+47,0%), soja (+13,3%), arroz (+12,2%) e milho (+11,8%).

Para os demais produtos agrícolas, no País, destacam-se em crescimento a produção das culturas do fumo (+25,2%), uva (+16,7%), mandioca (+6,5%), laranja (+4,5%), banana (+2,7%) e cacau (+1,5%), conforme dados da Tabela 2.2.

Tabela 2.2 – Principais produtos da Safra no Brasil e Nordeste (Em mil toneladas) – 2024 e 2025

| Principais Lavouras     | Brasil      |             |          | Nordeste   |            |          | Part. (%)<br>NE / BR |
|-------------------------|-------------|-------------|----------|------------|------------|----------|----------------------|
|                         | Safra 2024  | Safra 2025  | Var. (%) | Safra 2024 | Safra 2025 | Var. (%) |                      |
| Cereais, leguminosas... | 292.705.861 | 328.372.652 | 12,2     | 25.792.907 | 28.052.708 | 8,8      | 8,5                  |
| Algodão                 | 8.866.378   | 9.111.538   | 2,8      | 2.012.913  | 2.067.348  | 2,7      | 22,7                 |
| Amendoim                | 793.832     | 1.166.623   | 47,0     | 11.707     | 12.116     | 3,5      | 1,0                  |
| Arroz                   | 10.591.604  | 11.886.555  | 12,2     | 348.968    | 354.177    | 1,5      | 3,0                  |
| Feijão                  | 3.099.161   | 3.232.785   | 4,3      | 493.101    | 543.785    | 10,3     | 16,8                 |
| Mamona                  | 31.717      | 33.287      | 5,0      | 29.947     | 31.473     | 5,1      | 94,6                 |
| Milho                   | 114.703.192 | 128.248.915 | 11,8     | 8.003.100  | 8.887.432  | 11,0     | 6,9                  |
| Soja                    | 144.946.662 | 164.192.799 | 13,3     | 15.349.839 | 16.683.826 | 8,7      | 10,2                 |
| Sorgo                   | 3.985.503   | 4.113.177   | 3,2      | 293.549    | 244.174    | -16,8    | 5,9                  |
| Trigo                   | 7.530.249   | 8.058.584   | 7,0      | 34.818     | 34.644     | -0,5     | 0,4                  |
| Banana                  | 6.995.034   | 7.186.692   | 2,7      | 2.567.222  | 2.662.940  | 3,7      | 37,1                 |
| Batata - inglesa        | 4.507.809   | 4.517.036   | 0,2      | 334.587    | 340.117    | 1,7      | 7,5                  |
| Cacau                   | 287.784     | 292.242     | 1,5      | 111.288    | 119.063    | 7,0      | 40,7                 |
| Café                    | 3.425.399   | 3.301.878   | -3,6     | 249.891    | 266.812    | 6,8      | 8,1                  |
| Cana-de-açúcar          | 706.720.425 | 697.247.766 | -1,3     | 58.917.874 | 56.024.998 | -4,9     | 8,0                  |
| Castanha-de-caju        | 161.014     | 141.111     | -12,4    | 160.373    | 140.412    | -12,4    | 99,5                 |
| Fumo                    | 626.649     | 784.608     | 25,2     | 24.673     | 28.044     | 13,7     | 3,6                  |
| Laranja                 | 12.216.934  | 12.761.801  | 4,5      | 1.113.469  | 1.105.202  | -0,7     | 8,7                  |
| Mandioca                | 19.059.194  | 20.295.651  | 6,5      | 4.236.317  | 4.590.530  | 8,4      | 22,6                 |
| Tomate                  | 4.666.924   | 4.711.894   | 1,0      | 729.910    | 555.162    | -23,9    | 11,8                 |
| Uva                     | 1.763.397   | 2.057.103   | 16,7     | 812.762    | 818.186    | 0,7      | 39,8                 |

Fonte: IBGE - Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (2025). Elaboração: BNB/Etene.  
Nota: (1) Estão incluídos algodão herbáceo, amendoim, arroz, aveia, centeio, cevada, feijão, mamona, milho, soja, girassol, sorgo, trigo e triticale.

Na Região Nordeste, a Safra de 2025 deverá atingir 28,0 milhões de toneladas, crescimento de +8,5%, aumento em +2,2 milhões de toneladas frente à safra de 2024. Destacam-se nos aumentos em Bahia (+1,8 milhão t), Maranhão (+885,5 mil t), seguido por Ceará (+224,4 mil t), Paraíba (+76,6 mil t), Alagoas (+62,0 mil t) e Rio Grande do Norte (+14,9 mil t), vide Tabela 2.1.

Na Safra 2025, Bahia deverá permanecer como o maior produtor de grãos regional, produzindo 12,5 milhões de toneladas, cerca de 44,5% da produção regional de grãos; na sequência, Maranhão com previsão de produção de 7,5 milhões de toneladas de grãos, aproximadamente 26,8% da produção regional.

No Nordeste, as estimativas das produções de soja e milho serão de 16,6 e 8,9 milhões de toneladas para a Safra de 2025, respectivamente. As culturas deverão impulsionar a produção regional de grão na Região, devendo apresentar incremento de 1.333,9 e 884,3 mil toneladas, relativos à safra passada.

Quanto ao crescimento da produção de grãos no Nordeste, milho deverá apresentar o maior crescimento, avanço em 11,0% frente à safra passada. Na sequência, feijão (+10,3%, superior à média nacional, +4,3%), soja (+8,7%), mamona (+5,1%) e amendoim (+3,5%), vide Tabela 2.2.

Na produção de soja, Bahia permanecerá como maior produtor de soja do Nordeste, com projeção de 8,6 milhões de toneladas, (51,6% da produção regional de soja), e em sétimo lugar no País em 2025. Regionalmente, Maranhão continua como o segundo maior produtor (4.4 milhões t).

Na produção de milho, Maranhão deverá seguir na liderança da produção regional, com estimativa de 2,7 milhões de toneladas de milho (30,5% da produção regional de milho) e oitavo maior produtor nacional de milho. O estado da Bahia permanecerá como o segundo maior produtor regional de milho, com produção de 2,3 milhões de toneladas (26,7% da produção regional de milho).

No Nordeste, as demais lavouras, tanto temporárias quanto as permanentes, se destacam em crescimento na produção de fumo (+13,7%), mandioca (+8,4%), cacau (+7,0%), café (+6,8%), apesar de ser um ano de bialidade negativa), banana (+3,7%), batata-inglesa (+1,7%) e uva (+0,7%), Tabela 2.2.

Em relação aos demais produtos agrícolas na Região Nordeste, excetuando grãos, se destacarão em crescimento a produção de fumo, avanço de 13,7% frente à safra passada. Na sequência, têm-se os crescimentos do plantio da castanha da mandioca (+8,4%), cacau (+7,0%), café (+6,8%), banana (+3,7%), batata-inglesa (+1,7%) e uva (+0,7%).

Em 2024, diversos problemas climáticos afetaram as principais lavouras e importantes áreas produtoras do País. No entanto, as condições climáticas estão favorecendo na Safra 2025, principalmente nas lavouras de soja e milho. Com o clima mais chuvoso nesta safra que deverá propiciar um bom desenvolvimento das lavouras, assim devendo registrar crescimentos significativos, com produções recordes para soja e milho.

Além do fator clima, as negociações de soja e milho estão mais intensas, com o aumento da demanda externa e preocupações com estoques curtos.

Quanto ao Consumo global de soja, tende a se voltar para o Brasil diante da disponibilidade elevada no País. No entanto, requer cautela, pois o ambiente é de oferta de soja nacional recorde e de aumento na oferta de soja na Argentina.

Vale ressaltar que a expectativa de vendas externas de soja é alta para os próximos meses. Em abril, o Brasil exportou 15,27 milhões de toneladas de soja, crescimento de 4,2% sobre o volume de março e 4,2% acima do exportado há um ano, de acordo com a Secex. Trata-se do terceiro maior volume de soja escoado pelo País, atrás apenas do de junho/23 (15,58 milhões de toneladas) e de abril/21 (16,11 milhões de toneladas). Como consequência, os produtores nacionais deverão aproveitar a valorização da commodity para intensificar as vendas no spot nacional.

## 2.2 Pecuária

Para 2025, as expectativas para o setor agropecuário serão de crescimento, impulsionado pela recuperação da produção de grãos, com recorde de safra, aumento na produção da pecuária, eficiência e produtividade do setor. A estimativa de crescimento para a Pecuária foi influenciada principalmente pela produção de bovinos, com peso significativo, será determinante no Valor Bruto da Produção da Pecuária. Mesmo com oferta de carne bovina em excesso, os preços seguem valorizados. Desta forma, diante da expectativa do aumento da produção e aumento dos preços da carne bovina, projeta-se crescimento no VBP da bovinocultura em +21,8%, em comparação com 2024; para a avicultura o crescimento será de 6,5%, seguida por suínos (4,6%) e leite (2,2%), segundo dados do Ministério da Agricultura e Pecuária (2025).

O cenário interno positivo tem contribuído para que o País continue como um dos principais produtores do setor no mercado internacional. Tanto os alimentos quanto os insumos agrícolas empreendem progressivamente como instrumentos geopolíticos de poder nas relações entre os países. Nessa conjunção, após a instabilidade geopolítica internacional devido o conflito entre Rússia e Ucrânia no início de 2022, desde então, os mercados voltaram a equilibrar.

Nessa conjuntura, o setor da pecuária nacional vem sendo impulsionada diante de fatores externos. A estimativa de sustentação de valorização das cotações da arroba do boi gordo para abate vem impulsionada pela demanda dos brasileiros. A procura do mercado externo ainda segue aquecida, na expectativa de aumento de consumo da carne bovina pela China.

No mercado brasileiro, os insumos agropecuários e alguns dos principais itens da produção da pecuária sinalizaram recuperação em seus volumes tanto no País, quanto na Região Nordeste. Este cenário inicial se sustenta com as evidências dos primeiros resultados para 2025 publicado pelo IBGE, em que o 1º trimestre de 2025 demonstra essa tendência de crescimento.

Bovinos

No País, a quantidade de bovinos abatidos no 1º trimestre de 2025 cresceu 4,6%, frente ao mesmo trimestre do ano anterior, conforme dados da Tabela 2.3 (IBGE). Foram abatidos, em média, 9,8 milhões de cabeças de bovinas no País, recorde de acordo com a série histórica iniciada em 1997 (Tabela 2.3).

Para este período, o aumento quantidade de bovinos abatidos foi induzido principalmente pela aquecida demanda internacional por carne bovina do Brasil, que elevaram os investimentos. Segundo a Secretaria de Comércio Exterior, entre janeiro e março de 2025, tanto a quantidade de carne exportada (+12%) quanto o preço médio do quilo exportado (+8,6%) cresceram, assim, gerando em uma receita de U\$ 3,2 bilhões no período em análise.

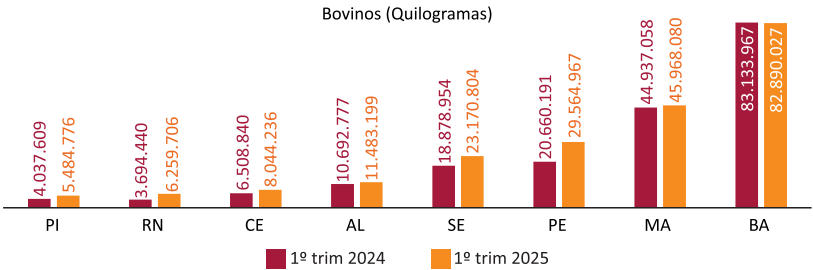
Tabela 2.3 – Número de animais abatidos e peso das carcaças de bovinos, suínos e frangos e produção de ovos de galinha - Brasil e Nordeste - 1º trimestre de 2024 e 2025

| Abate de Animais,<br>Aquisição de Leite,<br>Aquisição de Couro Cru<br>e Produção de Ovos de<br>Galinha | 1º trimestre de 2025 |            |         | 1º trimestre de 2024 |            |         | Variação (%) 1º<br>trimestre 2025 / 2024 |          |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------|------------|---------|----------------------|------------|---------|------------------------------------------|----------|
|                                                                                                        | Brasil               | Nordeste   | % NE/Br | Brasil               | Nordeste   | % NE/Br | Brasil                                   | Nordeste |
| Número de animais abatidos (Mil cabeças ou carcaças)                                                   |                      |            |         |                      |            |         |                                          |          |
| Bovinos                                                                                                | 9.433.520            | 766.126    | 8,1     | 9.869.129            | 850.197    | 8,6     | 4,6                                      | 11,0     |
| Suínos                                                                                                 | 14.094.182           | 161.520    | 1,1     | 14.325.167           | 169.113    | 1,2     | 1,6                                      | 4,7      |
| Frangos                                                                                                | 1.602.257.514        | 66.163.914 | 4,1     | 1.639.422.977        | 69.016.377 | 4,2     | 2,3                                      | 4,3      |
| Peso das carcaças (Toneladas)                                                                          |                      |            |         |                      |            |         |                                          |          |
| Bovinos                                                                                                | 2.431.474            | 196.350    | 8,1     | 2.485.592            | 212.866    | 8,6     | 2,2                                      | 8,4      |
| Suínos                                                                                                 | 1.292.416            | 13.344     | 1,0     | 1.319.667            | 13.618     | 1,0     | 2,1                                      | 2,1      |
| Frangos                                                                                                | 3.386.521            | 134.803    | 4,0     | 3.471.879            | 147.945    | 4,3     | 2,5                                      | 9,7      |
| Leite (Mil litros)                                                                                     |                      |            |         |                      |            |         |                                          |          |
| Adquirido                                                                                              | 6.280.522            | 546.470    | 8,7     | 6.491.076            | 603.096    | 9,3     | 3,4                                      | 10,4     |
| Industrializado                                                                                        | 6.275.848            | 546.395    | 8,7     | 6.484.152            | 602.859    | 9,3     | 3,3                                      | 10,3     |
| Ovos (Mil dúzias)                                                                                      |                      |            |         |                      |            |         |                                          |          |
| Produção                                                                                               | 1.104.775            | 192.093    | 17,4    | 1.196.919            | 209.254    | 17,5    | 8,3                                      | 8,9      |

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Abate de Animais, Pesquisa Trimestral do Leite, Pesquisa Trimestral do Couro e Produção de Ovos de Galinha (2025). Elaboração: BNB/Etene.

Na Região Nordeste, que representa 8,6% do quantitativo de bovinos abatidos no País, registrou considerável acréscimo de +11,0%, em comparação ao 1º trimestre de 2024. Nesse período, Rio Grande do Norte (+64,9%) destaca-se em crescimento, seguido por Pernambuco (+43,6%), Piauí (+36,6%) e Sergipe (+28,6%). Em relação ao 1º trimestre de 2024, foram abatidas 84,0 mil bovinos a mais no Nordeste, com destaque para Pernambuco (+33,1 mil cabeças de bovinos), seguido por Sergipe (+18,5 mil cabeças de bovinos) e Maranhão (+12,9 mil cabeças de bovinos). Desta forma, em participação, Bahia (38,3%) marca como o maior abatedor de bovinos na Região, na sequência, Maranhão (22,7%), Pernambuco (12,8%) e Sergipe (9,8%).

Gráfico 2.1 – Peso das carcaças de bovinos- Estados do Nordeste - 1º trimestre de 2024 e 2025



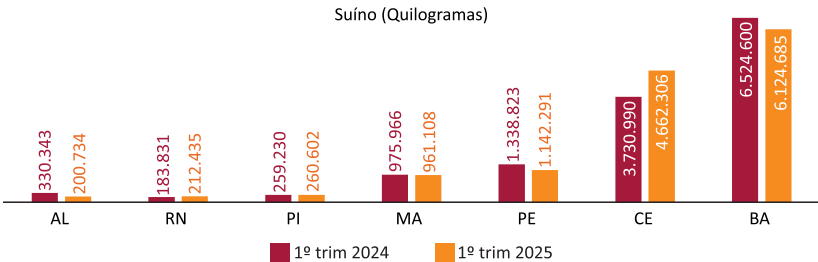
Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Abate de Animais, Pesquisa Trimestral do Leite, Pesquisa Trimestral do Couro e Produção de Ovos de Galinha (2025). Elaboração: BNB/Etene.

Suíños

No País (+1,6%), o quantitativo de suínos abatidos apresentou crescimento nos comparativos entre o primeiro trimestre de 2025 e 2024. Com maior demanda por carne suína no mercado interno e externo, a oferta não acompanhou o ritmo, assim, registraram-se aumentos pontuais nos preços da carne suína. De acordo com dados da Secretaria de Comércio Exterior, no acumulado de janeiro a março de 2025, registrou aumento do volume exportado de carne suína de 16,4%, frente ao mesmo período de 2024, com 336,8 mil de toneladas de carne embarcadas.

Para produção de Suínos, o Nordeste registrou crescimento de 4,7% no quantitativo de suínos abatidos, frente ao mesmo trimestre do ano anterior. Este fato deriva pelo aumento da demanda por carne suína, diante da crescente inflação dos preços da carne bovina.

Gráfico 2.2 – Peso das carcaças de suínos - Estados do Nordeste - 1º trimestre de 2024 e 2025



Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Abate de Animais, Pesquisa Trimestral do Leite, Pesquisa Trimestral do Couro e Produção de Ovos de Galinha (2025). Elaboração: BNB/Etene.

No 1º trimestre de 2025, entre os produtores dos abates suínos na Região, Bahia desponta com o maior rebanho (peso regional de 41,7%), em seguida, Ceará (peso regional de 33,3%) e Pernambuco (10,6% do peso regional). Quanto ao crescimento, Ceará registra maior acréscimo do número de animais abatidos (+12,6 mil suínos abatidos, +29,4%, frente ao período anterior).

Frangos

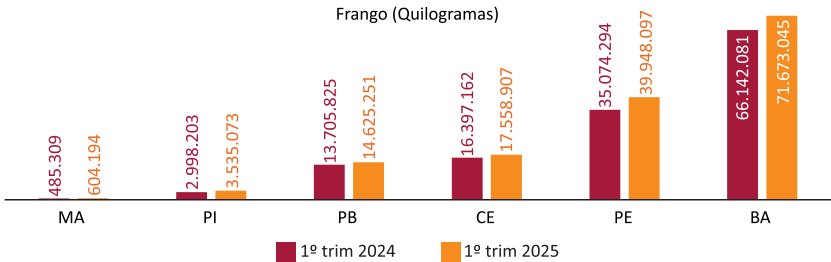
No 1º trimestre de 2025, o total de frangos abatidos no País correspondeu a 3,4 milhões de toneladas, ampliação em +2,5%, comparado ao mesmo período do ano anterior. Este fato se deve ao aumento tanto da demanda doméstica como também da externa. No mercado internacional, em 2025, as exportações de carne de frango registraram alta de 13,7%, frente ao mesmo período anterior, atingindo 1,38 milhão de toneladas e receita de 2,587 bilhões (Secex/ME). Ainda assim, o Brasil responde por quase 35% das vendas mundiais da carne de frango (USDA).

Para o Nordeste, o cenário apresentou-se favorável no abate de frangos para o 1º trimestre de 2025, acréscimo no total do peso das carcaças de frango foi de +9,7%, aumento de 13,1 mil de toneladas, frente ao mesmo período do ano anterior. O quantitativo do peso das carcaças de frango abatidos chegou em

147.945 mil toneladas de frango, resultado fortemente determinado pelo crescimento do abate de frangos nos estados da Bahia e Pernambuco.

Na Bahia, o maior produtor de frangos da Região, com peso regional em 48,4%, registrou crescimento na produção de frangos em 5,5 mil toneladas no 1º trimestre de 2025 frente ao mesmo trimestre do ano anterior, chegando a produzir 71.673 mil toneladas de frango.

Gráfico 2.3 – Peso das carcaças de frangos- Estados do Nordeste - 1º trimestre de 2024 e 2025



Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Abate de Animais, Pesquisa Trimestral do Leite, Pesquisa Trimestral do Couro e Produção de Ovos de Galinha (2025). Elaboração: BNB/Etene.

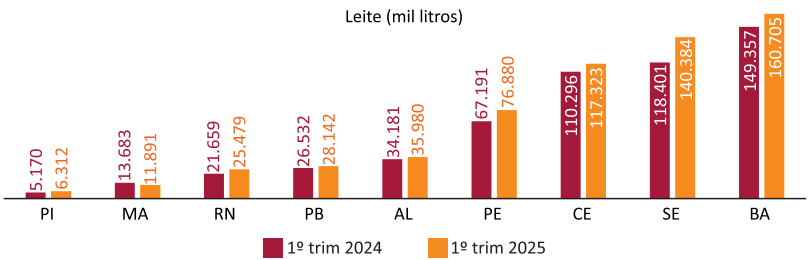
Em Pernambuco, o abate de frango obteve acréscimo de 4,8 mil toneladas, ou seja, crescimento de +13,9% frente ao 1º trimestre de 2024, chegando a produzir 39,9 mil toneladas de frango. Além de permanecer como o segundo maior produtor de carne de frango da Região, produzindo cerca de 27,0% do total do abate de frango, atrás apenas de Bahia, que produziu cerca de 48,4%.

Produção de Leite

Quanto à produção de leite no País, verificou-se aumento da aquisição tanto para o cru (+34%) quanto para o industrializado (+3,3%), frente ao 1º trimestre de 2024. A aquisição nacional de leite foi positivamente impactada sobretudo devido à alta procura e valorização do produto no mercado interno.

No Nordeste, que representa 9,3% da produção nacional, foram captados cerca de 603,0 milhões de litros de leite cru e 602,8 milhões de litros de leite industrializado no 1º trimestre de 2025. Comparativamente ao mesmo trimestre de 2024, o acréscimo foi de 56,6 milhões de leite cru e de 56,4 milhões de litros de leite industrializado na Região, representando aumento de +10,4% para o leite cru e +10,3% para o leite industrializado.

Gráfico 2.4 – Produção de leite - Estados do Nordeste - 1º trimestre de 2024 e 2025



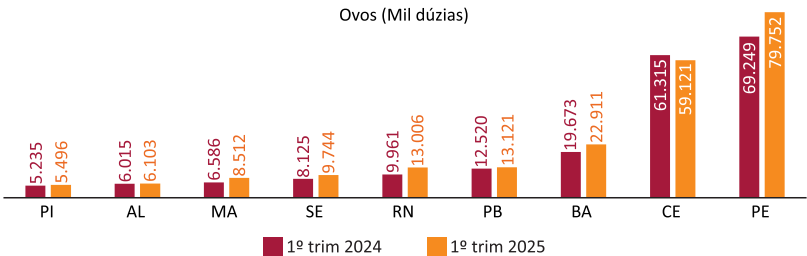
Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Abate de Animais, Pesquisa Trimestral do Leite, Pesquisa Trimestral do Couro e Produção de Ovos de Galinha (2025). Elaboração: BNB/Etene.

Entre os Estados da Região, se destacam no crescimento na produção de lei cru: Sergipe (+21,9 milhões de litros), Bahia (+11,3 milhões de litros) e Ceará (+7,0 milhões de litros). Em termos de participação do total regional, Bahia permanece como maior produtor regional de leite, com participação de 26,6% da produção regional, seguido por Sergipe (23,3% do peso regional) e Ceará (19,5%).

Produção de Ovos

A produção de ovos de galinha no País foi de 1,2 bilhão de dúzias, no 1º trimestre de 2025. No Nordeste, a produção chegou em 219,2 milhões de dúzias de ovos, crescimento de +8,9% ante ao 1º trimestre do ano anterior, valor superior à média nacional, que foi de +8,3%, no período em análise.

Gráfico 2.5 – Produção de ovos de galinha - Estados do Nordeste - 1º trimestre de 2024 e 2025



Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Abate de Animais, Pesquisa Trimestral do Leite, Pesquisa Trimestral do Couro e Produção de Ovos de Galinha (2025). Elaboração: BNB/Etene.

Na Região, embora o setor continue sendo impactado pela alta dos custos de produção, a demanda regional por ovos de galinha segue aquecida.

Entre os Estados, Pernambuco (+10,5 milhões de dúzias de ovos) e Bahia (+3,2 milhões de dúzias de ovos) apresentaram significativos acréscimos na produção de ovos de galinha, em relação ao 1º trimestre de 2024. Neste cenário, Pernambuco continua como maior produtor de ovos da Região, com produção de 79,7 milhões de dúzias, cerca de 38,1% da produção regional de ovos de galinha, seguido por Ceará, com produção de 59,1 milhões de dúzias de ovos, cerca de 28,3% da produção regional de ovos de galinha.

## 3 Produção Industrial

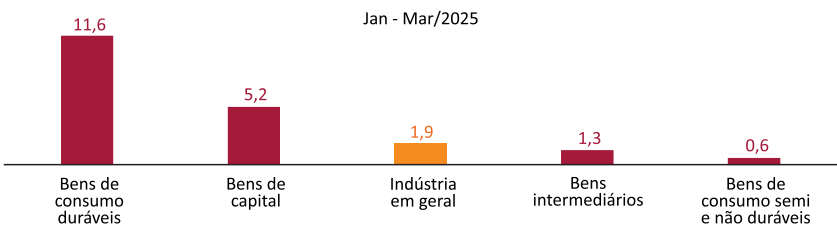
### 3.1 Atividade Industrial do Brasil

A produção industrial avançou (1,2%) em março de 2025, frente ao mês anterior, após registrar estabilidade em janeiro de 2025 (0,1%) e fevereiro. Conforme ressalta o IBGE, com esse resultado, a indústria se encontra 2,8% acima do nível pré-pandemia (fevereiro de 2020), mas ainda 14,4% abaixo do nível recorde da série histórica, de maio de 2011.

Frente a iguais períodos do ano anterior, observou-se aumento de 3,1% em março de 2025 (décimo mês seguido de crescimento nessa base de comparação), bem como em relação ao primeiro trimestre (1,9%) e na taxa anualizada encerrada em março (3,1%), que intensificou o ritmo de crescimento frente aos resultados de fevereiro (2,6%) e janeiro de 2025 (2,9%).

A taxa do 1º trimestre do ano (1,9%) refletiu o avanço nas 4 grandes categorias econômicas (Gráfico 3.1): bens de consumo duráveis (11,6%), bens de capital (5,2%), bens intermediários (1,3%) e bens de consumo semi e não duráveis (0,6%). Nestes, além do elevado crescimento dos bens duráveis (11,6%), com destaque para a produção de automóveis (8,7%) e eletrodomésticos (14,2%); chama atenção a elevação de 5,2% dos bens de capital. Importante termômetro das expectativas da economia, direcionado à ampliação e modernização da capacidade produtiva nacional, o crescimento deste macrossetor reflete o planejamento para aumentar a oferta produtiva do País, contribuindo para a geração de emprego e renda, mas também para fazer frente a expectativa de demanda, contribuindo para um maior equilíbrio nos preços.

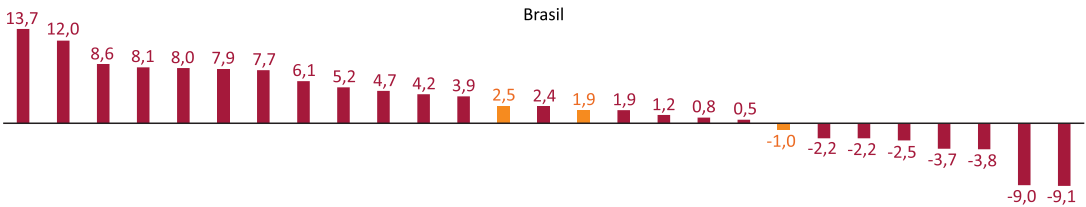
Gráfico 3.1 – Taxa de crescimento da produção industrial, por grandes categorias econômicas (%) – Brasil – Acumulado de Jan-Mar de 2025 (Base: igual período do ano anterior)



Fonte: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal (2025). Elaboração: BNB/Etene.

Quanto ao desempenho dos setores e atividades no acumulado do ano (1,9%), houve recuo na indústria extrativa (-1,0%), mas avanço na de transformação (2,5%) com disseminação de resultados positivos alcançando 17 de suas 24 atividades (Gráfico 3.2).

Gráfico 3.2 – Taxa de crescimento da produção industrial por seções e atividades (%) - Brasil – Acumulado de Jan-Mar de 2025 (Base: igual período do ano anterior)



Fonte: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal (2025). Elaboração: BNB/Etene.

Destaque para veículos (8,6%), máquinas e equipamentos (12,0%) e produtos químicos (5,2%). Dentre os registros negativos, derivados do petróleo e biocombustíveis (-2,5%) exerceu a maior influência na formação da média da indústria, pressionado, principalmente, pela menor produção de óleo diesel.

3.2 Análise e perspectiva

A Sondagem Industrial da CNI apontou que, em março de 2025 frente a fevereiro, o setor apresentou redução no número de empregados e estabilidade na utilização da capacidade instalada (UCI). Esta ficou em 69% pelo terceiro mês seguido, mas 1 p.p. (ponto percentual) acima das registradas, respectivamente, nos mesmos meses de 2024, o que sugere melhor dinamismo neste ano, comparado ao ano anterior. Contudo, a percepção dos empresários quanto às condições financeiras das empresas passou de satisfação para insatisfação, na passagem do quarto trimestre de 2024 para o primeiro trimestre de 2025, com aprofundamento da insatisfação com o lucro operacional e da dificuldade de acesso ao crédito, mas percepção menos intensa de aumento nos preços de matérias-primas.

Dentre os problemas enfrentados no primeiro trimestre, os mais apontados pelos empresários foram os altos valores da carga tributária e da taxa de juros e a demanda interna insuficiente. Logo em seguida, destacou-se a falta de trabalhador qualificado, que veio lentamente ganhando maior importância no ranking nos últimos cinco anos.

Embora parte dos indicadores de expectativa tenham perdido intensidade em abril, todos eles - exportação, número de empregados, demanda e compra de matérias-primas - seguem positivos (acima dos 50 pontos, conforme metodologia da pesquisa), indicando expectativa de aumento para os próximos seis meses. A expectativa arrefecida influenciou o índice de intenção de investimento que também recuou em abril, mas se manteve acima da média histórica da série. Além disso, os estoques de produtos acabados da indústria caíram em março, ficando ainda mais abaixo do patamar planejado pelas empresas, sugerindo a necessidade de recomposição de estoques. Todos estes aspectos apontam para a possibilidade de aumento da produção futura, contribuindo para uma expectativa de crescimento ao longo do ano.

Nesta perspectiva, previsões de mercado têm apontado para novo crescimento da indústria em 2025, contudo reduzindo o ritmo observado em 2024 (3,1%). As “Projeções LCA”, por exemplo, indicam crescimento de 1,6% para a indústria em geral, com taxas positivas para as 4 grandes categorias econômicas, bem como para indústria extrativa (2,2%) e de transformação (1,2%).

3.3 Atividade Industrial Nordeste

No mês de março, a indústria do Nordeste andou na contramão do avanço nacional (Tabela 3.1), tanto em relação ao mês anterior (-4,1%), quanto em relação a março de 2024 (-4,8%) e no acumulado trimestral (-4,2%). Apesar dos recuos, a taxa anualizada encerrada em março de 2025 registrou crescimento (1,8%), ainda que abaixo da média do País (3,1%).

Tabela 3.1 – Taxa de crescimento da produção industrial (%) – Brasil e Nordeste – Mês de referência: Março de 2025

| Locais   | Março 2025/<br>Fevereiro 2025 | Março 2025/ Março<br>2024 | Acumulado<br>Janeiro-Março | Acumulado nos<br>Últimos 12 Meses |
|----------|-------------------------------|---------------------------|----------------------------|-----------------------------------|
| Brasil   | 1,2                           | 3,1                       | 1,9                        | 3,1                               |
| Nordeste | -4,1                          | -4,8                      | -4,2                       | 1,8                               |

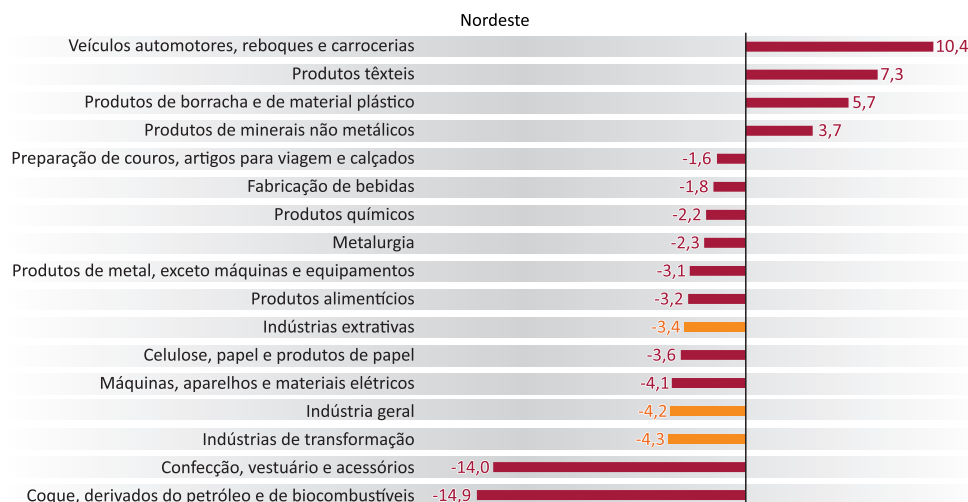
Fonte: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal (2025). Elaboração: BNB/Etene.

Comparando com a dinâmica exatamente anterior à pandemia (fevereiro de 2020), a defasagem da indústria da Região se agravou na passagem de fevereiro para março de 2025: a produção passou de 19,3% para 23,4% a menos do que a realizada antes da crise sanitária. Já em âmbito nacional, a produção superou ainda mais o patamar mencionado, passando de 1,1% para 2,8% acima da produção observada em fevereiro de 2020.

Cabe destacar que a maioria dos locais pesquisados pelo IBGE ficaram no negativo no acumulado do ano (10 dos 18 locais divulgados pela pesquisa). O recuo no Nordeste (-4,2%) representou a quinta menor taxa do País e refletiu também o baixo dinamismo da maioria de seus estados individuais.

Dentre as seções e atividades regionais (Gráfico 3.3), houve redução disseminada, atingindo a indústria extrativa (-3,4%) e 10 das 14 atividades pesquisadas da indústria de transformação. Contudo, a média (-4,2%) foi fortemente influenciada pelo setor de refino e biocombustíveis (-14,9%) e alimentos (-3,2%). Por outro lado, a maior influência positiva veio de veículos automotores que teve crescimento expressivo (10,4%).

Gráfico 3.3 – Taxa de crescimento da produção industrial, por seções e atividades (%) – Nordeste – Acumulado janeiro-março de 2025 (Base: igual período do ano anterior)



Fonte: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal (2025). Elaboração: BNB/Etene.

### 3.4 Análise do comportamento industrial regional

O recuo da indústria do Nordeste, em março (-4,8%), foi o terceiro seguido na comparação interanual e impactou o resultado trimestral que interrompeu uma sequência de três trimestres no positivo: 1,2% no 2T/24; 5,5% no 3T/24; 4,4% no 4T/24, e -4,2% no 1T/25.

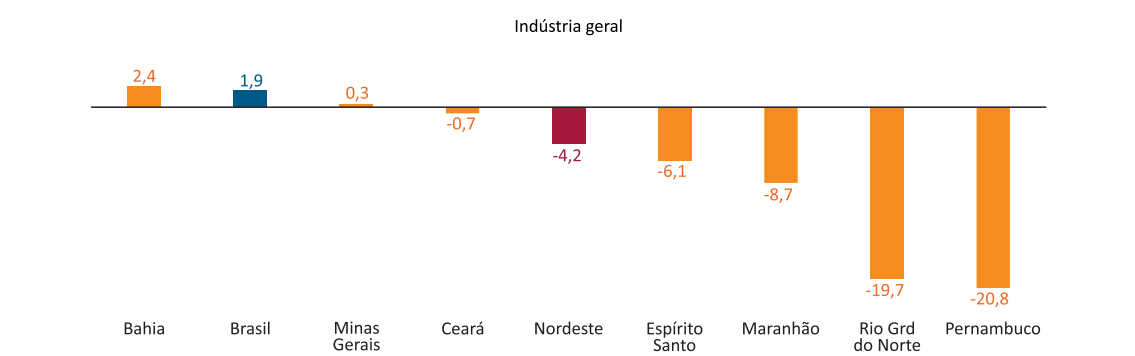
Os dados da pesquisa Sondagem Industrial da CNI complementam a percepção sobre a indústria local. Na passagem de fevereiro para março de 2025, houve redução no número de empregados de forma mais intensa e disseminada do que já vinha acontecendo ao longo do ano. A utilização da capacidade instalada (UCI) da indústria do Nordeste também diminuiu, de 72% para 69% no mesmo período. Adicionalmente, na avaliação dos empresários da Região, a situação financeira piorou no 1º trimestre do ano, frente ao trimestre anterior: a insatisfação com o lucro operacional ficou mais intensa, bem como a dificuldade de acesso ao crédito. Consideraram, contudo, que as matérias-primas ficaram mais baratas.

Apesar dos resultados pouco animadores, as expectativas dos empresários do Nordeste para os próximos seis meses continuaram otimistas em abril de 2025 (acima dos 50 pontos), apesar das variações de intensidade. Ficaram menos otimistas as expectativas de demanda, de exportação e de número de empregados. Ganham otimismo as expectativas de compras de matérias-primas e de investimento.

### 3.5 Atividade Industrial nos Estados da área de atuação do BNB

No primeiro trimestre de 2025, a indústria nacional registrou redução em 10 dos 18 locais pesquisados pelo IBGE, sendo seis deles pertencentes à área de atuação do Banco do Nordeste. Dentre os cinco estados do Nordeste divulgados pela pesquisa, apenas Bahia (2,4%) avançou (Gráfico 3.4). Além deste, somente o Ceará (-0,7%) superou a média da Região (-4,2%) que foi puxada por Maranhão (-8,7%), Rio Grande do Norte (-19,7%) e Pernambuco (-20,8%), respectivamente, as três menores taxas do País. Nos demais estados da área de atuação do Banco do Nordeste, Espírito Santo também recuou (-6,1%) e Minas Gerais ficou relativamente estável (0,3%).

Gráfico 3.4 – Taxa de crescimento da produção industrial (%) – Brasil, Nordeste e estados da área de atuação do BNB – Acumulado janeiro-março de 2025 (Base: igual período do ano anterior)



Fonte: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal (2025). Elaboração: BNB/Etene.

Assim como na média regional, o desempenho do setor de refino e biocombustível foi crucial no desempenho dos estados. No Ceará (-0,7%), que vem registrando variações setoriais intensas, o segmento caiu 25,2%, acompanhado por vestuário (-20,8%). Em Pernambuco (-20,8%) e no Rio Grande do Norte (-19,7%), a queda na referida atividade (-89,8% e -28,0%, respectivamente) foi o grande responsável pelos fortes recuos na indústria em geral (Tabela 3.2).

Tabela 3.2 – Taxa de crescimento da produção industrial, por seções e atividades – Brasil, Nordeste e Estados da área de atuação do BNB – Acumulado de janeiro-março de 2025 (Base: igual período do ano anterior).

|                                                                                         | Brasil | Nordeste | Maranhão | Ceará | Rio Grd do Norte | Pernam-buco | Bahia | Minas Gerais | Espírito Santo |
|-----------------------------------------------------------------------------------------|--------|----------|----------|-------|------------------|-------------|-------|--------------|----------------|
| Indústria geral                                                                         | 1,9    | -4,2     | -8,7     | -0,7  | -19,7            | -20,8       | 2,4   | 0,3          | -6,1           |
| Indústrias extrativas                                                                   | -1,0   | -3,4     | -42,2    | -     | -0,2             | -           | -14,8 | -3,5         | -9,0           |
| Indústrias de transformação                                                             | 2,5    | -4,3     | -4,7     | -0,7  | -20,9            | -20,8       | 3,5   | 1,9          | -0,2           |
| Produtos alimentícios                                                                   | 0,8    | -3,2     | -4,0     | 6,8   | 11,9             | 0,3         | -4,4  | 1,5          | 0,1            |
| Bebidas                                                                                 | -3,8   | -1,8     | -12,7    | -2,9  | -                | 4,1         | 1,2   | 3,2          | -              |
| Produção de fumo                                                                        | -9,1   | -        | -        | -     | -                | -           | -     | 5,8          | -              |
| Produtos têxteis                                                                        | 13,7   | 7,3      | -        | 19,2  | -                | -           | -     | -            | -              |
| Confecção de vestuário e acessórios                                                     | 3,9    | -14,0    | -        | -20,8 | 3,5              | -           | -     | -            | -              |
| Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados | 0,5    | -1,6     | -        | 1,3   | -                | -           | -2,4  | -            | -              |
| Celulose, papel e produtos de papel                                                     | -3,7   | -3,6     | -9,4     | -     | -                | 1,9         | -2,2  | -2,5         | -1,9           |
| Coque, derivados do petróleo e de biocombustíveis                                       | -2,2   | -14,9    | -        | -25,2 | -28,0            | -89,8       | 10,9  | 3,1          | -              |
| Produtos químicos                                                                       | -9,0   | -2,2     | -        | 50,5  | -                | -3,2        | -7,0  | 16,7         | -              |
| Produtos de borracha e de material plástico                                             | -2,5   | 5,7      | -        | -     | -                | -6,0        | 2,9   | 1,5          | -              |
| Produtos de minerais não metálicos                                                      | 5,2    | 3,7      | -2,4     | 4,8   | -                | -7,2        | 12,2  | -3,6         | -5,4           |
| Metalurgia                                                                              | 7,9    | -2,3     | -0,9     | 28,1  | -                | -20,2       | 2,0   | -3,4         | 3,3            |
| Produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos                                       | 1,9    | -3,1     | -        | 0,2   | -                | -1,3        | -     | -1,1         | -              |
| Máquinas, aparelhos, materiais elétricos                                                | 2,4    | -4,1     | -        | -33,4 | -                | 12,9        | 33,4  | 0,0          | -              |
| Máquinas e equipamentos                                                                 | 4,7    | -        | -        | -     | -                | -           | -     | -10,6        | -              |
| Veículos automotores, reboques e carrocerias                                            | 4,2    | 10,4     | -        | -     | -                | 10,0        | -     | 15,7         | -              |
| Outros equipamentos de transporte, exceto veículos automotores                          | -2,2   | -        | -        | -     | -                | -62,1       | -     | -            | -              |

Fonte: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal (2025). Elaboração: BNB/Etene.

A indústria da Bahia (2,4%) avançou graças ao desempenho positivo desse setor (10,9%), enquanto observou redução em segmentos importantes de sua estrutura produtiva: indústria extrativa (-14,8%), alimentos (-4,4%) e produtos químicos (-7,0%).

A indústria do Maranhão (-8,7%) chamou atenção por ter apresentado recuo em todos os seus setores no trimestre. Na indústria de transformação (-4,7%) os principais destaques foram bebidas (-12,7%) e papel e celulose (-9,4%). Contudo, a maior influência no resultado decorreu da intensa retração na indústria extrativa (-42,2%).

A indústria extrativa também foi a principal responsável pela redução na indústria em geral do Espírito Santo (-6,1%), ao recuar 9,0% no trimestre. Contudo, a indústria de transformação do Estado também ficou no negativo (-0,2%), puxada pelos produtos de minerais não metálicos (-5,4%).

O setor extrativo (-3,5%) também puxou para baixo a taxa de crescimento trimestral da indústria de Minas Gerais (0,3%). Esta, contudo, compensou o resultado graças à indústria de transformação (1,9%) que contou, em especial, com o avanço em produtos químicos (16,7%) e veículos automotores (15,7%).

Pode-se admitir, portanto, que dois setores industriais foram fundamentais para o resultado dos estados da área de atuação do BNB, no acumulado de 2025: refino e biocombustíveis e extrativo. As retrações no primeiro, são em parte explicadas pelas paralisações programadas para manutenção que atingiram, por exemplo, Pernambuco e Ceará. No caso do Rio Grande do Norte, pesou a elevada base de comparação (o setor havia avançado 77,1% no 1º trimestre de 2024). Por seu turno, o desempenho industrial do Maranhão, Espírito Santo e Minas Gerais foi impactado pelo baixo dinamismo da indústria extrativa.

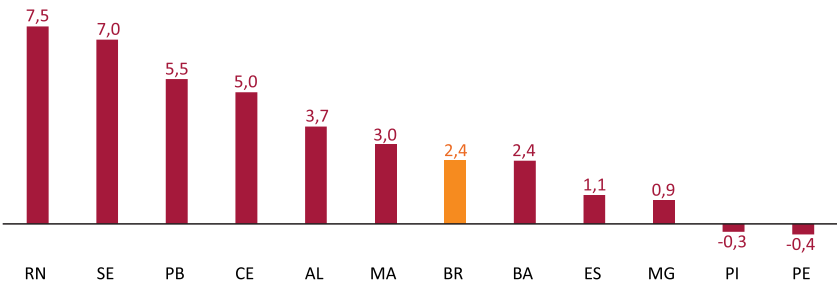
O resultado acumulado até março de 2025 reforça a defasagem industrial dos estados da área de atuação do BNB que, em sua maioria, estão muito aquém de seus respectivos potenciais. Tendo por base a produção em março de 2025, comparada à de fevereiro de 2020 (anterior à pandemia), apenas Minas Gerais conseguiu ultrapassar o patamar inicial, produzindo 15,6% a mais do que o nível observado exatamente antes da crise sanitária. Para os demais estados divulgados pelo IBGE, ainda não foi possível nem mesmo alcançar o desempenho anteriormente atingido, ressalte-se, há mais de 5 anos: o Ceará produziu 7,3% a menos; o Espírito Santo, -9,6%; a Bahia, -18,2%, e Pernambuco, -23,7%.

Previsões para o desempenho industrial, ao longo de 2025, refletem uma expectativa de baixo dinamismo, alinhada aos dados apresentados até o momento. Seja para as expectativas positivas, seja para as negativas, os resultados esperados estão muito próximos da estabilidade. Projeções da Macrométrica, disponíveis para alguns desses estados da área de atuação do BNB indicam crescimento, em 2025, para a Bahia (0,52%), Pernambuco (0,16%) e Minas Gerais (0,40%), enquanto devem recuar Ceará (-0,33%), e Espírito Santo (-0,76%).

## 4 Setor de Serviços

O volume de serviços no Brasil registrou crescimento de 2,4% (Gráfico 4.1) na comparação do acumulado do 1º trimestre de 2025 com o mesmo período do ano anterior. O resultado foi divulgado pelo IBGE por meio da Pesquisa Mensal de Serviços.

Gráfico 4.1 – Variação (%) do volume de serviços – Brasil e Estados selecionados – Acumulado 1º Trimestre 2025/2024



Fonte: IBGE - Pesquisa Mensal de Serviços (2025). Elaboração: BNB/Etene.

O resultado foi influenciado pelo crescimento verificado em todos os grupos pesquisados (Tabela 4.1): Serviços prestados às famílias (+1,5%), Serviços de informação e comunicação (+6,7%), Serviços profissionais, administrativos e complementares (+1,9%), Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (+1,0%), com exceção de Outros serviços que teve resultado negativo (-1,8%) na mesma comparação.

Tabela 4.1 - Variação (%) do volume de serviços, atividades e subatividades – Brasil e Estados selecionados <sup>(1)</sup>

| Atividades e Subatividades *                                      | Brasil      | Ceará      | Pernam-<br>buco | Bahia       | Minas<br>Gerais | Espírito<br>Santo |
|-------------------------------------------------------------------|-------------|------------|-----------------|-------------|-----------------|-------------------|
| <b>Serviços prestados às famílias</b>                             | <b>1,5</b>  | <b>3,7</b> | <b>-6,9</b>     | <b>3,0</b>  | <b>2,9</b>      | <b>18,8</b>       |
| Serviços de alojamento e alimentação                              | 2,1         | -          | -               | -           | -               | -                 |
| Outros serviços prestados às famílias                             | -2,0        | -          | -               | -           | -               | -                 |
| <b>Serviços de informação e comunicação</b>                       | <b>6,7</b>  | <b>4,3</b> | <b>0,1</b>      | <b>0,1</b>  | <b>3,5</b>      | <b>-2,0</b>       |
| Serviços de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC)          | 7,4         | -          | -               | -           | -               | -                 |
| Telecomunicações                                                  | 2,4         | -          | -               | -           | -               | -                 |
| Serviços de Tecnologia da Informação                              | 13,0        | -          | -               | -           | -               | -                 |
| Serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias           | 0,9         | -          | -               | -           | -               | -                 |
| <b>Serviços profissionais, administrativos e complementares</b>   | <b>1,9</b>  | <b>2,9</b> | <b>-5,8</b>     | <b>9,5</b>  | <b>0,3</b>      | <b>-4,3</b>       |
| Serviços técnico-profissionais                                    | 0,7         | -          | -               | -           | -               | -                 |
| Serviços administrativos e complementares                         | 2,7         | -          | -               | -           | -               | -                 |
| <b>Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio</b> | <b>1,0</b>  | <b>5,7</b> | <b>4,5</b>      | <b>-1,5</b> | <b>0,4</b>      | <b>1,2</b>        |
| Transporte terrestre                                              | -2,9        | -          | -               | -           | -               | -                 |
| Transporte aquaviário                                             | 4,4         | -          | -               | -           | -               | -                 |
| Transporte aéreo                                                  | 16,0        | -          | -               | -           | -               | -                 |
| Armazenagem, serviços auxiliares aos transportes e correio        | 4,5         | -          | -               | -           | -               | -                 |
| <b>Outros serviços</b>                                            | <b>-1,8</b> | <b>1,2</b> | <b>1,9</b>      | <b>13,0</b> | <b>-7,9</b>     | <b>1,1</b>        |
| <b>Total</b>                                                      | <b>2,4</b>  | <b>5,0</b> | <b>-0,4</b>     | <b>2,4</b>  | <b>0,9</b>      | <b>1,1</b>        |

Fonte: IBGE - Pesquisa Mensal de Serviços (2025). Elaboração: BNB/Etene.  
Notas (1): Variação % do acumulado 1º Trimestre de 2025/2024. O IBGE não divulga as variações do volume de serviços para as subatividades estaduais.

Em relação às subatividades, a maioria das atividades registrou variação nacional positiva, com exceção de Outros serviços prestados às famílias (-2%) e Transporte terrestre (-2,9%).

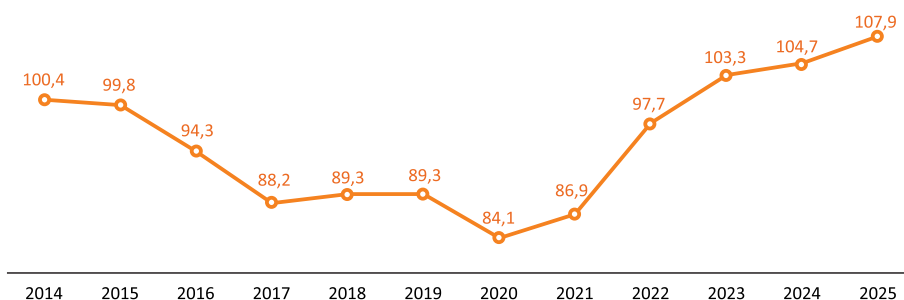
## 4.1 Volume de Serviços na área de atuação do Banco do Nordeste

Na análise estadual, registrou-se crescimento acima do resultado nacional (+2,4%) em seis dos estados da área de atuação do Banco do Nordeste, a saber: Rio Grande do Norte (+7,5%), Sergipe (+7%), Paraíba (+5,5%), Ceará (+5%), Alagoas (+3,7%), Maranhão (+3%). Ainda com resultados positivos tem-se Bahia (+2,4%), Espírito Santo (+1,1%) e Minas Gerais (+0,9%). Os estados com resultados negativos sob a mesma comparação foram: Piauí (-0,3%) e Pernambuco (-0,4%).

O IBGE analisa o desempenho das atividades apenas em cinco, dentre os onze estados pertencentes à área de atuação do BNB, onde os destaques positivos foram verificados nos Serviços prestados às famílias no Espírito Santo (+18,8%), Serviços profissionais, administrativos e complementares (+9,5%) na Bahia e Outros Serviços, também na Bahia com (+13%) de crescimento.

Conforme o Gráfico 4.2, o Setor de Serviços apresenta crescimento desde 2020 com o pico da série em 2025, mas com perda de força comparado com 2021 e 2022. A tendência mostra crescimento mais suave com preocupações sobre o cenário internacional e indicadores econômicos nacionais a exemplo da inflação, que fez com que o Banco Central elevasse a SELIC para 15% a.a. em junho. O setor continua com níveis acima do período pré e pós-pandemia, demonstrando que o efeito desta já foi diluído no tempo.

Gráfico 4.2 – Índice do Volume de Serviços – Brasil – Março 2014 a 2025 (2022=100).



Fonte: IBGE - Pesquisa Mensal de Serviços (2025). Elaboração: BNB/Etene.

## 4.2 Sobre a pesquisa

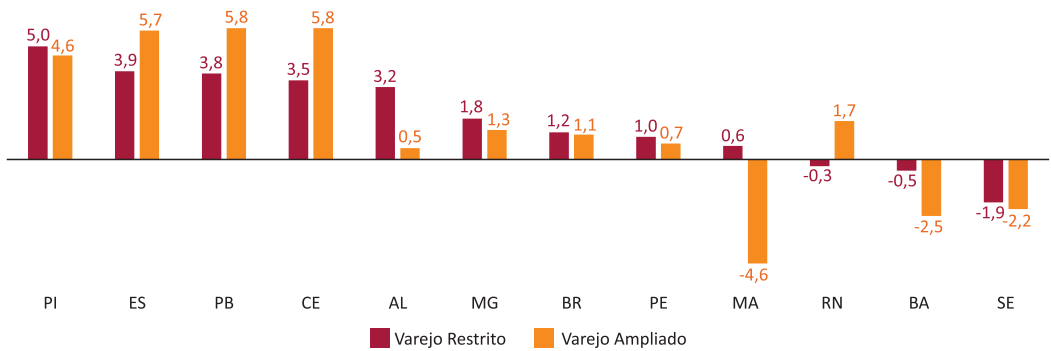
A PMS produz indicadores que permitem acompanhar o comportamento conjuntural do setor de serviços no País, investigando a receita bruta de serviços nas empresas formalmente constituídas, com 20 ou mais pessoas ocupadas, que desempenham como principal atividade um serviço não financeiro, excluídas as áreas de saúde e educação. Há resultados para o Brasil e todas as Unidades da Federação. Os resultados podem ser consultados no Sidra.

A pesquisa passou por atualizações na seleção da amostra de empresas, além de alterações metodológicas, com o objetivo de retratar mudanças econômicas na sociedade. São atualizações já previstas e implementadas periodicamente pelo IBGE.

5 Varejo

O volume de vendas do Comércio Varejista restrito no Brasil cresceu 1,2% (Gráfico 5.1) no acumulado do primeiro trimestre de 2025 na comparação com o mesmo período do ano anterior, segundo dados da Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Gráfico 5.1 – Variação (%) do volume de varejo restrito e ampliado – Brasil e Área de Atuação do Banco do Nordeste – 1º Trimestre 2025/2024



Fonte: IBGE - Pesquisa Mensal de Comércio (2025). Elaboração: BNB/Etene.

No Comércio Varejista Ampliado que, além das atividades do varejo restrito, inclui as atividades de Veículos, motos, partes e peças, Material de construção e Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo, o volume de vendas apresentou crescimento de 1,1% na mesma comparação.

Dentre os grupos de atividades pesquisadas e analisadas para o Brasil, os maiores crescimentos foram verificados em eletrodomésticos (+7,6%) e Material de Construção (+6,1%), conforme Tabela 5.1.

Tabela 5.1 – Variação (%) do volume de vendas do comércio e atividades - Brasil e Estados selecionados 1º Trimestre de 2025/2024.

| Comércio e atividades                                                   | Brasil | Ceará | Pernam-<br>buco | Bahia | Minas<br>Gerais | Espírito<br>Santo |
|-------------------------------------------------------------------------|--------|-------|-----------------|-------|-----------------|-------------------|
| Comércio varejista                                                      | 1,2    | 3,5   | 1,0             | -0,5  | 1,8             | 3,9               |
| Combustíveis e lubrificantes                                            | 1,5    | 8,6   | -4,8            | 0,5   | 3,2             | -6,2              |
| Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo     | 0,3    | 0,1   | 0,7             | -1,9  | 1,3             | 4,5               |
| Hipermercados e supermercados                                           | 0,7    | 0,4   | 0,8             | -1,8  | 1,9             | 4,7               |
| Tecidos, vestuário e calçados                                           | 3,9    | 8,3   | 0,7             | 0,8   | 2,0             | 22,0              |
| Móveis e eletrodomésticos                                               | 5,7    | 3,1   | 12,0            | 1,1   | 4,0             | 2,6               |
| Móveis                                                                  | -1,1   | 9,4   | 8,3             | -2,6  | -8,8            | 4,3               |
| Eletrodomésticos                                                        | 7,6    | 0,4   | 13,2            | 4,9   | 8,4             | 2,5               |
| Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos | 3,6    | 10,1  | -0,6            | 9,1   | -0,2            | 11,2              |
| Livros, jornais, revistas e papelaria                                   | -3,9   | 18,3  | 4,2             | -16,2 | 2,9             | -20,8             |
| Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação     | -1,4   | -1,1  | -8,9            | -20,4 | -33,8           | -0,7              |
| Outros artigos de uso pessoal e doméstico                               | 0,1    | 6,2   | 4,3             | -5,4  | 8,7             | 8,9               |
| Comércio varejista ampliado                                             | 1,1    | 5,8   | 0,7             | -2,5  | 1,3             | 5,7               |
| Veículos, motocicletas, partes e peças                                  | 5,2    | 4,9   | -3,0            | 17,3  | 11,6            | 5,2               |
| Material de construção                                                  | 6,1    | 19,3  | 4,8             | -2,3  | 3,1             | 5,9               |
| Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo          | -6,9   | 8,2   | 4,2             | -26,8 | -13,2           | 22,4              |

Fonte: IBGE - Pesquisa Mensal de Comércio (2025). Elaboração: BNB/Etene.

Em relação aos estados pertencentes à área de atuação do Banco do Nordeste, registraram crescimento no volume de vendas no comércio varejista restrito no primeiro trimestre de 2025 na comparação com o mesmo período do ano anterior os seguintes: Piauí (+5,0%), Espírito Santo (3,9%), Paraíba (+3,8%), Ceará (+3,5%), Alagoas (+3,2%) e Minas Gerais (+1,8), com crescimentos superiores ao da média nacional (+1,2%). Ainda apresentaram crescimento, Pernambuco (+1%) e Maranhão (+0,6%). Com resultados negativos sob a mesma comparação: Rio Grande do Norte (-0,3%), Bahia (-0,5%) e Sergipe (-1,9%).

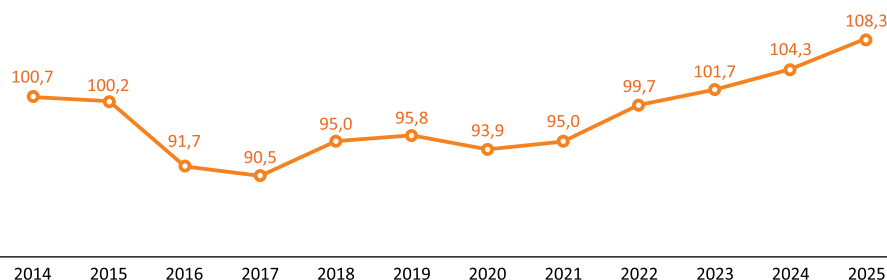
Dentre os cinco estados pertencentes à área de atuação do Banco do Nordeste no qual são analisadas as atividades, os destaques positivos foram em Tecidos, vestuário e calçados no Espírito Santo (+22,0%), Livros, jornais, revistas e papelaria no Ceará (+18,3%), Veículos, motocicletas, partes e peças na Bahia (+17,3%), Material de construção no Ceará (+19,3%) e Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo no Espírito Santo (+22,4%). Os destaques negativos foram Livros, jornais, revistas e papelaria no Espírito Santo (-20,8%), Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação na Bahia (-20,4%) e Minas Gerais (-33,8) e Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo na Bahia (-26,8).

A última atualização da Pesquisa Mensal do Comércio ocorreu em 2017 tendo como referência a pesquisa Anual do Comércio de 2014. Na ocasião, segundo o IBGE, foram selecionadas 6.157 empresas. Nos anos seguintes, foram identificadas necessidades por novas informações decorrentes de mudanças na economia e defasagem das bases amostrais.

No setor de comércio, foi identificada pelo Instituto a necessidade de ampliação do âmbito da pesquisa para englobar informações referentes ao segmento de Atacado de produtos alimentícios, bebidas e fumo, os atacarejos. Até então não eram investigadas as receitas dos supermercados classificados como comércio atacadista e uma parte importante de vendas nesse segmento não era identificada. A mudança foi importante, pois esse tipo de comércio ganhou força durante a pandemia e a inclusão da atividade aprimora a informação da atividade de varejo e atacado de alimentos. Num ambiente de inflação e de queda da renda, as famílias mudaram o padrão de consumo.

O comércio varejista com o resultado índice de 108,3 em março de 2025 (Gráfico 5.2), abre o quarto ano consecutivo com ganhos e desempenho superior a 2021, pós pandemia. Na análise da série histórica do número índice de março (2014-2025), o ano de 2025 continua com trajetória ascendente e com nível superior desde a queda da presente série registrada em 2020. Tal situação é resultado de um crescimento sustentado considerando que 2023 foi o ano com completa reabertura da economia e suspensão quase que total das barreiras sanitárias devido à pandemia do Covid-19. Em 2024 o crescimento foi sustentando pelo aumento do crédito, da renda e dos baixos níveis de desemprego.

Gráfico 5.2 – Variação (%) acumulada do volume de vendas do Comércio Varejista - Brasil – Número índice março 2014 a 2025.



Fonte: IBGE - Pesquisa Mensal de Comércio (2025). Elaboração: BNB/Etene.

Ainda em 2024, o uso da inteligência artificial impactou positivamente áreas como análise de crédito, alocação de pessoal, marketing, logística e, portanto, com ganhos para o Setor. Os shoppings centers ainda possuem um papel importante, mas os varejistas estão revendo o tamanho das lojas e por consequência o seu sortimento com o desafio de equilibrar estoques e a experiência dos clientes. Outro ponto é a consolidação de novos pontos de venda a exemplo de strip malls, aeroportos e terminais de ônibus como alternativa a shoppings e lojas de rua, fortalecendo o varejo de vizinhança. Movimento semelhante é a

profissionalização do varejo de proximidade com lojas menores e oferta de conveniência concorrendo diretamente com a informalidade.

Observa-se uma mudança de foco de consumo nos últimos meses que passa de um cenário de orçamento mais restrito, concentrado em produtos básicos, para um momento com mais espaço para que haja consumo de outros tipos de produtos. Tal cenário em 2024 teve relação com o aumento do crédito, assim como crescimento da massa de rendimento real e da população ocupada. Com o aumento dos juros e da inflação, esses fatores podem ser moderadores do crescimento em 2025.

### Sobre a pesquisa

A PMC produz indicadores que permitem acompanhar o comportamento conjuntural do comércio varejista no País, investigando a receita bruta de revenda nas empresas formalmente constituídas, com 20 ou mais pessoas ocupadas, e cuja atividade principal é o comércio varejista.

Iniciada em 1995, a PMC traz resultados mensais da variação do volume e receita nominal de vendas para o comércio varejista e comércio varejista ampliado (automóveis e materiais de construção) para o Brasil e Unidades da Federação. Os resultados podem ser consultados no Sidra.

## 6 Turismo

O setor de turismo vem apresentando resultados positivos, apesar das crescentes incertezas geopolíticas, climáticas, econômicas e comerciais. Segundo a publicação Barômetro Mundial do Turismo da Organização Mundial do Turismo (OMT), cerca de 300 milhões de turistas viajaram internacionalmente, no primeiro trimestre de 2025, aumento de 5% comparativamente ao mesmo período em 2024. O incremento nas receitas foi estimado em 15% superior ao verificado no ano anterior. A projeção da ONU Turismo para o ano de 2025 é de crescimento de 3% a 5% no número de chegadas internacionais.

No Brasil, o turismo internacional registrou recorde no primeiro trimestre de 2025, com crescimento de 16,2% na receita cambial, que somou US\$ 2,4 bilhões (Tabela 6.1), segundo dados do Banco Central do Brasil (Bacen). Nesse período, o País recebeu 3.739.649 turistas estrangeiros (Tabela 2), aumento de 47,8%, frente mesmo período de 2024. Vale ressaltar que o principal portão de entrada de turistas internacionais no Brasil é por via aérea, seguindo pela via terrestre devido à proximidade com países vizinhos como Argentina, Paraguai e Uruguai.

Tabela 6.1 – Brasil - Receitas turísticas nominais mensais (em milhões de dólares)

| Mês       | Ano   |       |
|-----------|-------|-------|
|           | 2024  | 2025  |
| Janeiro   | 800,6 | 805,0 |
| Fevereiro | 673,2 | 823,1 |
| Março     | 591,7 | 772,6 |
| Abril     | 619,6 | -     |
| Maio      | 522,8 | -     |
| Junho     | 500,3 | -     |
| Julho     | 614,7 | -     |
| Agosto    | 555,2 | -     |
| Setembro  | 530,3 | -     |
| Outubro   | 595,9 | -     |
| Novembro  | 615,7 | -     |
| Dezembro  | 720,8 | -     |

Fonte: Embratur. Disponível em: <https://embratur.com.br/para-o-trader/inteligencia-de-dados/paineis-de-dados/receitas-turisticas/>. Acesso em: 23 jun. 2025. Elaboração: BNB/Etene/CGIE.

No Nordeste, a Bahia é o principal portão de entrada na Região com a chegada de 68.024 turistas estrangeiros (Tabela 6.2), registrando aumento de 49,7%, no período em análise. Vale destacar, também, o crescimento apresentado pelos estados do Ceará (+39,2%), Rio Grande do Norte (+34,0%) e Pernambuco (+18,5%).

Tabela 6.2 – Chegadas internacionais de turistas - Brasil e Estados – Jan – mar/2025

| Portão de entrada   | Acumulado no ano |                  | Variação (%) |
|---------------------|------------------|------------------|--------------|
|                     | jan-mar/2024     | jan-mar/2025     |              |
| <b>Brasil</b>       | <b>2.530.526</b> | <b>3.739.649</b> | <b>47,8</b>  |
| Alagoas             | ...              | 7.075            | -            |
| Bahia               | 45.448           | 68.024           | 49,7         |
| Ceará               | 17.769           | 24.727           | 39,2         |
| Maranhão            | ...              | 28               | -            |
| Paraíba             | ...              | 79               | -            |
| Pernambuco          | 19.783           | 23.436           | 18,5         |
| Rio Grande do Norte | 7.730            | 10.362           | 34,0         |

Fonte: Embratur. Disponível em: <https://embratur.com.br/para-o-trader/inteligencia-de-dados/paineis-de-dados/chegadas-internacionais/>. Acesso em: 23 jun. 2025. Elaboração: BNB/ Etene /CGIE.

Considerando apenas os desembarques de passageiros internacionais e domésticos nos aeroportos do País, totaliza 27.422.094 nos três primeiros meses de 2025, incremento de 7,3% comparativamente ao mesmo período de 2024, segundo dados divulgados pela Agência Nacional de Aviação Civil (Anac) (Tabela 6.3).

A Região Sudeste recebeu 55,4% do total (15.199.791 turistas) seguida da Região Nordeste com 17,6% (4.836.191 turistas). No período em foco, registraram incrementos de 10,1% e 1,7% na quantidade de passageiros desembarcados.

Os voos de natureza doméstica registraram 23.746.190 passageiros desembarcados, incremento de 6,0% nesse período comparativo. Já com relação aos voos internacionais com destino ao Brasil, o desembarque de passageiros totalizou 3.675.904, no 1º trimestre de 2025, acréscimo de 16,3%, ante 1º trimestre de 2024.

Tabela 6.3 – Desembarque de passageiros em aeroportos, por natureza - Brasil e Regiões - Jan-mar/2025/2024

| "Brasil e Regiões" | Doméstico    |              |              | Internacional |              |              | Total        |              |              |
|--------------------|--------------|--------------|--------------|---------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|
|                    | jan-mar/2024 | jan-mar/2025 | Variação (%) | jan-mar/2024  | jan-mar/2025 | Variação (%) | jan-mar/2024 | jan-mar/2025 | Variação (%) |
| Brasil             | 22.399.929   | 23.746.190   | 6,0          | 3.159.773     | 3.675.904    | 16,3         | 25.559.702   | 27.422.094   | 7,3          |
| Centro-Oeste       | 2.637.636    | 2.769.551    | 5,0          | 84.191        | 112.577      | 33,7         | 2.721.827    | 2.882.128    | 5,9          |
| Nordeste           | 4.590.433    | 4.623.230    | 0,7          | 164.605       | 212.961      | 29,4         | 4.755.038    | 4.836.191    | 1,7          |
| Norte              | 1.198.440    | 1.275.068    | 6,4          | 43.564        | 40.737       | -6,5         | 1.242.004    | 1.315.805    | 5,9          |
| Sudeste            | 11.173.646   | 12.215.620   | 9,3          | 2.630.182     | 2.984.171    | 13,5         | 13.803.828   | 15.199.791   | 10,1         |
| Sul                | 2.799.774    | 2.862.721    | 2,2          | 237.231       | 325.458      | 37,2         | 3.037.005    | 3.188.179    | 5,0          |

Fonte: Anac. Disponível em: <https://www.gov.br/anac/pt-br/assuntos/dados-e-estatisticas/dados-estatisticos/dados-estatisticos>. Acesso em: 23 jun. 2025. Elaboração: BNB/Etene/CGIE.  
Nota: Os dados de desembarques de passageiros internacionais incluem residentes e não residentes no Brasil e conexões.

O desembarque de passageiros de voos domésticos (4.623.230 turistas) nos aeroportos da Região Nordeste participou com 95,6% do total da Região, registrando leve incremento de 0,7%. Bahia (28,6%), Pernambuco (26,6%) e Ceará (15,3%) responderam por 70,6% deste total. O desembarque doméstico cresceu em Alagoas (+8,7%), Sergipe (+4,2%) Rio Grande do Norte (+3,6%), Paraíba (+2,7%), Ceará (+1,4%) e Pernambuco (+0,5%). Por outro lado, apresentaram redução os estados da Bahia (-1,2%), Maranhão (-1,3%) e Piauí (-12,4%) (Tabela 6.4).

Já os desembarques internacionais nos aeroportos da Região Nordeste apresentaram crescimento mais expressivo de 29,4%, com a chegada de 212.961 passageiros. Deste total, Bahia (39,0%), Ceará (25,6%) e Pernambuco (24,5%) responderam por 89,1%, registrando crescimento de 40,9%, 20,6% e 24,5%, respectivamente.

Tabela 6.4 – Desembarque de passageiros em aeroportos, por natureza - Nordeste e Estados -Jan-mar/2025/2024

| "UF - Área de atuação do BNB" | Doméstico    |              |              | Internacional |              |              | Total        |              |              |
|-------------------------------|--------------|--------------|--------------|---------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|
|                               | jan-mar/2024 | jan-mar/2025 | Variação (%) | jan-mar/2024  | jan-mar/2025 | Variação (%) | jan-mar/2024 | jan-mar/2025 | Variação (%) |
| Nordeste                      | 4.590.433    | 4.623.230    | 0,7          | 164.605       | 212.961      | 29,4         | 4.755.038    | 4.836.191    | 1,7          |
| Alagoas                       | 330.093      | 358.941      | 8,7          | 5.917         | 8.507        | 43,8         | 336.010      | 367.448      | 9,4          |
| Bahia                         | 1.338.881    | 1.323.413    | -1,2         | 58.972        | 83.068       | 40,9         | 1.397.853    | 1.406.481    | 0,6          |
| Ceará                         | 698.652      | 708.710      | 1,4          | 45.272        | 54.620       | 20,6         | 743.924      | 763.330      | 2,6          |
| Maranhão                      | 206.730      | 203.984      | -1,3         | ...           | ...          | -            | 206.730      | 203.984      | -1,3         |
| Paraíba                       | 227.602      | 233.666      | 2,7          | 109           | 201          | 84,4         | 227.711      | 233.867      | 2,7          |
| Pernambuco                    | 1.223.521    | 1.229.781    | 0,5          | 41.876        | 52.144       | 24,5         | 1.265.397    | 1.281.925    | 1,3          |

| "UF - Área de atuação do BNB" | Doméstico    |              |              | Internacional |              |              | Total        |              |              |
|-------------------------------|--------------|--------------|--------------|---------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|
|                               | jan-mar/2024 | jan-mar/2025 | Variação (%) | jan-mar/2024  | jan-mar/2025 | Variação (%) | jan-mar/2024 | jan-mar/2025 | Variação (%) |
| Piauí                         | 134.661      | 117.995      | -12,4        | ...           | ...          | -            | 134.661      | 117.995      | -12,4        |
| Rio Grande do Norte           | 280.081      | 290.272      | 3,6          | 12.459        | 14.421       | 15,7         | 292.540      | 304.693      | 4,2          |
| Sergipe                       | 150.212      | 156.468      | 4,2          | ...           | ...          | -            | 150.212      | 156.468      | 4,2          |
| Espírito Santo                | 328.881      | 361.092      | 9,8          | ...           | ...          | -            | 328.881      | 361.092      | 9,8          |
| Minas Gerais                  | 1.463.311    | 1.704.147    | 16,5         | 61.079        | 63.137       | 3,4          | 1.524.390    | 1.767.284    | 15,9         |

Fonte: Anac. Disponível em: <https://www.gov.br/anac/pt-br/assuntos/dados-e-estatisticas/dados-estatisticos/dados-estatisticos>. Acesso em: 23 jun. 2025. Elaboração: BNB/Etene/CGIE.  
Notas: (1) (...) Estado não recebeu voo internacional. (2) Os dados de desembarques de passageiros internacionais incluem residentes e não residentes no Brasil e conexões.

O desempenho dos estados de Minas Gerais e Espírito Santo que pertencem à área de atuação do Banco do Nordeste (BNB), quanto aos desembarques domésticos, revela os melhores resultados, no primeiro trimestre de 2025, com crescimento de 16,5% e 9,8%, respectivamente. Com relação aos desembarques internacionais, Minas Gerais registrou crescimento de 3,4% no número de chegadas de turistas.

O setor turismo também pode ser analisado pelo volume das atividades turísticas, medido pelo Índice de Atividades Turísticas (Iatur), divulgado na Pesquisa Mensal de Serviços realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A atividade cresceu 5,8%, em março de 2025 ante março de 2024 (Tabela 6.5). Segundo o Instituto, esse resultado foi impulsionado, principalmente, pelo aumento na receita de empresas que atuam nos ramos de transporte aéreo de passageiros; hotéis; serviços de reservas relacionados a hospedagens; e restaurantes. Entretanto, apresentou variação negativa de 0,2% no comparativo março de 2025 frente ao mês imediatamente anterior. No acumulado até março/2025, o volume das atividades turísticas do País aumentou 5,4%, comparativamente ao acumulado até março/2024.

Tabela 6.5 - Indicadores de volume das atividades turísticas - Brasil e Estados – Jan-mar/2025 - Variação (%)

| Brasil e UFs selecionadas | Mês/mês anterior 1 |          |          | Mês/mesmo mês do ano anterior |          |          | Acumulado no ano 2 |          |          | Acumulado em 12 meses 3 |          |          |
|---------------------------|--------------------|----------|----------|-------------------------------|----------|----------|--------------------|----------|----------|-------------------------|----------|----------|
|                           | jan/2025           | fev/2025 | mar/2025 | jan/2025                      | fev/2025 | mar/2025 | jan/2025           | fev/2025 | mar/2025 | jan/2025                | fev/2025 | mar/2025 |
| Brasil                    | -6,2               | 2,7      | -0,2     | 3,5                           | 7,2      | 5,8      | 3,5                | 5,2      | 5,4      | 3,8                     | 4,3      | 4,7      |
| Alagoas                   | -0,9               | -3,3     | 5,7      | -3,0                          | -6,0     | 6,0      | -3,0               | -4,3     | -1,2     | -3,4                    | -3,4     | -2,4     |
| Bahia                     | 0,7                | -4,9     | 11,4     | 9,0                           | 2,9      | 14,4     | 9,0                | 6,3      | 8,9      | 9,3                     | 9,1      | 9,1      |
| Ceará                     | 1,5                | -0,2     | 1,6      | 1,4                           | 8,0      | 14,7     | 1,4                | 4,1      | 7,2      | 4,8                     | 5,7      | 7,6      |
| Pernambuco                | -4,3               | 1,2      | 0,5      | -1,4                          | 1,7      | 1,7      | -1,4               | 0,0      | 0,5      | 3,8                     | 3,7      | 3,4      |
| Rio Grande do Norte       | -8,5               | 2,0      | 6,9      | 3,7                           | 2,2      | 13,4     | 3,7                | 3,0      | 6,1      | 3,3                     | 4,1      | 6,0      |
| Espírito Santo            | -0,2               | 6,8      | -7,6     | 6,6                           | 18,4     | 3,4      | 6,6                | 12,1     | 9,2      | -1,1                    | 1,3      | 2,7      |
| Minas Gerais              | -4,7               | 1,7      | 1,0      | -1,9                          | 3,6      | 0,9      | -1,9               | 0,7      | 0,8      | 3,6                     | 3,6      | 3,7      |

Fonte: IBGE/PMS. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/8694>. Acesso em: 23 jun. 2025. Elaboração: BNB/Etene/CGIE.  
Notas: (1) com ajuste sazonal; (2) em relação ao mesmo período do ano anterior; (3) em relação ao período anterior de 12 meses.  
Observação: O Índice de Atividades Turísticas – Iatur é construído através do agrupamento das seguintes atividades: Alojamento e alimentação; Serviços culturais, desportivos, de recreação e lazer; Locação de automóveis sem condutor; Agências de viagens e operadoras turísticas; Transportes turísticos (Transporte rodoviário de passageiros em linhas regulares intermunicipais, interestaduais e internacionais; Trens turísticos, teleféricos e similares; Transporte por navegação interior de passageiros em linhas regulares; Outros transportes aquaviários e Transporte aéreo de passageiros).

O Iatur disponibiliza informações para sete dos onze estados pertencentes à área de atuação do Banco do Nordeste, onde a maioria destes apresentou taxas positivas no 1º trimestre de 2025 frente a 1º trimestre de 2024, com exceção de Alagoas que registrou queda de 1,2%. Os maiores destaques positivos foram verificados nos estados do Espírito Santo (+9,2%), Bahia (+8,9%), Ceará (+7,2%) e Rio Grande do Norte (+6,1%).

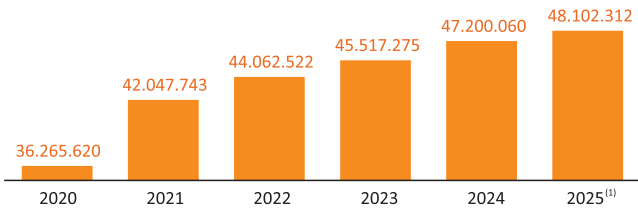
## 7 Mercado de trabalho formal – Brasil e Nordeste

### 7.1 Mercado de trabalho formal no Brasil

De acordo com os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) do Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE), os principais indicadores do mercado de trabalho formal vêm paulatinamente mostrando recuperação e estabilidade no País e em todas as cinco regiões brasileiras no período a partir de 2021, como também no decorrer de todo o ano de 2025.

O Gráfico 7.1 traz um conjunto de dados referente ao estoque de emprego formal, revelando um padrão de crescimento mais vigoroso do mercado de trabalho a partir do ano de 2021. No atual cenário, ano de 2025, até então, está sendo marcada com a expansão expressiva do mercado de trabalho.

Gráfico 7.1 – Brasil: Evolução do Estoque de emprego<sup>1</sup> - 2020 a 2025<sup>(2)</sup>



Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do Caged (2025).  
Notas: (1) A variável estoque de emprego pode sofrer ajustes conforme atualização de dados pelo Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE);  
(2) Dados disponíveis até março de 2025.

Quanto à movimentação do emprego no País, as contratações superaram as demissões, gerando saldo de emprego em +664.875 novos postos de trabalho, no 1º trimestre de 2025. Este resultado foi obtido da movimentação de 7.167.767 admissões e dos 6.502.892 desligamentos, de acordo com o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED).

Assim, o nível de emprego celetista no Brasil contabilizou 48,1 milhões de vínculos celetistas ativos, no fim de março de 2025. Desta forma, o nível de emprego obteve expansão de +1,4%.

Regionalmente, nota-se que a expansão do número de novos postos de trabalho formal vem ocorrendo de forma generalizada, abrangendo todas as regiões do País. No primeiro trimestre de 2025, o Sudeste (+309.314) e Sul (+192.631) foram as regiões com maior saldo de empregos. Neste período, Nordeste configura a quarta região que mais emprega (Tabela 7.1). Vale enfatizar que Nordeste se estabelece como a segunda região brasileira que mais gerou empregos no ano de 2024.

Tabela 7.1 – Brasil e Regiões: Evolução do saldo de emprego – 2020 a 2025<sup>(1)</sup>

| Brasil e Regiões | 2020            | 2021             | 2022             | 2023             | 2024             | 2025           |
|------------------|-----------------|------------------|------------------|------------------|------------------|----------------|
| Norte            | 52.421          | 165.526          | 118.565          | 106.771          | 114.625          | 30.819         |
| <b>Nordeste</b>  | <b>-13.412</b>  | <b>505.287</b>   | <b>379.465</b>   | <b>293.405</b>   | <b>327.750</b>   | <b>33.561</b>  |
| Sudeste          | -277.036        | 1.326.778        | 978.150          | 707.131          | 773.290          | 309.314        |
| Sul              | 24.968          | 491.185          | 309.169          | 195.895          | 297.795          | 192.631        |
| Centro-Oeste     | 17.749          | 281.676          | 230.892          | 152.339          | 136.089          | 98.245         |
| Não identificado | 5.668           | 11.671           | -1.462           | -788             | 33.236           | 305            |
| <b>Brasil</b>    | <b>-189.642</b> | <b>2.782.123</b> | <b>2.014.779</b> | <b>1.454.753</b> | <b>1.682.785</b> | <b>664.875</b> |

Fonte: Caged (2025). Elaboração: BNB/Etene.  
Nota: (1) Dados do acumulado até março de 2025.

Desta forma, Sudeste e Sul foram responsáveis por 46,5% e 29,0% do saldo de empregos gerados no País no 1º trimestre de 2025, nesta ordem. A Região Centro-Oeste obteve participação de 14,8% do total do saldo de empregos gerados no País (Tabela 7.2), seguido pelo Nordeste (5,0%) e Norte (4,6%).

Tabela 7.2 – Brasil: Movimentação do emprego, por Grande Região e Estados – 1º trimestre de 2025

| Brasil / Regiões / Unidades Federativas | Admitidos (a)    | Desligados (b)   | Saldo de empregos |                            | Estoque de Empregos |                                     |                            |
|-----------------------------------------|------------------|------------------|-------------------|----------------------------|---------------------|-------------------------------------|----------------------------|
|                                         |                  |                  | Total (a-b)       | Participação no Brasil (%) | Total               | Varição Relativa (%) <sup>(1)</sup> | Participação no Brasil (%) |
| <b>Norte</b>                            | <b>335.620</b>   | <b>304.801</b>   | <b>30.819</b>     | <b>4,6%</b>                | <b>30.819</b>       | <b>1,29</b>                         | <b>0,1%</b>                |
| Rondônia                                | 46.601           | 42.008           | 4.593             | 0,7%                       | 4.593               | 1,56                                | 0,0%                       |
| Acre                                    | 14.487           | 13.943           | 544               | 0,1%                       | 544                 | 0,49                                | 0,0%                       |
| Amazonas                                | 81.510           | 74.652           | 6.858             | 1,0%                       | 6.858               | 1,24                                | 0,0%                       |
| Roraima                                 | 12.830           | 11.419           | 1.411             | 0,2%                       | 1.411               | 1,71                                | 0,0%                       |
| Pará                                    | 127.488          | 118.033          | 9.455             | 1,4%                       | 9.455               | 0,96                                | 0,0%                       |
| Amapá                                   | 13.562           | 11.718           | 1.844             | 0,3%                       | 1.844               | 1,93                                | 0,0%                       |
| Tocantins                               | 39.142           | 33.028           | 6.114             | 0,9%                       | 6.114               | 2,36                                | 0,0%                       |
| <b>Nordeste</b>                         | <b>938.789</b>   | <b>905.228</b>   | <b>33.561</b>     | <b>5,0%</b>                | <b>7.977.745</b>    | <b>0,42</b>                         | <b>17,5%</b>               |
| Maranhão                                | 71.661           | 67.312           | 4.349             | 0,7%                       | 663.380             | 0,66                                | 1,5%                       |
| Piauí                                   | 41.909           | 37.650           | 4.259             | 0,6%                       | 365.910             | 1,18                                | 0,8%                       |
| Ceará                                   | 163.649          | 160.047          | 3.602             | 0,5%                       | 1.412.373           | 0,26                                | 3,1%                       |
| Rio Grande do Norte                     | 63.943           | 63.499           | 444               | 0,1%                       | 536.517             | 0,08                                | 1,2%                       |
| Paraíba                                 | 63.769           | 64.548           | -779              | -0,1%                      | 514.120             | -0,15                               | 1,1%                       |
| Pernambuco                              | 169.482          | 166.974          | 2.508             | 0,4%                       | 1.519.408           | 0,17                                | 3,3%                       |
| Alagoas                                 | 49.825           | 61.754           | -11.929           | -1,8%                      | 454.328             | -2,56                               | 1,0%                       |
| Sergipe                                 | 38.450           | 39.577           | -1.127            | -0,2%                      | 341.591             | -0,33                               | 0,8%                       |
| Bahia                                   | 276.101          | 243.867          | 32.234            | 4,8%                       | 2.170.118           | 1,51                                | 4,8%                       |
| <b>Sudeste</b>                          | <b>3.604.960</b> | <b>3.295.646</b> | <b>309.314</b>    | <b>46,5%</b>               | <b>24.329.013</b>   | <b>1,29</b>                         | <b>53,5%</b>               |
| Minas Gerais                            | 771.998          | 695.645          | 76.353            | 11,5%                      | 4.986.704           | 1,55                                | 11,0%                      |
| Espírito Santo                          | 151.412          | 143.157          | 8.255             | 1,2%                       | 917.672             | 0,91                                | 2,0%                       |
| Rio de Janeiro                          | 441.934          | 428.486          | 13.448            | 2,0%                       | 3.895.490           | 0,35                                | 8,6%                       |
| São Paulo                               | 2.239.616        | 2.028.358        | 211.258           | 31,8%                      | 14.529.147          | 1,48                                | 31,9%                      |
| <b>Sul</b>                              | <b>1.570.359</b> | <b>1.377.728</b> | <b>192.631</b>    | <b>29,0%</b>               | <b>8.814.404</b>    | <b>2,23</b>                         | <b>19,4%</b>               |
| Paraná                                  | 573.513          | 512.083          | 61.430            | 9,2%                       | 3.280.609           | 1,91                                | 7,2%                       |
| Santa Catarina                          | 508.379          | 444.063          | 64.316            | 9,7%                       | 2.633.044           | 2,50                                | 5,8%                       |
| Rio Grande do Sul                       | 488.467          | 421.582          | 66.885            | 10,1%                      | 2.900.751           | 2,36                                | 6,4%                       |
| <b>Centro-Oeste</b>                     | <b>716.936</b>   | <b>618.691</b>   | <b>98.245</b>     | <b>14,8%</b>               | <b>4.297.331</b>    | <b>2,34</b>                         | <b>9,4%</b>                |
| Mato Grosso do Sul                      | 116.602          | 103.756          | 12.846            | 1,9%                       | 683.151             | 1,92                                | 1,5%                       |
| Mato Grosso                             | 188.933          | 162.861          | 26.072            | 3,9%                       | 970.158             | 2,76                                | 2,1%                       |
| Goiás                                   | 283.712          | 242.459          | 41.253            | 6,2%                       | 1.615.769           | 2,62                                | 3,6%                       |
| Distrito Federal                        | 127.689          | 109.615          | 18.074            | 2,7%                       | 1.028.253           | 1,79                                | 2,3%                       |
| Não identificado                        | 1.103            | 798              | 305               | 0,0%                       | 33.823              | 0,91                                | 0,1%                       |
| <b>Brasil</b>                           | <b>7.167.767</b> | <b>6.502.892</b> | <b>664.875</b>    | <b>100,0%</b>              | <b>45.483.135</b>   | <b>1,41</b>                         | <b>100,0%</b>              |

Fonte: Caged (2025). Elaboração: BNB/Etene.

Nota: (1) variação em relação mês de dezembro de 2024.

Quanto ao estoque de emprego, todas as regiões apresentaram crescimento no decorrer do ano. Neste período, o Nordeste computou 7.977.745 vínculos ativos, configurando como a terceira região com maior estoque de empregos formais, com participação de 17,5% do estoque de emprego do País, ficando atrás apenas do Sudeste (24.023.397 vínculos ativos), com 53,5% do estoque de empregos nacional e do Sul (8.814.404 vínculos ativos, com 18,3%).

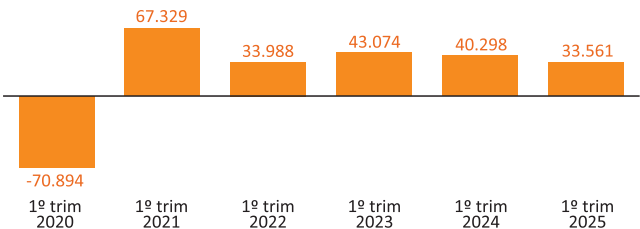
Para o ano de 2025, numa perspectiva de cenário otimista, tanto a nível nacional quanto regional, a estimativa do estoque de emprego seguirá tendência de crescimento, em razão, principalmente, da recuperação econômica dos setores de Serviços e Comércio, além de deterem maior parcela do estoque de empregos, e, como também, do crescimento acelerado do setor da Construção, que vem apresentando crescimento médio de 8,0% a.a., nos últimos 4 anos.

No País, todos os cinco grupos dos setores econômicos apresentaram saldo de emprego positivo para o 1º trimestre de 2025. Neste período, Serviços (+368.069) obteve maior fechamento líquido de postos de trabalho, com destaque do saldo de empregos nas Atividades de administrativas (+77.826), Educação (+90.992), Saúde humana e Serviços sociais (+40.952) e Transporte, armazenagem e correio (+40.097).

7.2 Mercado de trabalho formal no Nordeste

No 1º trimestre de 2025, o resultado líquido de empregos formais no Nordeste foi de +33.561 novos postos de trabalho. De acordo com o Gráfico 7.2, o fechamento líquido dos 1º trimestres dos anos 2021, 2022, 2023 e 2024 deriva, principalmente da recuperação econômica pós-Covid-19, com efeito significativo na geração de renda e empregos direto e indireto na Região.

Gráfico 7.2 – Nordeste: Evolução do saldo de emprego – 1º trimestre de 2020 a 2025

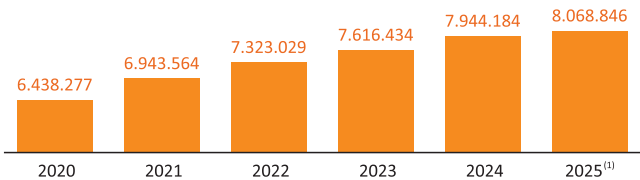


Fonte: Caged (2025). Elaboração: BNB/Etene.

No Gráfico 7.3, tem-se a trajetória do estoque de empregos dos anos de 2020 a 2025. Neste período, verificou-se crescimento sustentável no nível do estoque do emprego com carteira assinada na Região Nordeste a partir do ano de 2021. Desde então, vem consolidando tendência de recuperação com registros de saldos de empregos positivos até ao cenário atual.

Desta forma, o estoque de emprego no Nordeste alcançou 8.068.846 vínculos ativos, o que representa 17,5% do estoque nacional de empregos. O estoque apresentou variação de +0,42% em relação ao estoque do mês de dezembro de 2024. As informações são do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), do Ministério do Trabalho e Emprego (2024).

Gráfico 7.3 – Nordeste: Evolução do Estoque de Emprego - 2020 a 2024 <sup>(1)</sup>



Fonte: Caged (2025). Elaboração: BNB/Etene.  
Nota: (1) Dados disponíveis até março de 2025.

De acordo com dados da Tabela 7.3, verifica-se que o resultado do emprego na Região Nordeste foi impactado positivamente, de forma significativa, pela combinação do retorno de investimentos nos setores de Serviços e Construção, que lideraram na geração de empregos no Nordeste, para os dados do 1º trimestre de 2025.

Neste período, Serviços foi o setor que mais gerou postos de emprego no Nordeste, formação de +51.465 vagas de trabalho. Entre os segmentos, Educação (+14.074), Atividades Administrativas (+9.346), Saúde humana e Serviços Sociais (+8.849), Administração Pública (+6.636) e Outros Serviços (5.820) se sobressaíram na ampliação do quadro de funcionários. Entre as Regiões, Serviços se destacou no Sudeste (+168.785), Sul (+78.920) e Nordeste (+51.465), vide Tabela 7.3.

Construção registrou +14.150 novas contratações no Nordeste, no 1º trimestre de 2025. Na Região, a subatividade Construção de Edifícios (+10.953) obteve significativo resultado na geração de novos empregos formais, seguido por Serviços Especializados em Construção (+1.796) e Obras de Infraestrutura (+1.628). O setor da Construção apresentou saldo de empregos positivo em todas as Regiões do País, com

ênfase no Sudeste (+51.498), seguido pelas Regiões Sul (+19.293) e Nordeste (+14.377), de acordo com dados da Tabela 7.3.

Tabela 7.3 – Brasil e Regiões: Saldo de empregos, por setor econômico – 1º trimestre de 2025

| Setores Econômicos | Norte         | Nordeste      | Sudeste        | Sul            | Centro-Oeste  | Brasil         | jul/24         |
|--------------------|---------------|---------------|----------------|----------------|---------------|----------------|----------------|
| Agropecuária       | 652           | -10.453       | 30.917         | 12.575         | 17.967        | 51.781         | 13.748         |
| Indústria geral    | 6.855         | -14.150       | 77.473         | 73.751         | 11.362        | 155.293        | 40.381         |
| Construção         | 2.062         | 14.377        | 51.498         | 19.293         | 13.541        | 100.943        | 84.360         |
| Comércio           | 3.841         | -7.671        | -20.359        | 8.092          | 4.890         | -11.204        | 33.388         |
| Serviços           | 17.409        | 51.465        | 169.785        | 78.920         | 50.485        | 368.069        | 15.144         |
| Não identificado   |               | -7            |                |                |               | -7             | 4.403          |
| <b>Total</b>       | <b>30.819</b> | <b>33.561</b> | <b>309.314</b> | <b>192.631</b> | <b>98.245</b> | <b>664.875</b> | <b>191.424</b> |

Fonte: Caged (2025). Elaboração: BNB/Etene.

Comércio reduziu seu quadro de pessoal em +7.671 postos no Nordeste, no 1º trimestre de 2025. Entre as três subatividades, Comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas (+2.168) obteve maior ampliação do nível do estoque de emprego, seguido por Comércio por Atacado (+1.866). No entanto, Comércio Varejista tem fechamento com redução de 11.705 empregos. Regionalmente, o Comércio gerou empregos com maior proporção no Sul (8.092), Centro-Oeste (+4.890) e Sul (+3.841).

Na Agropecuária (-10.453) no Nordeste, o saldo de emprego foi negativo em um dos três agrupamentos. A ampliação do quadro de empregos foi dada na Produção Florestal (+136) e Pesca e Aquicultura (+41). Apenas Agricultura, Pecuária e Serviços (-10.630) contabilizou saldo negativo. No entanto, a geração de emprego foi mais intensa na criação de aves (+404) e nos cultivos de soja (+1.342), manga (+608), uva (+240) e café (+141). Entre as Regiões, Sudeste (+30.917) foi a que mais gerou postos de trabalho no setor, seguido pelo Centro-Oeste (+17.967).

A Indústria na Região Nordeste contraiu -14.150 postos de trabalho no 1º trimestre de 2025. Neste período, duas entre as quatro subatividades registraram saldo de emprego positivo na Região, com destaque para Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação (+2.516), seguido por Indústrias Extrativas (+421). No entanto, Indústrias de Transformação (-17.033) e Eletricidade e Gás (-54) reduziram o número do estoque de empregos. No País, o Sudeste (+77.473) foi a Região que mais gerou empregos no setor da Indústria Geral, seguida pelo Sul (+73.751) e Centro-Oeste (+11.362), conforme dados da Tabela 7.3.

No Nordeste, o baixo desempenho nas Indústrias de transformação foi influenciado, de sobre modo, pelo quadro negativo na Fabricação e Refino de açúcar (-23.335), diante do período sazonal da entressafra da produção de cana-de-açúcar. Porém, o setor registrou novos empregos, com destaque para Fabricação de calçados (+1.961), seguido pelo Manutenção, Reparação e Instalação de Máquinas e Equipamentos (+1.047) e Fabricação d Veículos Automotores, Reboques e Carrocerias (+840).

7.3 Mercado de trabalho formal nas Unidades Federativas do Nordeste

O mercado de trabalho formal no Nordeste assegurou tendência de crescimento no 1º trimestre de 2025. Esse crescimento do mercado de trabalho se refletiu na maioria de seus Estados, com efeito significativo sobre a recuperação econômica da Região.

De acordo com o Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE), seis estados do Nordeste apresentaram saldo de empregos positivo no 1º trimestre de 2025, conforme dados da Tabela 7.4. Entre estes, Bahia despontou com maior saldo de empregos na Região, com geração de +32.234, seguido por Maranhão (+4.349), Piauí (+4.259) e Ceará (+3.602) (Tabela 7.4).

Tabela 7.4 – Nordeste e Estados: Saldo e Estoque do Emprego Formal – 1º trimestre de 2025 <sup>(1)</sup>

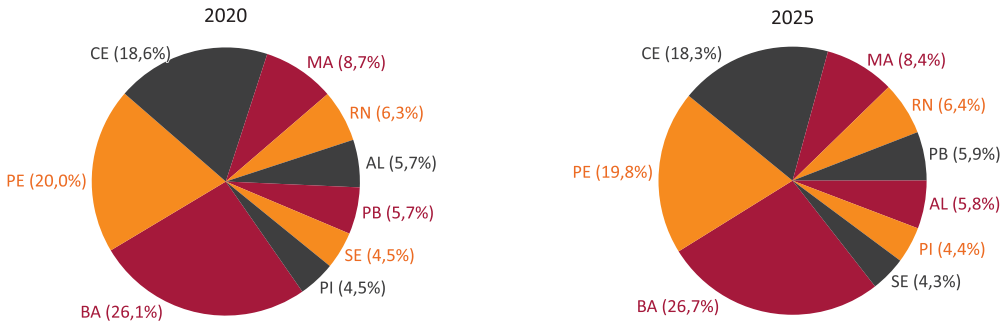
| Estados             | Acumulado de janeiro a março de 2025 |                |                         | Estoque do emprego formal <sup>(1)</sup> - Acumulado de 2024 |                  |                             |
|---------------------|--------------------------------------|----------------|-------------------------|--------------------------------------------------------------|------------------|-----------------------------|
|                     | Admitidos                            | Desligados     | Saldo de Emprego Formal | Estoque                                                      | Participação (%) | Variação (%) <sup>(2)</sup> |
| Maranhão            | 71.661                               | 67.312         | 4.349                   | 663.380                                                      | 8,3%             | 0,66                        |
| Piauí               | 41.909                               | 37.650         | 4.259                   | 365.910                                                      | 4,6%             | 1,18                        |
| Ceará               | 163.649                              | 160.047        | 3.602                   | 1.412.373                                                    | 17,7%            | 0,26                        |
| Rio Grande do Norte | 63.943                               | 63.499         | 444                     | 536.517                                                      | 6,7%             | 0,08                        |
| Paraíba             | 63.769                               | 64.548         | -779                    | 514.120                                                      | 6,4%             | -0,15                       |
| Pernambuco          | 169.482                              | 166.974        | 2.508                   | 1.519.408                                                    | 19,0%            | 0,17                        |
| Alagoas             | 49.825                               | 61.754         | -11.929                 | 454.328                                                      | 5,7%             | -2,56                       |
| Sergipe             | 38.450                               | 39.577         | -1.127                  | 341.591                                                      | 4,3%             | -0,33                       |
| <b>Bahia</b>        | <b>276.101</b>                       | <b>243.867</b> | <b>32.234</b>           | <b>2.170.118</b>                                             | <b>27,2%</b>     | <b>1,51</b>                 |
| <b>Nordeste</b>     | <b>938.789</b>                       | <b>905.228</b> | <b>33.561</b>           | <b>7.977.745</b>                                             | <b>100,0%</b>    | <b>0,42</b>                 |

Fonte: Caged (2025). Elaboração: BNB/Etene.  
Notas: (1) Estoque de emprego com posição até março de 2025; (2) Variação percentual do estoque de emprego em relação ao mês de dezembro de 2024.

Em relação ao crescimento do estoque de empregos, nos estados da Região, Bahia obteve aumento de +1,51% frente ao estoque de empregos do mês anterior, crescimento superior ao registrado no País (+1,41%) e no Nordeste (+0,42%). Neste seguimento, Piauí (+1,18%) e Maranhão (+0,66%) também apresentaram crescimento do estoque de empregos superior à média regional.

Assim, a distribuição do estoque de empregos entre os Estados da Região ficou da seguinte forma: Bahia atingiu 2.170.118 empregos formais de provimento, aproximadamente 27,2% do total regional; por sequência, Pernambuco (1.519.408, com 19,0%), Ceará (1.412.373, participa com 17,7%) e Maranhão (663.380, com 8,3%). Os quatro estados detêm cerca de 72,3% do emprego formal da Região Nordeste, de acordo com dados do Gráfico 7.4.

Gráfico 7.4 – Estados do Nordeste: Estoque de Emprego Formal - 2020 e 2025 <sup>(1)</sup>



Fonte: Caged (2025). Elaboração: BNB/Etene.  
Nota: (1) Estoque de emprego atualizado até março de 2025.

Bahia (+32.234) registrou o sétimo maior saldo de empregos do País, com formação de 32.234 novos postos de trabalho, no 1º trimestre de 2025. Neste período, todos os cinco agrupamentos da atividade econômica apresentaram saldo de empregos positivo, contribuindo para o maior saldo de empregos da Região. A geração de emprego foi fomentada principalmente por Serviços (+20.182), com destaques na geração de empregos em Informação, comunicação e atividades financeiras (+9.639), Educação (+3.418) e Transporte, armazenagem e correio (+2.011).

No Maranhão (+4.349), entre os setores, Serviços (+3.614) se destacou na geração de empregos formais, seguido por Comércio (+749) e Agropecuária (+192). Em Serviços, Saúde Humana e Serviços Sociais (+1.057) e Educação (+1.024) ganham destaque na geração de novos empregos.

No Piauí (+4.259), Serviços foi o setor que mais formou novos postos de trabalho, apresentando saldo de empregos em +2.350 postos de trabalho, seguido por Construção (+1.131), Agropecuária (+593) e

Comércio (+223). Em Serviços, entre as subatividades econômicas, Educação (+1.231), Administração Pública (+325) e Saúde Humana (+267) impulsionaram o setor de Serviços no estado.

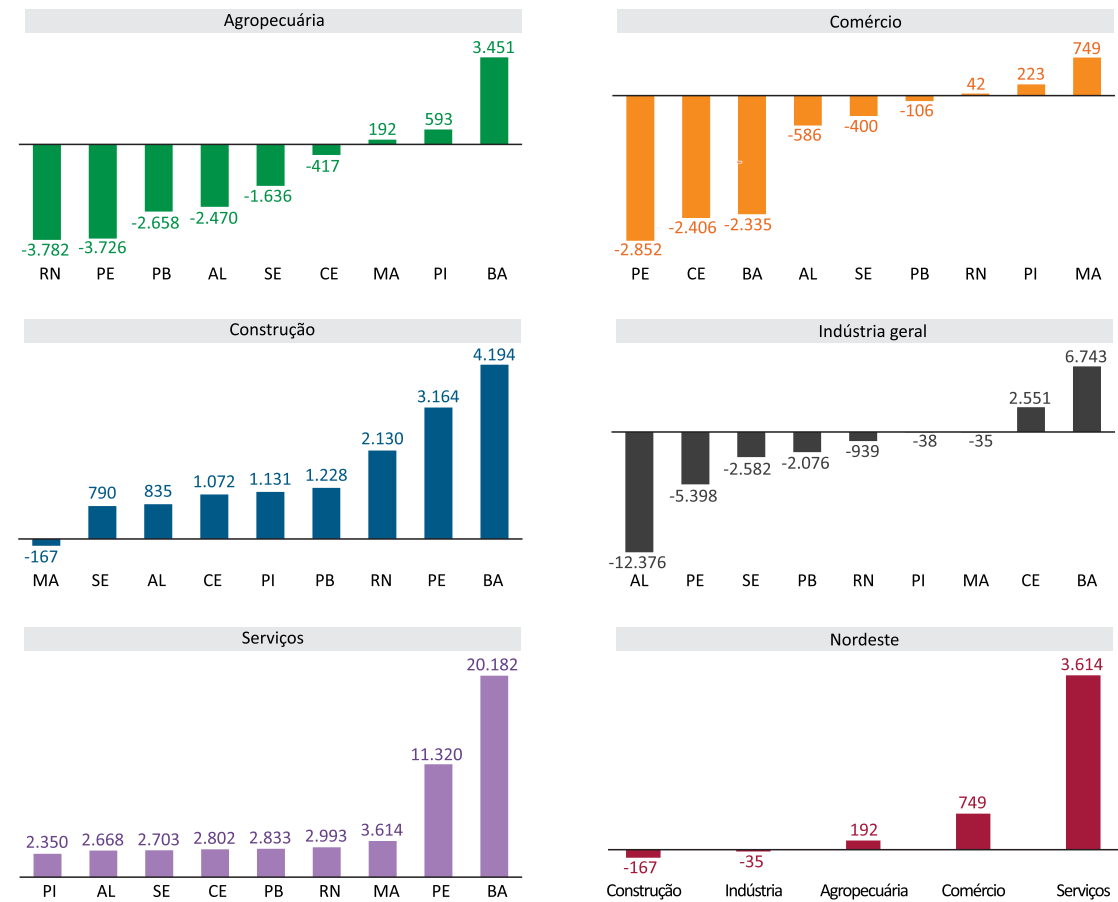
Por atividade econômica, vale enfatizar que Serviços (+51.465) e Construção (+14.377) foram os setores que mais ampliaram o número de postos de trabalho na Região, no 1º trimestre de 2025. Em Serviços, destacam-se os Estados da Bahia (+20.182), Pernambuco (+11.320), Maranhão (+3.614) e Rio Grande do Norte (+2.993), conforme dados do Gráfico 7.5 e Tabela 7.5.

Tabela 7.5 – Nordeste e Estados: Saldo de emprego, por setor econômico – 1º trimestre de 2025 <sup>(1)</sup>

| Grupamento de Atividades Econômicas e Seção CNAE 2.0             | Maranhão | Piauí | Ceará  | Rio Grande do Norte | Paraíba | Pernam-buco | Alagoas | Sergipe | Bahia  | Nordeste |
|------------------------------------------------------------------|----------|-------|--------|---------------------|---------|-------------|---------|---------|--------|----------|
| Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura   | 192      | 593   | -417   | -3.782              | -2.658  | -3.726      | -2.470  | -1.636  | 3.451  | -10.453  |
| Agricultura, pecuária e serviços relacionados                    | 65       | 629   | -353   | -3.771              | -2.659  | -3.719      | -2.459  | -1.649  | 3.286  | -10.630  |
| Pesca e Aquicultura                                              | 3        | 8     | -15    | 14                  | 6       | 18          | -8      | 2       | 13     | 41       |
| Produção Florestal                                               | 124      | -44   | -49    | -25                 | -5      | -25         | -3      | 11      | 152    | 136      |
| Indústria geral                                                  | -35      | -38   | 2.551  | -939                | -2.076  | -5.398      | -12.376 | -2.582  | 6.743  | -14.150  |
| Água, Esgoto, Gestão de Resíduos...                              | 162      | -413  | 1.389  | 39                  | 56      | 387         | 78      | -1.107  | 1.925  | 2.516    |
| Eletricidade e Gás                                               | 3        | -1    | -35    | -5                  | 67      | -56         | -80     | 45      | 8      | -54      |
| Indústrias de Transformação                                      | -196     | 371   | 1.104  | -1.029              | -2.216  | -5.805      | -12.380 | -1.537  | 4.655  | -17.033  |
| Indústrias Extrativas                                            | -4       | 5     | 93     | 56                  | 17      | 76          | 6       | 17      | 155    | 421      |
| Construção                                                       | -167     | 1.131 | 1.072  | 2.130               | 1.228   | 3.164       | 835     | 790     | 4.194  | 14.377   |
| Construção de Edifícios                                          | 395      | 518   | 1.137  | 1.256               | 949     | 2.329       | 718     | 773     | 2.878  | 10.953   |
| Obras de Infra-Estrutura                                         | 193      | 850   | -273   | 832                 | -137    | 298         | -24     | 81      | -192   | 1.628    |
| Serviços especializados p/ Construção                            | -755     | -237  | 208    | 42                  | 416     | 537         | 141     | -64     | 1.508  | 1.796    |
| Comércio                                                         | 749      | 223   | -2.406 | 42                  | -106    | -2.852      | -586    | -400    | -2.335 | -7.671   |
| Comércio e Reparação de Veículos Automotores...                  | 205      | 150   | 229    | 51                  | 233     | 311         | 187     | 148     | 654    | 2.168    |
| Comércio por Atacado, Exceto Veículos Automotores                | 216      | 259   | 72     | 336                 | 327     | 239         | -52     | -71     | 540    | 1.866    |
| Comércio Varejista                                               | 328      | -186  | -2.707 | -345                | -666    | -3.402      | -721    | -477    | -3.529 | -11.705  |
| Serviços                                                         | 3.614    | 2.350 | 2.802  | 2.993               | 2.833   | 11.320      | 2.668   | 2.703   | 20.182 | 51.465   |
| Adm. pública, defesa e seguridade social, educação, saúde...     | 2.358    | 1.823 | 4.306  | 2.366               | 1.060   | 6.945       | 2.749   | 1.167   | 6.785  | 29.559   |
| Administração Pública, Defesa e Seguridade Social                | 277      | 325   | 119    | 608                 | 46      | 1.171       | 2.021   | 377     | 1.692  | 6.636    |
| Educação                                                         | 1.024    | 1.231 | 2.583  | 1.068               | 818     | 2.449       | 661     | 822     | 3.418  | 14.074   |
| Saúde Humana e Serviços Sociais                                  | 1.057    | 267   | 1.604  | 690                 | 196     | 3.325       | 67      | -32     | 1.675  | 8.849    |
| Alojamento e alimentação                                         | 159      | 220   | -286   | 767                 | 142     | 386         | 146     | 298     | 643    | 2.475    |
| Inform., comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, ... | 536      | 113   | -2.487 | -185                | 1.703   | 2.301       | 624     | 841     | 9.639  | 13.085   |
| Outros serviços                                                  | 395      | 42    | 1.797  | 95                  | 123     | 1.700       | 401     | 166     | 1.101  | 5.820    |
| Serviços domésticos                                              | -3       | 0     | -9     | -17                 | 0       | 0           | 1       | 2       | 3      | -23      |
| Transporte, armazenagem e correio                                | 169      | 152   | -519   | -33                 | -195    | -12         | -1.253  | 229     | 2.011  | 549      |
| Não identificado                                                 | -4       | 0     | 0      | 0                   | 0       | 0           | 0       | -2      | -1     | -7       |
| Total                                                            | 4.349    | 4.259 | 3.602  | 444                 | -779    | 2.508       | -11.929 | -1.127  | 32.234 | 33.561   |

Fonte: Caged (2025). Elaboração: BNB/Etene.  
Nota (1): Dados disponíveis até março de 2025.

Gráfico 7.5 – Nordeste: Saldo de emprego, por setor econômico – 1º trimestre de 2025



Fonte: Caged (2025). Elaboração: BNB/Etene.

Nesse período, a Construção se sobressai na geração de empregos nos Estados da Bahia (+4.194) e Pernambuco (+3.164), impulsionados pela Construção de Edifícios, com formação de 2.878 e 2.329 novos empregos formais, respectivamente.

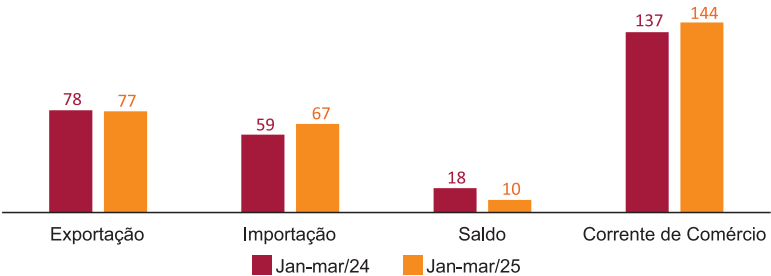
## 8 Comércio Exterior

### 8.1 Balança comercial do Brasil

A balança comercial brasileira acumulou superavit de US\$ 9,6 bilhões, no primeiro trimestre de 2025, queda de 48,2% em relação ao registrado no primeiro trimestre de 2024 (US\$ 18,5 bilhões), segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex) do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Gráfico 8.1). As exportações do País somaram US\$ 76,9 bilhões, registrando leve queda de 1,0%. As importações totalizaram US\$ 67,3 bilhões, aumento de 13,7%, nesse período comparativo.

A corrente de comércio, indicador expresso pela soma dos valores exportados e importados pelo País, alcançou US\$ 144,2 bilhões, no acumulado até março de 2025, contra US\$ 136,9 bilhões, no acumulado até março de 2024, acréscimo de 5,3%.

Gráfico 8.1 – Brasil - Exportações, importações, saldo da balança comercial e corrente de comércio – Jan-mar/2025/2024 - US\$ Bilhões



Fonte: Secex/MDIC (2025). Elaboração: BNB/Etene.  
Obs.: Dados referentes a meses anteriores retificados.

A decomposição das exportações brasileiras por setores de atividades econômicas (Tabela 8.1) mostra que, no acumulado até março de 2025, o setor Agropecuário, responsável por 21,9% (US\$ 16,8 bilhões) das vendas externas, registrou expansão de 4,3% (+US\$ 0,7 bilhão), comparativamente ao mesmo período do ano anterior. Os principais produtos do setor foram: Soja (51,6% de participação), Café não torrado (22,5%), Algodão em bruto (9,3%) e Milho (7,9%). Juntos, respondem por 91,3% das vendas do setor. As exportações de Soja decresceram 10,8% (-US\$ 1,1 bilhão) e as de Milho, 17,6% (-US\$ 0,3 bilhão), devido à queda nos preços internacionais comercializados. Por outro lado, as vendas de Café não torrado e Algodão em bruto registraram crescimento de 69,8% (+US\$ 1,1 bilhão) e 7,7% (+US\$ 0,1 bilhão), respectivamente.

Tabela 8.1 – Brasil - Exportação por setor de atividades econômicas - Jan-mar/2025/2024 - US\$ bilhões FOB

| Atividade Econômica        | Jan-mar/25 |           | Jan-mar/24 |           | Variação (%) |
|----------------------------|------------|-----------|------------|-----------|--------------|
|                            | Valor      | Part. (%) | Valor      | Part. (%) |              |
| Agropecuária               | 16,8       | 21,9      | 16,1       | 20,8      | 4,3          |
| Indústria Extrativa        | 17,0       | 22,1      | 20,4       | 26,3      | -17,0        |
| Indústria de Transformação | 42,7       | 55,5      | 40,7       | 52,4      | 4,8          |
| Outros Produtos            | 0,4        | 0,5       | 0,4        | 0,5       | 4,9          |
| TOTAL                      | 76,9       | 100,0     | 77,7       | 100,0     | -1,0         |

Fonte: Secex/MDIC (2025). Elaboração: BNB/Etene.  
Obs.: Dados referentes a meses anteriores retificados.

As exportações dos produtos da Indústria de Transformação somaram US\$ 42,7 bilhões (55,5% do total), no trimestre, apresentando crescimento de 4,8% (+US\$ 2, bilhões). Registraram crescimento, dentre outros, Carne bovina fresca, refrigerada ou congelada (+21,7%, +US\$ 517,8 milhões), Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos (exceto óleos brutos) (+3,0%, +US\$ 83,0 milhões), Celulose (+24,4%, +US\$ 543,9 milhões), Carnes de aves e suas miudezas comestíveis, frescas, refrigeradas ou congeladas (+19,3%, +US\$ 375,1 milhões). Por outro lado, decresceram as exportações de Açúcares e

melaços (-41,6%, -US\$ 1,9 bilhão) e Farelos de soja e outros alimentos para animais (excluídos cereais não moídos), farinhas de carnes e outros animais (-22,4%, -US\$ 574,0 milhões). Esses produtos representaram 36,5% da pauta do setor industrial.

A Indústria Extrativa, com 22,1% (US\$ 17,0 bilhões) de participação nas exportações totais do País, registrou retração nas vendas de 17,0% (-US\$ 3,5 bilhões), nesse período comparativo. Os principais produtos do setor, Óleos brutos de petróleo (56,7% do total) e Minério de ferro e seus concentrados (35,1%) registraram queda de 14,1% (-US\$ 1,6 bilhão) e 25,0% (-US\$ 2,0 bilhões). Vale ressaltar que Óleos brutos de petróleo foi o produto mais exportado no Brasil, com 12,5% de participação no primeiro trimestre de 2025.

Os três principais mercados de destino dos produtos brasileiros absorveram 44,1% do total das vendas externas, nos primeiros três meses de 2025: China (25,4%), Estados Unidos (12,4%) e Argentina (5,5%). Relativamente a mesmo período de 2024, China (-14,5%, -US\$ 3,31 bilhões) e Estados Unidos (-1,8%, -US\$ 0,2 bilhão) apresentaram decréscimo nas aquisições. Por outro lado, as exportações para Argentina cresceram 50,0% (+US\$ 1,1 bilhão).

Do lado das importações nordestinas, apenas a categoria Combustíveis e lubrificantes (9,4% do total, US\$ 6,3 bilhões) apresentou retração nas aquisições, no período em análise (Tabela 8.2). A queda de 13,2% (-US\$ 959,3 milhões) nesse período, foi motivada pela redução, principalmente, nas aquisições de Óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos, crus (-17,3%, -US\$ 358,5 milhões), Carvão, mesmo em pó, mas não aglomerado (-38,5%, -US\$ 348,5 milhões) e Óleos combustíveis de petróleo (-6,2%, -US\$ 187,2 milhões).

Tabela 8.2 – Brasil - Importação por grandes categorias econômicas - Jan-mar/2025/2024- US\$ bilhões

| Grandes categorias econômicas        | Jan-mar/25  |              | Jan-mar/24  |              | Variação (%) |
|--------------------------------------|-------------|--------------|-------------|--------------|--------------|
|                                      | Valor       | Part. (%)    | Valor       | Part. (%)    |              |
| Bens de capital                      | 11,5        | 17,1         | 7,8         | 13,2         | 47,9         |
| Bens intermediários                  | 39,9        | 59,3         | 34,9        | 58,9         | 14,5         |
| Bens de consumo                      | 9,5         | 14,2         | 9,3         | 15,6         | 2,9          |
| Combustíveis e lubrificantes         | 6,3         | 9,4          | 7,3         | 12,3         | -13,2        |
| Bens não especificados anteriormente | 0,0         | 0,0          | 0,0         | 0,0          | 69,1         |
| <b>TOTAL</b>                         | <b>67,3</b> | <b>100,0</b> | <b>59,2</b> | <b>100,0</b> | <b>13,7</b>  |

Fonte: Fonte: Secex/MDIC (2025). Elaboração: BNB/Etene.  
Obs.: Dados referentes a meses anteriores retificados.

As importações de Bens de Capital participaram com 17,1% da pauta, no acumulado até março de 2025, somando US\$ 11,5 bilhões. Comparativamente a mesmo período de 2024, cresceram 47,9% (+US\$ 3,7 bilhões). Esse desempenho é explicado pela importação de uma plataforma flutuante para extração de petróleo, oriunda da China, no valor de US\$ 2,7 bilhões, realizada em fevereiro.

As aquisições de Bens de intermediários (US\$ 39,9 bilhões), representaram 59,3% do total importado, registrando crescimento de 14,5% (+US\$ 5,1 bilhões), no período comparativo em foco. Os maiores incrementos, em termos de valor, foram nas importações de Motores e máquinas não elétricos, e suas partes (exceto motores de pistão e geradores (+41,1%, +US\$ 716,3 milhões), partes e acessórios dos veículos automotivos (+18,5%, +US\$ 333,7 milhões), compostos organo-inorgânicos, compostos heterocíclicos, ácidos nucleicos e seus sais, e sulfonamidas (+23,5%, +US\$ 301,6 milhões) e Adubos ou fertilizantes químicos (exceto fertilizantes brutos (+13,8%, +US\$ 299,2 milhões).

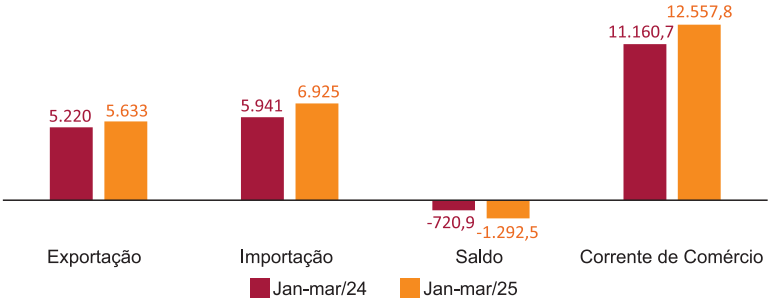
As aquisições de Bens de consumo (14,2% do total) somaram US\$ 9,5 bilhões, crescimento de 2,9% (+US\$ 270,8 milhões), com destaque para as importações de Outros medicamentos, incluindo veterinários (+22,7%, +US\$ 326,3 milhões) e Equipamentos elétricos e não elétricos de uso doméstico (+29,6%, +US\$ 83,0 milhões). Por outro lado, descaíram as aquisições de Veículos automóveis de passageiros (-29,1%, -US\$ 425,4 milhões) e Medicamentos e produtos farmacêuticos, exceto veterinários (-11,2%, -US\$ 141,0 milhões).

Os principais países de origem das importações brasileiras, no primeiro trimestre de 2025, foram: China (28,3% do total), Estados Unidos (15,3%) e Alemanha (5,1%). Frente a mesmo período de 2024, as aquisições oriundas da China (+34,9%, +US\$ 4,92 bilhões), Estados Unidos (+14,8%, +US\$ 1,33 bilhão) e da Alemanha (+4,0%, +US\$ 0,13 bilhão) registraram crescimento.

8.2 Balança comercial da Região Nordeste

As exportações nordestinas totalizaram US\$ 5.632,7 milhões, no primeiro trimestre de 2025, aumento de 7,9% (+US\$ 412,8 milhões), relativamente ao primeiro trimestre de 2024 (Gráfico 8.2). As importações registraram incremento um pouco maior de 16,6% (+US\$ 984,3 milhões), somando US\$ 6.925,2 milhões, nesse intervalo. A balança comercial nordestina, portanto, registrou déficit de US\$ 1.292,5 milhões, maior do que o registrado em mesmo período de 2024 (-US\$ 720,9 milhões). A corrente de comércio atingiu US\$ 12.557,5 milhões (+12,5%, +US\$ 1.397,1 milhões).

Gráfico 8.2 – Nordeste: Exportações, importações, saldo da balança comercial e corrente de comércio – Jan-mar/2025/2024- US\$ milhões



Fonte: Fonte: Secex/MDIC (2025). Elaboração: BNB/Etene.  
Obs.: Dados referentes a meses anteriores retificados.

A análise das exportações nordestinas por setores de atividades econômicas mostra que a Agropecuária registrou incremento de 6,9% (+US\$ 88,1 milhões), acumulando receita de US\$ 1.369,6 milhões (24,3% do total), no primeiro trimestre de 2025, ante mesmo período de 2024 (Tabela 8.3). Soja (-9,5%, -US\$ 64,1 milhões) e Milho (-32,1%, -US\$ 27,3 milhões) registraram queda nas vendas, enquanto as exportações de Algodão em bruto (+22,3%, +US\$ 53,2 milhões) e Café (+144,5%, +US\$ 86,7 milhões) cresceram.

Tabela 8.3 – Nordeste - Exportação por setor de atividades econômicas - Jan-mar/2025/2024- US\$ milhões FOB

| Atividade Econômica        | Jan-mar/25 |           | Jan-mar/24 |           | Variação (%) |
|----------------------------|------------|-----------|------------|-----------|--------------|
|                            | Valor      | Part. (%) | Valor      | Part. (%) |              |
| Agropecuária               | 1.369,6    | 24,3      | 1.281,6    | 24,6      | 6,9          |
| Indústria Extrativa        | 350,9      | 6,2       | 368,9      | 7,1       | -4,9         |
| Indústria de Transformação | 3.898,8    | 69,2      | 3.553,6    | 68,1      | 9,7          |
| Outros Produtos            | 13,4       | 0,2       | 15,8       | 0,3       | -15,6        |
| TOTAL                      | 5.632,7    | 100,0     | 5.219,9    | 100,0     | 7,9          |

Fonte: Fonte: Secex/MDIC (2025). Elaboração: BNB/Etene.  
Obs.: Dados referentes a meses anteriores retificados.

Já na Indústria Extrativa, as exportações dos produtos do setor decresceram 4,9% (-US\$ 18,0 milhões), atingindo US\$ 350,9 milhões (6,2% das vendas externas totais), no período em análise, devido, principalmente, à queda nas vendas de Minério de ferro e seus concentrados (-49,5%, -US\$ 50,2 milhões) e de Minério de níquel e seus concentrados (-28,3%, -US\$ 15,5 milhões). Em sentido contrário, cresceram as exportações de Minério de cobre e seus concentrados (+10,8%, +US\$ 13,3 milhões) e Óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos, crus (+61,3%, +US\$ 25,5 milhões).

As exportações dos produtos da Indústria de Transformação somaram US\$ 3.898,8 milhões, nos três primeiros meses de 2025, representando 69,2% da pauta da Região. Relativamente aos três primeiros

meses de 2024, registraram crescimento de 9,7% (+US\$ 345,2 milhões). Dos principais produtos do setor exportados, destacam-se o bom desempenho das vendas de Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos (exceto óleos brutos (+24,8%, +US\$ 167,6 milhões), Alumina (+90,6%, +US\$ 218,8 milhões), Cacau em pó, manteiga ou pasta de cacau (+175,2%, +US\$ 94,8 milhões) e Ouro, não monetário (+23,6%, +US\$ 47,0 milhões).

Os três principais parceiros comerciais do Nordeste absorveram 39,5% das vendas externas da Região, no período de janeiro a março de 2025: China (15,3%), Estados Unidos (12,2%) e Canadá (12,0%). Comparativamente a janeiro a março de 2024, registraram queda as vendas com destino à China (-17,5%, -US\$ 182,5 milhões) enquanto para os Estados Unidos (+13,7%, +US\$ 82,5 milhões) e Canadá (+53,4%, +US\$ 235,6 milhões), as exportações aumentaram.

Do lado das importações nordestinas (Tabela 8.4), houve crescimento em todas as grandes categorias econômicas, no primeiro trimestre de 2025 ante mesmo período de 2024: Bens de Capital (+25,9%), Bens intermediários (+21,5%), Bens de consumo (+15,5%) e Combustíveis e lubrificantes (+7,5%).

As importações de Bens de Capital alcançaram US\$ 507,3 milhões (7,3% da pauta). Cresceram as importações de outras máquinas e equipamentos especializados para determinadas indústrias e suas partes (+84,5 %, +US\$ 34,9 milhões) e geradores elétricos giratórios e suas partes (+88,3%, +US\$ 22,3 milhões) enquanto decresceram as de Veículos para transporte de mercadorias e usos especiais (-72,3%, -US\$ 48,7 milhões).

Nas importações de Bens Intermediários (US\$ 3.751,9 milhões), 54,2% do total das aquisições, os destaques foram o crescimento nas aquisições de Adubos ou fertilizantes químicos (+47,2%, +US\$ 138,5 milhões) e Cacau em bruto ou torrado (+362,1%, +US\$ 222,2 milhões).

As aquisições de Bens de consumo (6,6% do total) somaram US\$ 458,5 milhões, com destaque para o crescimento das importações de Motocicletas, bicicletas motorizadas ou não e veículos para inválidos (+229,7%, +US\$ 27,9 milhões).

Já as compras de produtos da categoria combustíveis e lubrificantes (31,9% do total) atingiram US\$ 2.206,0 milhões. Óleos combustíveis de petróleo (+14,4%, +US\$ 161,5 milhões) e Propano e butano liquefeito (+30,3%, +US\$ 40,4 milhões) registraram crescimento. Por outro lado, decresceram as aquisições de Óleos brutos de petróleo (-3,6%, -US\$ 19,5 milhões) e Carvão, mesmo em pó, mas não aglomerado (-14,2%, -US\$ 17,7 milhões), dentre outros.

Tabela 8.4 – Nordeste - Importação por grandes categorias econômicas - Jan-mar/2025/2024- US\$ milhões

| Grandes categorias econômicas        | Jan-mar/25     |              | Jan-mar/24     |              | Variação (%) |
|--------------------------------------|----------------|--------------|----------------|--------------|--------------|
|                                      | Valor          | Part. (%)    | Valor          | Part. (%)    |              |
| Bens de capital                      | 507,3          | 7,3          | 403,1          | 6,8          | 25,9         |
| Bens intermediários                  | 3.751,9        | 54,2         | 3.088,3        | 52,0         | 21,5         |
| Bens de consumo                      | 458,5          | 6,6          | 397,1          | 6,7          | 15,5         |
| Combustíveis e lubrificantes         | 2.206,0        | 31,9         | 2.051,8        | 34,5         | 7,5          |
| Bens não especificados anteriormente | 1,5            | 0,0          | 0,6            | 0,0          | 139,8        |
| <b>TOTAL</b>                         | <b>6.925,2</b> | <b>100,0</b> | <b>5.940,8</b> | <b>100,0</b> | <b>16,6</b>  |

Fonte: Fonte: Secex/MDIC (2025). Elaboração: BNB/Etene.  
Obs.: Dados referentes a meses anteriores retificados.

Os principais países de origem das importações nordestinas, nos primeiros três meses de 2025, foram: Estados Unidos (23,3%), China (18,7%) e Rússia (7,0%) que responderam por 49,0% do total. Frente a mesmo período de 2024, apresentaram aumento nas aquisições os Estados Unidos (+43,0%, +US\$ 484,6 milhões), China (+24,8%, +US\$ 257,1 milhões) e Rússia (+37,5%, +US\$ 132,5 milhões).

8.3 Balança comercial dos estados nordestinos

Bahia (+US\$ 392,0 milhões), Rio Grande do Norte (+US\$ 158,6 milhões), Maranhão (+US\$ 147,0 milhões), Alagoas (+US\$ 97,0 milhões) e Piauí (+US\$ 66,2 milhões) registraram saldo positivo na balança comercial, no primeiro trimestre de 2025. Os demais apresentaram déficits: Pernambuco (-US\$ 1.493,8 milhões), Ceará (-US\$ 370,2, milhões), Paraíba (-US\$ 277,5 milhões) e Sergipe (-US\$ 11,8 milhões) (Tabela 8.5).

Tabela 8.5 – Nordeste e Estados - Exportação, Importação e Saldo da Balança Comercial - Jan-mar/2025/2024- US\$ milhões FOB

| Estados      | Exportação |           |                            | Importação |           |                            | Saldo    |
|--------------|------------|-----------|----------------------------|------------|-----------|----------------------------|----------|
|              | Valor      | Part. (%) | Var. % jan-mar/ 2025/ 2024 | Valor      | Part. (%) | Var. % jan-mar/ 2025/ 2024 |          |
| Maranhão     | 1.074,1    | 19,1      | 3,0                        | 927,1      | 13,4      | 21,3                       | 147,0    |
| Piauí        | 160,4      | 2,8       | 10,1                       | 94,2       | 1,4       | 84,6                       | 66,2     |
| Ceará        | 348,9      | 6,2       | 13,2                       | 719,1      | 10,4      | -0,9                       | -370,2   |
| R G do Norte | 290,6      | 5,2       | 28,0                       | 132,0      | 1,9       | 15,0                       | 158,6    |
| Paraíba      | 50,7       | 0,9       | 13,3                       | 328,2      | 4,7       | 131,3                      | -277,5   |
| Pernambuco   | 486,9      | 8,6       | -3,5                       | 1.980,8    | 28,6      | 17,5                       | -1.493,8 |
| Alagoas      | 324,0      | 5,8       | 6,5                        | 227,0      | 3,3       | 10,3                       | 97,0     |
| Sergipe      | 118,2      | 2,1       | 65,3                       | 130,0      | 1,9       | 91,7                       | -11,8    |
| Bahia        | 2.778,8    | 49,3      | 8,1                        | 2.386,8    | 34,5      | 9,3                        | 392,0    |
| Nordeste     | 5.632,7    | 100,0     | 7,9                        | 6.925,2    | 100,0     | 16,6                       | -1.292,5 |

Fonte: Fonte: Secex/MDIC (2025). Elaboração: BNB/Etene.  
Obs.: Dados referentes a meses anteriores retificados.

No Maranhão, as exportações totalizaram US\$ 1.074,1 milhões, no acumulado até março 2025, crescimento de 3,0%, ante o acumulado até março 2024. As vendas dos produtos da Agropecuária (27,1% do total) e Indústria de Transformação (69,4%) cresceram 7,5% e 9,2%, respectivamente, com destaque para Soja (+18,7%), Algodão em bruto (+135,4%) e Alumina (+90,6%). Por outro lado, os da Indústria Extrativa (3,4% da pauta) recuaram 57,8% devido à queda nas vendas de Minério de ferro e seus concentrados (-57,8%). As importações (US\$ 927,1, milhões) cresceram 21,3%, devido, sobretudo, ao aumento nas aquisições de Bens Intermediários (+23,1%) e de Combustíveis e Lubrificantes (+22,4%) que representaram 27,0% e 70,5% da pauta, respectivamente.

O Estado do Piauí registrou exportações no valor de US\$ 160,4 milhões, aumento de 10,1%, nesse período comparativo. As vendas dos produtos da Agropecuária (72,1% do total) aumentaram 14,1%, influenciadas, principalmente, pelas vendas de algodão (+146,1%) e Soja (+12,9%). As importações aumentaram 84,6%, alcançando US\$ 94,2 milhões, devido à alta nas aquisições de Bens de Capital (+321,2%) e Bens Intermediários (+59,0%), que representaram 21,9% e 76,6% do total.

No Estado do Ceará, as exportações atingiram o valor de US\$ 348,9 milhões, incremento de 13,2%. Agropecuária (15,9% do total), Indústria Extrativa (5,1%) e Indústria de Transformação (78,3%) registraram crescimento de 59,5%, 117,4% e 3,9%, respectivamente. As exportações de Frutas e nozes não oleaginosas, frescas ou secas (+56,0%) e de outros minerais em bruto (+136,6%) registraram crescimento enquanto as de Produtos semiacabados, lingotes e outras formas primárias de ferro ou aço recuaram 10,3%. As importações somaram US\$ 719,1 milhões, ligeira queda de 0,9%, com a redução nas aquisições de Bens Intermediários (-1,8%) e de Combustíveis e Lubrificantes (-6,5%). Por outro lado, cresceram as importações de Bens de Capital (+9,1%) e Bens de Consumo (+31,5%).

No Rio Grande do Norte, as exportações alcançaram US\$ 290,6 milhões, crescimento de 28,0%, devido ao incremento de 26,0% das vendas dos produtos da Indústria de Transformação (65,5% do total) e 39,7% da Agropecuária (31,2%), com destaque para Óleos combustíveis de petróleo (+37,6%) e Frutas e nozes não oleaginosas, frescas ou secas (+35,5%). As importações (US\$ 132,0 milhões) cresceram 15,0%, devido

ao aumento nas compras de Bens de Capital (+123,2%), Bens Intermediários (+30,3%) e Bens de Consumo (+2,5%). Por outro lado, as importações de Combustíveis e Lubrificantes decresceram 26,0%.

As exportações da Paraíba somaram US\$ 50,7 milhões, aumento de 13,3%, no período em análise. As vendas da Indústria de Transformação que representam 90,5% do total cresceram 11,8%, com destaque para o incremento nas vendas de Açúcares e melaços (+20,3%) e Sucos de frutas ou de vegetais (+95,3%). As importações (US\$ 328,2 milhões) cresceram 131,3%, motivada pelo aumento expressivo nas aquisições de Bens de Combustíveis e Lubrificantes.

Em Pernambuco, as exportações totalizaram US\$ 486,9 milhões, no primeiro trimestre de 2025, valor 3,5% inferior ao registrado no primeiro trimestre de 2024. Os produtos da Agropecuária (7,4% da pauta) e da Indústria de Transformação (91,8%) recuaram 31,9% e 0,5%, respectivamente. Recuaram as exportações de Frutas e nozes não oleaginosas, frescas ou secas (-34,7%), Açúcares e melaços (-34,7%), Veículos de passageiros (-23,3%) e Veículos para transporte de mercadorias e usos especiais (-14,8%). Vale registrar o aumento, dentre outros, das vendas de Óleos combustíveis de petróleo (+113,4%). As importações totais, US\$ 1.980,8 milhões, cresceram 17,5%, devido ao aumento nas compras externas de Bens Intermediários (+16,6%), Bens de Consumo (+24,2%) e Combustíveis e Lubrificantes (+23,1%), enquanto as aquisições de Bens de Capital (-7,5%) recuaram.

Em Alagoas, as exportações alcançaram US\$ 324,0 milhões, registrando expansão de 6,5%. As vendas dos produtos da Indústria de Transformação (82,0% do total) cresceram 9,7%, no período em foco, devido, principalmente, a elevação nas vendas externas de Açúcares e melaços (+9,3%). Já as importações (US\$ 227,0 milhões) cresceram de 10,3%, com o aumento nas aquisições de Bens de Capital (+61,5%), Bens Consumo (+6,3%) e de Bens Intermediários (+4,1%).

Sergipe exportou US\$ 118,0 milhões, registrando crescimento de 65,3%. Esse resultado decorreu, principalmente, do aumento nas vendas de Óleos brutos de petróleo (+61,3%) da Indústria Extrativa (56,7% do total) e de Sucos de frutas (+105,2%) da Indústria de Transformação (42,7%). As importações (US\$ 130,0 milhões) aumentaram 91,7%, devido ao aumento significativo nas aquisições de Combustíveis e Lubrificantes.

Na Bahia, as exportações alcançaram US\$ 2.778,8 milhões, aumento de 8,1%. Os produtos da Agropecuária (27,9% da pauta), da Indústria Extrativa (5,4%) e da Indústria de Transformação (66,6%) registraram crescimento nas vendas de 2,9%, 3,0% e 11,1%, respectivamente. Os destaques foram: Algodão em bruto (+11,3%), Café não torrado (+144,5%), Minérios de cobre e seus concentrados (+32,0%), Cacau em pó, manteiga ou pasta de cacau (175,1%), Ouro, não monetário (+36,7%) e Óleos combustíveis de petróleo (22,6%). As importações (US\$ 2.386,8 milhões) registraram crescimento de 9,3%, devido ao aumento nas compras de Bens de Capital (+42,4%), Bens Intermediários (+31,9%) e Bens de Consumo (+5,1%). Por outro lado, as importações de Combustíveis e Lubrificantes decresceram 33,6%.

Os principais produtos exportados e importados, bem como os principais países de destino e de origem das exportações e importações por estado da Região, nos três primeiros meses de 2025, estão discriminados nas Tabelas 8.6 e 8.7.

Tabela 8.6 – Nordeste e Estados - Principais produtos exportados e importados- - Em %– Jan-mar/2025

| Estados/<br>Nordeste/<br>Brasil | Principais Produtos Exportados                                                                 | Principais Produtos Importados                                                                                                                                                                                                |
|---------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Maranhão                        | Alumina (óxido de alumínio), exceto corindo artificial (42,8%), Soja (21,9%), Celulose (16,5%) | Óleos combustíveis de petróleo, exceto óleos brutos (69,3%), Adubos ou fertilizantes químicos, exceto fertilizantes brutos (16,0%), Elementos químicos inorgânicos, óxidos e sais de halogêneos (4,6%)                        |
| Piauí                           | Soja (47,4%), Milho não moído, exceto milho doce (11,4%), Algodão em bruto (10,8%)             | Válvulas e tubos termiônicas, de cátodo frio ou foto-cátodo, diodos, transistores (24,7%), Produtos laminados planos de ferro ou aço não ligado, não folheados (24,2%), Outras máquinas e equipamentos especializados (15,7%) |

| Estados/<br>Nordeste/<br>Brasil | Principais Produtos Exportados                                                                                                                                 | Principais Produtos Importados                                                                                                                                                                                                |
|---------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Ceará                           | Produtos semi-acabados, lingotes e outras formas primárias de ferro ou aço (21,1%), Calçados (18,0%), Frutas e nozes não oleaginosas, frescas ou secas (14,6%) | Carvão, mesmo em pó, mas não aglomerado (13,0%), Óleos combustíveis de petróleo (exceto óleos brutos) (9,7%), Trigo e centeio, não moídos (7,9%)                                                                              |
| Rio Grande do Norte             | Óleos combustíveis de petróleo, exceto óleos brutos (53,6%), Frutas e nozes não oleaginosas, frescas ou secas (28,3%), Açúcares e melaços (3,2%)               | Óleos combustíveis de petróleo (exceto óleos brutos) (22,1%), Válvulas e tubos termiônicas, de cátodo frio ou foto-cátodo, diodos, transistores (17,0%), Trigo e centeio, não moídos (10,8%)                                  |
| Paraíba                         | Açúcares e melaços (45,5%), Calçados (27,0%), Sucos de frutas ou de vegetais (13,4%)                                                                           | Óleos brutos de petróleo (32,7%), Produtos residuais de petróleo e materiais relacionados (13,8%), Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos (exceto óleos brutos) (6,2%)                                     |
| Pernambuco                      | Açúcares e melaços (33,4%), Veículos automóveis de passageiros (14,9%), Óleos combustíveis de petróleo (exceto óleos brutos) (10,5%)                           | Óleos combustíveis de petróleo, exceto óleos brutos (24,6%), Propano e butano liquefeito (8,8%), Partes e acessórios dos veículos automotivos (8,6%)                                                                          |
| Alagoas                         | Açúcares e melaços (80,6%), Minérios de cobre e seus concentrados (16,6%), Tabaco em bruto (1,0%)                                                              | Adubos ou fertilizantes químicos (exceto fertilizantes brutos) (6,2%), Equipamentos de telecomunicações, incluindo peças e acessórios (4,9%), Malas, pastas, estojos e sacos de viagem; bolsas e artefatos semelhantes (4,8%) |
| Sergipe                         | Óleos brutos de petróleo (56,7%), Sucos de frutas ou de vegetais (33,8%), Açúcares e melaços (2,5%)                                                            | Gás natural, liquefeito ou não (46,7%), Adubos ou fertilizantes químicos, exceto fertilizantes brutos (15,1%), Tubos e perfis ocios, e acessórios para tubos, de ferro ou aço (8,8%)                                          |
| Bahia                           | Óleos combustíveis de petróleo, exceto óleos brutos (22,4%), Celulose (13,0%), Soja (10,7%)                                                                    | Óleos combustíveis de petróleo, exceto óleos brutos (20,3%), Óleos brutos de petróleo (17,6%), Cacau em bruto ou torrado (11,9%)                                                                                              |
| <b>NORDESTE</b>                 | <b>Óleos combustíveis de petróleo, exceto óleos brutos (15,0%), Soja (10,8%), Celulose (9,6%)</b>                                                              | <b>Óleos combustíveis de petróleo, exceto óleos brutos (25,0%), Óleos brutos de petróleo (7,6%), Adubos ou fertilizantes químicos, exceto fertilizantes brutos (6,2%)</b>                                                     |
| <b>BRASIL</b>                   | <b>Óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos, crus (12,5%), Soja (11,37%) Minério de ferro e seus concentrados (7,8%)</b>                            | <b>Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos (5,4%), Plataformas, embarcações e outras estruturas flutuantes (4,0%), Adubos ou fertilizantes químicos (3,7%)</b>                                              |

Fonte: Fonte: Secex/MDIC (2025). Elaboração: BNB/Etene.

Obs.: Dados referentes a meses anteriores retificados.

Tabela 8.7 – Nordeste e Estados - Principais países de destino das exportações e de origem das importações – Em %– Jan-mar/2025

| Estados/<br>Nordeste/<br>Brasil | Principais Países de Destinos das Exportações                          | Principais Países de Origens das Importações                         |
|---------------------------------|------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------|
| Maranhão                        | Canadá (35,1%), Estados Unidos (19,3%), China (16,8%)                  | Estados Unidos (36,4%), Rússia (24,2%), Índia (15,2%)                |
| Piauí                           | China (45,5%), Alemanha (11,9%), Vietnã (7,7%)                         | China (79,0%), Coreia do Sul (5,4%), Egito (3,2%)                    |
| Ceará                           | Estados Unidos (40,1%), Países Baixos (Holanda) (7,2%), Itália (5,1%)  | China (34,7%), Estados Unidos (12,7%), Rússia (5,7%)                 |
| Rio Grande do Norte             | Panamá (46,7%), Países Baixos (Holanda) (15,5%), Estados Unidos (9,1%) | China (34,0%), Rússia (13,6%), Países Baixos (Holanda) (8,7%)        |
| Paraíba                         | Geórgia (18,3%), Argélia (17,2%), Espanha (12,8%)                      | Estados Unidos (38,1%), China (17,7%) Países Baixos (Holanda)(11,0%) |
| Pernambuco                      | Argentina (25,8%), Singapura (8,4%), Líbia (6,4%)                      | China (16,7%), Estados Unidos (16,3%), Argentina (10,5%)             |

BNB Conjuntura Econômica Jan/Mar/2025

|          |                                                                            |                                                               |
|----------|----------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------|
| Alagoas  | Argélia (19,6%), Canadá (17,3%), China (11,1%)                             | China (57,3%), Estados Unidos (8,5%), Rússia (4,0%)           |
| Sergipe  | Países Baixos (Holanda) (40,3%), Gibraltar (22,8%), Estados Unidos (18,4%) | Estados Unidos (25,1%), Camarões (22,9%), China (15,9%)       |
| Bahia    | China (19,6%), Singapura (11,1%), Canadá (8,6%)                            | Estados Unidos (28,2%), China (15,0%), Costa do Marfim (9,9%) |
| Nordeste | China (15,3%), Estados Unidos (12,2%), Canadá (12,0%)                      | Estados Unidos (23,3%), China (18,7%), Rússia (7,0%)          |
| Brasil   | China (25,4%), Estados Unidos (12,4%), Argentina (5,5%)                    | China (28,3%), Estados Unidos (15,3%), Alemanha (5,1%)        |

Fonte: Fonte: Secex/MDIC (2025). Elaboração: BNB/Etene.  
Obs.: Dados referentes a meses anteriores retificados.

## 9 Finanças Públicas

O texto de Finanças Públicas trata das Transferências Constitucionais, Fundo de Participação dos Estados (FPE) e Fundo de Participação dos Municípios (FPM), Agências Oficiais de fomento e Grau de Endividamento dos Estados e Capitais. Deveria tratar, também, da Arrecadação do Imposto de Circulação de Bens e Serviços (ICMS). No entanto, até 23 de janeiro de 2025, os dados da arrecadação em 2024 estão precários e a última atualização do Confaz foi em 08 de outubro de 2024. Apenas em nove Estados tem-se os dados até agosto. O Paraná não divulgou nenhum dado no site do Confaz. Ceará, Distrito Federal, Mato Grosso e Espírito Santo divulgaram apenas os dados de janeiro, enquanto Pernambuco, Acre, Minas Gerais e Santa Catarina têm os dados de janeiro e fevereiro, e Goiás, Alagoas, Maranhão e São Paulo, até abril.

No início do capítulo, faz-se uma síntese do que ocorreu com a distribuição dos Fundos Constitucionais e do ICMS, usando os dados de 2023. A seguir, faz-se uma análise da evolução dos fundos constitucionais para o Nordeste. Indiretamente, ao discutir as transferências dos fundos constitucionais (FPE e FPM), trata-se, também, da Arrecadação Federal, mais especificamente do Imposto de Renda e do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), que são a base das Transferências Constitucionais, ou seja, quando se analisa a variação ocorrida nestas, se está avaliando, também, o que ocorreu na base do cálculo.

Após a análise da evolução das transferências constitucionais, o capítulo trata do índice de endividamento dos estados e capitais da Federação, com ênfase na Região Nordeste, em 2024, e o Índice de Dependência Financeira (IDF), que é a relação entre as transferências constitucionais e a receita corrente líquida. O IDF mostra a capacidade de uma Unidade Federativa em originar receitas a partir de sua própria base econômica.

Em seguida, discute-se as aplicações das agências oficiais de fomento (Banco do Brasil - BB, Caixa Econômica Federal - CEF, Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social - BNDES, Banco do Nordeste do Brasil - BNB, Banco da Amazônia - BASA, Financiadora de Estudos e Projetos - FINEP e Agência Especial de Financiamento Industrial - FINAME, no primeiro bimestre de 2025. Estes dois últimos serão chamados de Outros (FINEP e FINAME). O foco são as aplicações do BNB na Região, olhando o setor (rural, indústria, comércio e serviços, entre outros) e o porte (micro, pequeno, médio e grande), nos estados nordestinos.

### 9.1 Síntese da Evolução dos Fundos e do ICMS

As Transferências Constitucionais (Fundo de Participação dos Estados – FPE e Fundo de Participação dos Municípios – FPM) são muito importantes para os estados mais pobres da Federação. Em 2022, estas transferências para a Região Nordeste, superaram um pouco a arrecadação do ICMS, R\$ 115,7 bilhões, para R\$ 115,5 bilhões (Tabela 9.1). Em 2023, as transferências dos fundos (R\$ 120,1 bilhões), continuam a superar a arrecadação do ICMS na Região (R\$ 115,5 bilhões). Nos três maiores estados da Região, Bahia, Pernambuco e Ceará, as Transferências são menores que a arrecadação do ICMS, 76,5%, 73,8% e 97,3% respectivamente. À exceção da Bahia, Ceará e Pernambuco, os outros estados nordestinos são muito dependentes das Transferências da União. A maior dependência é do Piauí (Transferências/ICMS = 165,9%), seguida por Sergipe (Transferências/ICMS = 163,4%), Alagoas (154,6%) e Paraíba (141,5%).

Tabela 9.1 – Transferências Constitucionais (FPE + FPM) e ICMS – 2023 – R\$ milhões

| Estado/Região | ATÉ dezembro/2023 |        |                    |              |                          |
|---------------|-------------------|--------|--------------------|--------------|--------------------------|
|               | FPE + FPM         | ICMS   | (FPE + FPM) + ICMS | FPE+FPM/ICMS | (FPE+FPM)/(FPE+FPM+ICMS) |
| Alagoas       | 8.995             | 5.819  | 14.814             | 154,6        | 60,7                     |
| Bahia         | 25.813            | 33.744 | 59.557             | 76,5         | 43,3                     |
| Ceará         | 16.698            | 17.154 | 33.852             | 97,3         | 49,3                     |
| Maranhão      | 15.542            | 11.495 | 27.037             | 135,2        | 57,5                     |
| Paraíba       | 10.882            | 7.690  | 18.572             | 141,5        | 58,6                     |
| Pernambuco    | 16.264            | 22.038 | 38.302             | 73,8         | 42,5                     |

| Estado/Região       | ATÉ dezembro/2023 |                |                    |              |                          |
|---------------------|-------------------|----------------|--------------------|--------------|--------------------------|
|                     | FPE + FPM         | ICMS           | (FPE + FPM) + ICMS | FPE+FPM/ICMS | (FPE+FPM)/(FPE+FPM+ICMS) |
| Piauí               | 9.581             | 5.776          | 15.357             | 165,9        | 62,4                     |
| Rio Grande do Norte | 8.814             | 7.195          | 16.009             | 122,5        | 55,1                     |
| Sergipe             | 7.501             | 4.592          | 12.093             | 163,4        | 62,0                     |
| <b>Nordeste</b>     | <b>120.091</b>    | <b>115.503</b> | <b>235.594</b>     | <b>104,0</b> | <b>51,0</b>              |
| Norte               | 47.638            | 49.107         | 96.745             | 97,0         | 49,2                     |
| Sudeste             | 59.057            | 336.854        | 395.911            | 17,5         | 14,9                     |
| <b>Sul</b>          | <b>34.236</b>     | <b>119.967</b> | <b>154.203</b>     | <b>28,5</b>  | <b>22,2</b>              |
| <b>Centro-Oeste</b> | <b>20.279</b>     | <b>69.349</b>  | <b>89.628</b>      | <b>29,2</b>  | <b>22,6</b>              |
| <b>Brasil</b>       | <b>281.302</b>    | <b>690.780</b> | <b>972.082</b>     | <b>40,7</b>  | <b>28,9</b>              |

Fonte: Secretaria do Tesouro Nacional e do Conselho Nacional de Política Fazendária - Confaz (2025). Elaboração: BNB/Etene.

Cabe observar que o Norte e o Nordeste são as Regiões mais dependentes dos recursos constitucionais. A relação entre as Transferências e o ICMS é 40,7% no Brasil, e apenas 17,5% no Sudeste. Na Região Norte a relação é 97,0%, enquanto o Nordeste registra 104,0%.

9.2 Transferências Constitucionais

As Transferências Constitucionais (FPE + FPM) para os Estados do Nordeste, no primeiro trimestre de 2025, somaram aproximadamente R\$ 40,0 bilhões (Tabela 9.2), um crescimento real de +2,1% (FPE, +2,2% e FPM, +1,9%), comparado com o mesmo período de 2024. O crescimento no Brasil foi de +1,9%.

Tabela 9.2 – FPE + FPM - Brasil, Nordeste e Estados Seleccionados – 1º trimestre de 2024 e 2025 – R\$ Milhões <sup>(1)</sup>

| Estado/Região       | FPE           |               | FPM           |               | FPM CAPITAIS |              |
|---------------------|---------------|---------------|---------------|---------------|--------------|--------------|
|                     | 2024          | 2025          | 2024          | 2025          | 2024         | 2025         |
| Alagoas             | 1.771         | 1.885         | 958           | 1.042         | 169          | 198          |
| Bahia               | 3.783         | 4.048         | 3.935         | 4.199         | 338          | 357          |
| Ceará               | 2.918         | 3.130         | 2.135         | 2.277         | 375          | 397          |
| Maranhão            | 2.896         | 3.089         | 1.800         | 1.918         | 234          | 248          |
| Paraíba             | 1.929         | 2.050         | 1.409         | 1.504         | 188          | 198          |
| Pernambuco          | 2.821         | 3.030         | 2.108         | 2.275         | 236          | 250          |
| Piauí               | 1.753         | 1.864         | 1.140         | 1.220         | 234          | 248          |
| Rio Grande do Norte | 1.644         | 1.810         | 1.064         | 1.135         | 135          | 143          |
| Sergipe             | 1.645         | 1.808         | 660           | 703           | 150          | 159          |
| <b>Nordeste</b>     | <b>21.160</b> | <b>22.714</b> | <b>15.209</b> | <b>16.275</b> | <b>2.059</b> | <b>2.198</b> |
| Espírito Santo      | 650           | 732           | 757           | 815           | 68           | 79           |
| Minas Gerais        | 1.927         | 1.955         | 5.586         | 6.022         | 188          | 238          |
| <b>Brasil</b>       | <b>41.001</b> | <b>43.899</b> | <b>42.908</b> | <b>45.941</b> | <b>4.291</b> | <b>4.594</b> |

Fonte: Fonte: Secretaria do Tesouro Nacional. Elaboração: BNB/Etene.

Nota: (1) Valores transferidos de janeiro a março de cada ano.

O valor do FPE para o Nordeste foi de R\$ 22,7 bilhões, que representa 51,6% do total distribuído. Todos os estados nordestinos tiveram variações reais. O Espírito Santo teve a maior variação na área de atuação do BNB de +7,3% (+R\$ 50 milhões), enquanto Minas Gerais teve um decréscimo real de -3,4% (R\$ 69 milhões). Os maiores crescimentos, na Região se encontram no Rio Grande do Norte (+4,8% - R\$ 83 milhões), Sergipe (+4,6% - R\$ 80 milhões), Pernambuco (+2,3% - R\$ 67 milhões), Ceará (+2,1% - R\$ 66 milhões) e Bahia (+1,9% - R\$ 74 milhões). A menor variação é do Piauí (+1,2% - R\$ 23 milhões) e Paraíba (+1,2% - R\$ 24 milhões).

O valor do FPM para a Região foi de R\$ 16,3 bilhões, que representa 35,4% do total distribuído. Todos os estados também tiveram ganhos reais. As maiores variações foram de Alagoas (+3,6% - R\$ 36 milhões), Pernambuco (+2,8% - R\$ 61 milhões) e Piauí (+1,9% - R\$ 23 milhões). Os crescimentos no Espírito Santo e em Minas Gerais foram +2,6%, cada, R\$ 21 milhões no Espírito Santo, e R\$ 155 milhões) em Minas Gerais. As menores variações são do Maranhão (+1,5% - R\$ 28 milhões) e Sergipe (+1,5% - 11 milhões). Rio Grande do Norte, Bahia e Ceará tiveram crescimento de +1,6%, cada. Os ganhos reais são de 18 milhões, 65 milhões e 35 milhões, respectivamente.

As capitais da Região receberam R\$ 2,2 bilhões no primeiro trimestre de 2025, que representa 47,8% do total transferido para as capitais do País. O FPM distribuído para as capitais nordestinas, que também impactam no FPM da Região teve um crescimento real de +1,6%, um pouco abaixo do FPM total (+1,9%). O aumento de todas as capitais, exceto Maceió, foi de +0,7%. Aquela foi +11,9%. O ganho real em valor, para Maceió foi de R\$ 21 milhões. Fortaleza ficou com R\$ 3 milhões, Salvador, São Luís, Recife e Teresina, ficaram com R\$ 2 milhões, cada, enquanto João Pessoa, Natal e Aracaju, ficaram com R\$ 1 milhão, cada. Vitória sofreu um aumento de +11,9% (R\$ 8 milhões) e Belo Horizonte de +20,8% (R\$ 41 milhões).

A Tabela 9.3 apresenta as projeções para transferências do FPE e FPM em 2025, baseados na previsão de arrecadação dos impostos correspondentes, conforme a Lei Orçamentária Anual 2025, ajustada pela arrecadação já realizada no ano até a publicação da Lei (Lei nº 15.121 de 10/04/2025).

Tabela 9.3 – Projeção das Transferências Constitucionais (FPE + FPM) – Brasil, Nordeste e Estados Seleccionados – 2025 – R\$ milhões

| Estado/Região       | FPE            |                | FPM            |                | FPM CAPITAIS  |               |
|---------------------|----------------|----------------|----------------|----------------|---------------|---------------|
|                     | 2024           | 2025           | 2024           | 2025           | 2024          | 2025          |
| Alagoas             | 6.502          | 7.060          | 3.951          | 4.464          | 696           | 850           |
| Bahia               | 13.794         | 15.054         | 16.232         | 17.983         | 1.393         | 1.529         |
| Ceará               | 10.621         | 11.624         | 8.807          | 9.754          | 1.548         | 1.699         |
| Maranhão            | 10.556         | 11.477         | 7.424          | 8.216          | 967           | 1.062         |
| Paraíba             | 7.032          | 7.617          | 5.812          | 6.441          | 774           | 850           |
| Pernambuco          | 10.306         | 11.302         | 8.695          | 9.744          | 975           | 1.070         |
| Piauí               | 6.398          | 6.934          | 4.702          | 5.225          | 967           | 1.062         |
| Rio Grande do Norte | 5.976          | 6.734          | 4.388          | 4.863          | 557           | 612           |
| Sergipe             | 5.984          | 6.733          | 2.721          | 3.012          | 619           | 680           |
| <b>Nordeste</b>     | <b>77.170</b>  | <b>84.534</b>  | <b>62.732</b>  | <b>69.702</b>  | <b>8.496</b>  | <b>9.413</b>  |
| Espírito Santo      | 2.390          | 2.771          | 3.120          | 3.492          | 279           | 340           |
| Minas Gerais        | 7.086          | 7.289          | 23.043         | 25.790         | 774           | 1.019         |
| <b>Brasil</b>       | <b>149.831</b> | <b>163.701</b> | <b>177.034</b> | <b>196.754</b> | <b>17.703</b> | <b>19.675</b> |

Fonte: Fonte: LOA (2025). Elaboração: BNB/Etene.  
Nota: 2024, valores reais.

A expectativa é de um crescimento nominal para o ano, no Brasil, com relação a 2024, em torno dos +9,3% (FPE) e +11,1% (FPM). As previsões para 2025 têm as seguintes hipóteses: IPCA – 3,3%, PIB – 2,6% e câmbio (médio) – 5,19.

9.3 Grau de Endividamento (GRE) e Índice de dependência Financeira (IDF)

O quadro financeiro das Unidades Federativas e cidades brasileiras tem se constituído em um dos importantes temas para os formuladores de políticas públicas no Brasil. Os entes federados só podem tomar operações de crédito se seu GRE, constituído pela relação entre a Dívida Consolidada Líquida (DCL) e a Receita Corrente Líquida (RCL), for menor que 2.

O índice de endividamento nacional saiu de 0,88 (2021), para 0,77 (2022), 0,79 em 2023, e 0,73 no segundo quadrimestre de 2024. Enquanto isso, o índice nordestino era 0,31 em 2022, permaneceu o mesmo em 2023 e, no segundo quadrimestre de 2024 caiu para 0,26. A relação entre o GRE do Nordeste e do Brasil, caiu até 2023, 42,9% (2022), 39,4 (2023). Em 2024 passou para 40,3% (2024) (Tabela 9.4).

O nível de endividamento das capitais representava 22,6% do Endividamento dos Estados (2021). Após uma queda para 9,0% em 2022, subiu para 11,6% em 2023, e para 21,4% em 2024. A participação é muito baixa, e sinaliza que as capitais têm autonomia e recursos para bancarem suas ações, enquanto fica para o Estado a obrigação de atuação em todos os outros municípios, principalmente em saúde, e infraestrutura. As capitais da Região Nordeste é que têm o maior nível de endividamento (0,21), seguida pelo Sudeste (0,20), Norte (0,17) e o Centro-Oeste (0,14), mas, mesmo assim, é muito baixo. No Nordeste, a relação entre os endividamentos das Capitais e Estados, saiu de 34,5% (2021), para 28,4% (2022), 33,0% em 2023, e chegou a 65,0% em 2024.

Quatro Estados (MG, RJ, SP e RS), representavam 87,1% da DCL (dívida consolidada líquida) do País em 2023, e 44,6% da RCL (receita corrente líquida). Em 2024, passaram para 86,9% e 43,7%, respectivamente. À exceção do Rio de Janeiro, entre estes quatro com maior endividamento, os outros estados tiveram reduções em seus índices. Os índices do Sudeste (1,63) e do Sul (0,70) são os mais altos, enquanto o do Norte (0,12) é o mais baixo.

O GRE da Região Nordeste teve uma variação de +1,0%, em função do aumento de +16,6% (variação nominal) em sua DCL, e um aumento menor em sua RCL (variação nominal de +15,4%). O Nordeste detém 9,0% da DCL nacional e 22,4% da RCL. A redução do índice nacional de endividamento (0,79 para 0,78), -1,1%, se deve ao aumento na RCL (+11,1%) acima da DCL (+10,0%), conforme verificado na Tabela 4.

Dois estados na Região tiveram reduções em seus níveis de endividamento: Sergipe (-49,6%) e Pernambuco (-5,8%). No primeiro, houve uma queda na DCL (-38,8%) e um aumento na RCL (+21,2%). Em Pernambuco, enquanto a DCL cresceu +9,1%, a RCL aumentou 15,8%. Os maiores aumentos ocorreram no Rio Grande do Norte (+58,3%), Piauí (+33,3%) e Ceará (+12,6%). Suas DCL's cresceram muito mais que as RCL's. +68,8%, +48,6% e +28,1%, nessa ordem, enquanto o crescimento das RCL's foram 6,6%, 11,5% e +13,8%, respectivamente.

Duas capitais, tiveram o grau de endividamento negativo, dado que suas DCL foram negativas, São Luís e João Pessoa. Em Natal, o nível de endividamento cresceu apenas 9,0%. Nas outras, o crescimento superou os 35,0%. Suas DCL aumentaram, em média, 78,5%, enquanto as RCL cresceram, em média, 15,3%.

Tabela 9.4 – Grau de Endividamento (GRE) Regiões, Brasil e Estados Selecionados – 2023 e 2024

| Estado/Região/País  | Estado      |             |                         |             | Capital     |             |             |
|---------------------|-------------|-------------|-------------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
|                     | 2023        | 2024        | Relação(%) <sup>1</sup> | Var. %      | 2023        | 2024        | Var. %      |
| Alagoas             | 0,70        | 0,76        | 96,8                    | 7,8         | 0,00        | 0,07        | 0,00        |
| Bahia               | 0,36        | 0,37        | 47,4                    | 1,7         | 0,13        | 0,27        | 111,0       |
| Ceará               | 0,29        | 0,33        | 42,2                    | 12,6        | 0,25        | 0,35        | 41,0        |
| Maranhão            | 0,17        | 0,03        | 3,9                     | 0,0         | 0,00        | 0,00        | 0,00        |
| Paraíba             | 0,00        | 0,00        | 0,0                     | 0,0         | 0,00        | 0,00        | 0,00        |
| Pernambuco          | 0,32        | 0,30        | 38,4                    | -5,8        | 0,24        | 0,36        | 50,2        |
| Piauí               | 0,47        | 0,63        | 80,1                    | 33,3        | 0,28        | 0,38        | 36,8        |
| Rio Grande do Norte | 0,25        | 0,40        | 51,2                    | 58,3        | 0,24        | 0,26        | 9,2         |
| Sergipe             | 0,23        | 0,12        | 14,8                    | -49,5       | 0,16        | 0,22        | 36,6        |
| <b>Nordeste</b>     | <b>0,31</b> | <b>0,32</b> | <b>40,3</b>             | <b>1,0</b>  | <b>0,10</b> | <b>0,21</b> | <b>99,1</b> |
| Norte               | 0,11        | 0,12        | 15,3                    | 13,0        | 0,14        | 0,17        | 26,0        |
| Sudeste             | 1,42        | 1,43        | 182,4                   | 0,6         | 0,08        | 0,20        | 161,4       |
| Espírito Santo      | 0,00        | 0,00        | 0,0                     | 0,0         | 0,00        | 0,00        | 0,00        |
| Minas Gerais        | 1,68        | 1,63        | 207,7                   | -3,4        | 0,06        | 0,10        | 81,8        |
| Sul                 | 0,74        | 0,70        | 89,2                    | -5,1        | 0,00        | 0,00        | 0,00        |
| Centro-Oeste        | 0,13        | 0,12        | 14,8                    | -11,2       | 0,19        | 0,14        | -26,9       |
| <b>Brasil</b>       | <b>0,79</b> | <b>0,78</b> | <b>100,0</b>            | <b>-1,1</b> | <b>0,09</b> | <b>0,17</b> | <b>83,1</b> |

Fonte: Fonte: Tesouro Nacional (2025). Elaboração: BNB/Etene.  
Notas: (1) Relação entre o índice estadual/capital com o índice nacional, em 2024. (2) Quando o Grau de endividamento é zero, quer dizer que o Estado/Capital tinha recurso em caixa acima de sua dívida consolidada líquida.

O BNB/Etene também tem estudado o cenário das finanças públicas através do indicador denominado “Índice de Dependência Financeira (IDF)”. O IDF corresponde à relação entre as Transferências da União e a Receita Corrente Líquida (RCL). As Transferências da União são representadas pela soma do Fundo de Participação dos Estados (FPE), Fundo de Participação dos Municípios (FPM) e Transferências Discricionárias (TD) para estados e municípios. Estas últimas encerraram em 2020. A Receita Corrente Líquida corresponde à arrecadação obtida pela própria Unidade Federativa e as Transferências Correntes (legais e discricionárias).

A RCL pode ser utilizada como mais um parâmetro para se medir as desigualdades regionais. Nesse contexto, a Região Sudeste deteve 41,8% da RCL brasileira (média de 2021 a 2024), e cada estado dessa Região gera, em média, 10,4% da RCL no País. As Unidades Federativas do Sul geram, em média, 4,9% da RCL brasileira, seguindo-se as do Centro-Oeste (2,9%), Nordeste (2,4%) e Norte (1,5%). Especificamente no Nordeste, verifica-se que a Bahia produz 5,5% da RCL brasileira, seguida por Pernambuco (3,7%) e Ceará (3,1%), enquanto a média estadual do Nordeste é de 2,4%.

O IDF mostra a capacidade de uma Unidade Federativa em originar receitas a partir de sua própria base econômica, isto é, de sua arrecadação de tributos. Quanto mais o IDF for próximo de zero, menor será a dependência da Unidade Federativa em relação às Transferências Federais. Inversamente, quanto mais o IDF se distancia de zero, maior será a dependência da Unidade Federativa em relação às Transferências Federais.

A partir da análise da Tabela 9.5 e do Gráfico 9.1, o IDF nacional flutuou, no período 2021 e 2024, entre 0,27 e 0,29. Já o índice do Nordeste entre 0,53 e 0,60, ou seja, em média o dobro do índice nacional, sinalizando a dependência da Região às transferências federais. A Região Norte varia entre 0,44 e 0,49. Cabe ressaltar que as Transferências da União, no período 2011 a 2024, cresceram um pouco menos no agregado do País 51,1%, enquanto as receitas correntes líquidas aumentaram 57,7%, ambos em termos nominais. Observando estas variações para a Região Nordeste, o hiato é maior, 50,6 (transferências) e 66,7% (RCL). Estas variações revelam que as regiões e estados ficaram menos dependentes das transferências constitucionais, em função do incremento em suas respectivas RCL, e considerando o crescimento menor nas Transferências da União.

Em 2024, a Região Sudeste conta com o menor IDF (0,15), sendo, portanto, a Região com o menor grau de dependência das Transferências da União. A arrecadação auferida no próprio Sudeste representou 85% da receita obtida por essa Região. Por outro lado, o Nordeste continua sendo a Região com o maior grau de dependência das Transferências Federais, tendo o IDF alcançado 0,54 em 2024. Em outros termos, a arrecadação auferida no próprio Nordeste significou apenas 56% da receita realizada por essa Região no período em referência, enquanto a média nacional é 72%.

Pernambuco (0,43) possui o menor IDF dentre os estados do Nordeste, seguido por Bahia (0,46) e Ceará (0,54), sendo as únicas Unidades Federativas do Nordeste com indicador abaixo, ou igual, à média da Região (0,54), porém, ainda acima da média Nacional (0,28). A dependência dos estados do Nordeste das Transferências Federais é reflexo de uma base econômica com menor dinamismo, com elevado nível de informalidade nas relações econômicas, gerando, assim, uma modesta arrecadação tributária. As Transferências Federais cumprem papel vital para o fortalecimento do Nordeste. Contudo, torna-se imprescindível fortalecer as políticas de desenvolvimento regional, com ênfase em estratégias direcionadas para adensar as cadeias produtivas locais, de forma que a Região possa reduzir sua dependência de recursos provenientes da União.

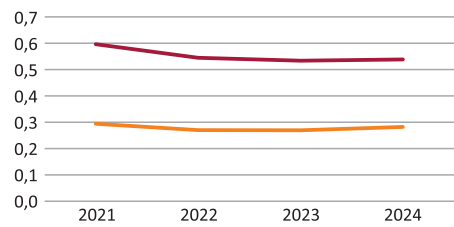
Tabela 9.5 – Receita Corrente Líquida, Transferências da União e Índice de Dependência Financeira (IDF) – 2021 a 2024 – R\$ milhões e percentual

| Estados/<br>Regiões/<br>País | 2021  |        |        |      | 2022   |        |        |      | 2023   |        |        |      | 2024   |        |        |      |
|------------------------------|-------|--------|--------|------|--------|--------|--------|------|--------|--------|--------|------|--------|--------|--------|------|
|                              | FPE   | FPM    | RCL    | IDP  | FPE    | FPM    | RCL    | IDP  | FPE    | FPM    | RCL    | IDP  | FPE    | FPM    | RCL    | IDP  |
| Alagoas                      | 4.319 | 2.630  | 10.053 | 0,69 | 5.372  | 3.326  | 13.177 | 0,66 | 5.534  | 3.462  | 14.412 | 0,62 | 6.502  | 3.951  | 16.921 | 0,62 |
| Bahia                        | 9.251 | 10.637 | 37.828 | 0,53 | 11.398 | 13.439 | 55.312 | 0,45 | 11.851 | 13.962 | 57.127 | 0,45 | 13.794 | 16.232 | 64.906 | 0,46 |
| Ceará                        | 7.163 | 5.756  | 22.003 | 0,59 | 8.679  | 7.278  | 30.383 | 0,53 | 9.127  | 7.571  | 31.892 | 0,52 | 10.621 | 8.807  | 36.309 | 0,54 |
| Maranhão                     | 7.180 | 4.864  | 16.313 | 0,74 | 8.844  | 6.148  | 22.165 | 0,68 | 9.154  | 6.388  | 23.088 | 0,67 | 10.556 | 7.424  | 29.531 | 0,61 |

| Estados/<br>Regiões/<br>País | 2021    |         |         |      | 2022    |         |           |      | 2023    |         |           |      | 2024    |         |           |      |
|------------------------------|---------|---------|---------|------|---------|---------|-----------|------|---------|---------|-----------|------|---------|---------|-----------|------|
|                              | FPE     | FPM     | RCL     | IDP  | FPE     | FPM     | RCL       | IDP  | FPE     | FPM     | RCL       | IDP  | FPE     | FPM     | RCL       | IDP  |
| Paraíba                      | 4.733   | 3.639   | 11.287  | 0,74 | 5.910   | 4.598   | 15.756    | 0,67 | 6.073   | 4.810   | 16.769    | 0,65 | 7.032   | 5.812   | 18.905    | 0,68 |
| Pernambuco                   | 6.821   | 5.696   | 27.222  | 0,46 | 8.534   | 7.072   | 36.709    | 0,43 | 8.847   | 7.417   | 37.810    | 0,43 | 10.306  | 8.695   | 43.791    | 0,43 |
| Piauí                        | 4.366   | 3.068   | 11.748  | 0,63 | 5.426   | 3.880   | 13.507    | 0,69 | 5.586   | 3.995   | 15.377    | 0,62 | 6.398   | 4.702   | 17.143    | 0,65 |
| Rio Grande do Norte          | 4.118   | 2.870   | 10.827  | 0,65 | 5.003   | 3.627   | 14.259    | 0,61 | 5.042   | 3.772   | 16.190    | 0,54 | 5.976   | 4.388   | 17.255    | 0,60 |
| Sergipe                      | 4.083   | 1.732   | 8.700   | 0,67 | 4.965   | 2.190   | 11.293    | 0,63 | 5.221   | 2.280   | 12.594    | 0,60 | 5.984   | 2.721   | 15.259    | 0,57 |
| Nordeste                     | 52.034  | 40.892  | 155.981 | 0,60 | 64.130  | 51.558  | 212.560   | 0,54 | 66.434  | 53.657  | 225.258   | 0,53 | 77.170  | 62.732  | 260.020   | 0,54 |
| Norte                        | 26.176  | 10.265  | 74.295  | 0,49 | 32.886  | 12.899  | 102.004   | 0,45 | 34.209  | 13.430  | 107.922   | 0,44 | 39.405  | 15.758  | 123.209   | 0,45 |
| Sudeste                      | 8.642   | 36.253  | 310.823 | 0,14 | 11.301  | 45.805  | 433.259   | 0,13 | 11.504  | 47.554  | 431.931   | 0,14 | 13.690  | 55.064  | 473.541   | 0,15 |
| Espírito Santo               | 1.582   | 2.067   | 15.627  | 0,23 | 2.137   | 2.612   | 21.242    | 0,22 | 2.271   | 2.713   | 22.336    | 0,22 | 2.390   | 3.120   | 26.287    | 0,21 |
| Minas Gerais                 | 4.602   | 15.212  | 70.580  | 0,28 | 5.804   | 19.210  | 91.404    | 0,27 | 5.913   | 19.955  | 91.997    | 0,28 | 7.086   | 23.043  | 103.477   | 0,29 |
| Sul                          | 6.270   | 20.215  | 109.116 | 0,24 | 7.922   | 25.527  | 144.582   | 0,23 | 7.766   | 26.470  | 157.181   | 0,22 | 9.069   | 30.746  | 172.564   | 0,23 |
| Centro-Oeste                 | 7.302   | 8.314   | 85.856  | 0,18 | 9.102   | 10.540  | 114.296   | 0,17 | 9.345   | 10.934  | 122.146   | 0,17 | 10.497  | 12.735  | 131.476   | 0,18 |
| Brasil                       | 100.424 | 115.940 | 736.071 | 0,29 | 125.341 | 146.330 | 1.006.701 | 0,27 | 129.258 | 152.044 | 1.044.437 | 0,27 | 149.831 | 177.034 | 1.160.809 | 0,28 |

Fonte: Secretaria do Tesouro Nacional (2025). Elaboração: BNB/Etene.  
Notas: (1). Valores das transferências e RCL em milhões de reais.

Gráfico 9.1 – IDF Brasil e Nordeste – 2021 a 2024

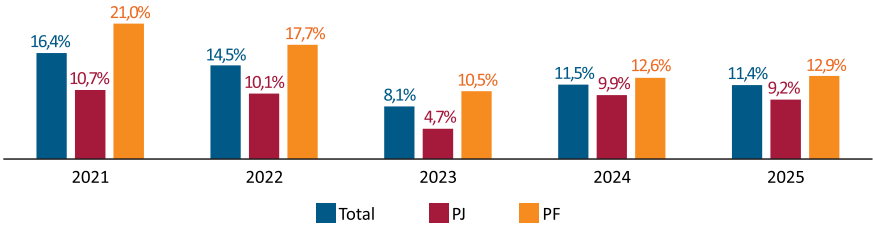


Fonte: BCB (2025). Elaboração: BNB/Etene.  
Nota: (1). Valores das transferências e RCL em milhões de reais.

## 10 Intermediação Financeira

O saldo de crédito do Sistema Financeiro Nacional (SFN) totalizou R\$ 6,6 trilhões em março de 2025, representando expansão de 11,4% em relação ao mesmo mês do ano anterior (Gráfico 10.1). A trajetória de crescimento continua sendo majoritariamente sustentada pelas operações com pessoas físicas, que registraram elevação de 12,9% em 12 meses. Já as operações destinadas às pessoas jurídicas apresentaram avanço mais moderado, com alta de 9,2% no mesmo período.

Gráfico 10.1 – Saldo das Operações de Crédito no Brasil - Total, Pessoa Jurídica e Pessoa Física - % de crescimento nos últimos 12 meses - 2021 a 2025

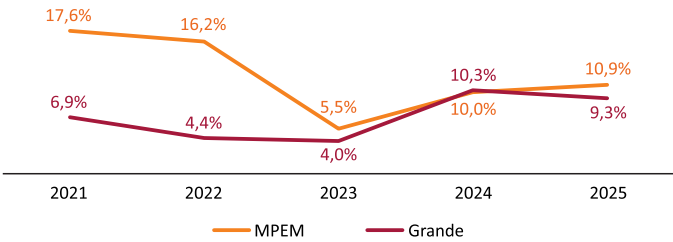


Fonte: BCB (2025). Elaboração: BNB/Etene.

Nota: 2025 refere-se a março, no acumulado dos últimos doze meses.

No recorte empresarial, as micro, pequenas e médias empresas (MPMEs) demonstraram protagonismo no crescimento da carteira, com incremento de 10,9%, enquanto as grandes empresas observaram aumento de 9,3% no saldo de crédito (Gráfico 10.2).

Gráfico 10.2 – Saldo das Operações de Crédito no Brasil - Por Porte - % de Crescimento nos últimos 12 meses - 2021 a 2025\*

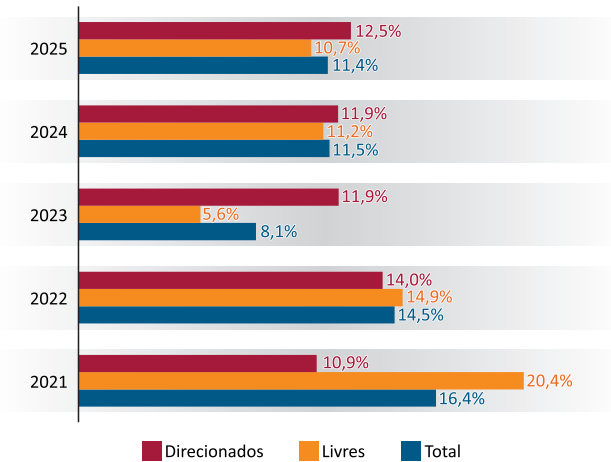


Fonte: BCB (2025). Elaboração: BNB/Etene.

Nota: 2025 refere-se a março, no acumulado dos últimos doze meses.

Entre as fontes de financiamento, os recursos direcionados atingiram a marca de R\$ 2,8 trilhões, com crescimento de 12,5% em relação a março de 2024 (Gráfico 10.3). Estes recursos, regulamentados pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) ou vinculados a fundos públicos, seguem concentrados em linhas como crédito rural, imobiliário, investimento de longo prazo e microcrédito produtivo orientado. Por sua vez, os recursos livres, voltados a finalidades como capital de giro, cartão de crédito, crédito pessoal e aquisição de bens, alcançaram R\$ 3,8 trilhões, com crescimento de 10,7% no acumulado em 12 meses — ritmo inferior ao observado entre os recursos direcionados.

Gráfico 10.3 – Saldo das Operações de Crédito no Brasil - Total, Recursos Direcionados e Recursos Livres - % de Crescimento em Relação ao Ano Anterior - 2021 a 2025



Fonte: BCB (2025). Elaboração: BNB/Etene.  
Nota: 2025 refere-se a março, no acumulado dos últimos doze meses.

A moderação no ritmo de crescimento da carteira de crédito reflete o cenário de juros elevados e seletividade das instituições financeiras na concessão de novos empréstimos. Apesar disso, a expansão do crédito à pessoa física demonstra resiliência, impulsionada pela melhora do mercado de trabalho e aumento da massa salarial.

As operações de crédito do Sistema Financeiro Nacional, sob o lastro de recursos livres e direcionados, encerraram o mês de março de 2025 com taxa média de juros de 31,2% a.a., conforme informações publicadas pelo Banco Central. Nos últimos 12 meses, a taxa de juros média avançou 2,99 pontos percentuais, em decorrência da recente mudança da condução da política monetária, via aumento Taxa Selic, que provocou impacto na trajetória de curto prazo dos juros.

O spread bancário, que representa a diferença de juros entre a captação e aplicação de recursos, sendo, em grande medida, a margem de rentabilidade dos bancos, registrou 19,3% no último mês de março de 2025, de forma que apresentou leve recuo nos últimos doze meses (-0,12 pontos percentuais). Entre os segmentos, o spread da pessoa jurídica (8,4%) continua mais baixo que o spread da pessoa física (24,5%), fundamentalmente pela menor inadimplência, maior respaldo das operações bancárias com garantias reais, entre outros fatores econômico-financeiros.

10.1 Crédito Regional

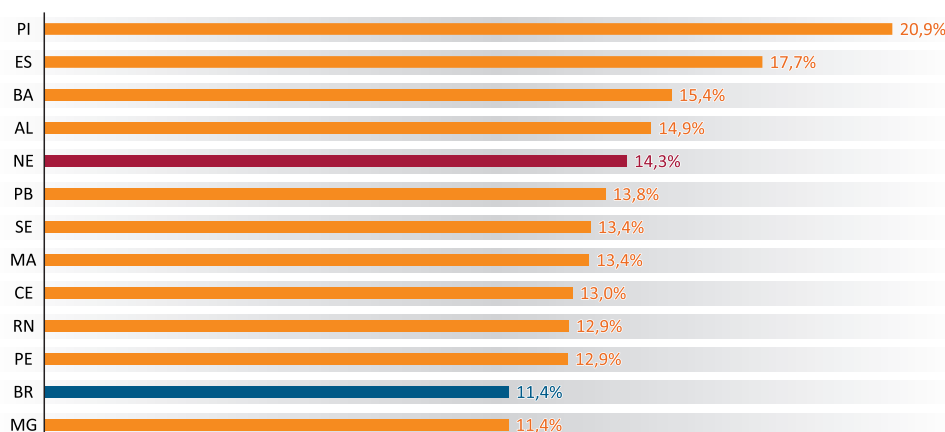
O Sistema Financeiro Nordeste registrou um saldo de operações de crédito de R\$ 921,8 bilhões em março de 2025, o que representa crescimento de 14,3% (Tabela 10.1 e Gráfico 10.4), em comparação com o mesmo mês de 2024.

Tabela 10.1 – Saldo de crédito do Sistema Financeiro Nacional e Regiões – Crescimento Acumulado em 12 Meses % - 2021 a 2025\*

|              | 2019  | 2020  | 2021  | 2022  | 2023  | 2024  | 2025  |
|--------------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| Brasil       | 6,5%  | 15,7% | 16,4% | 14,5% | 8,1%  | 11,5% | 11,4% |
| Centro-Oeste | 10,0% | 17,3% | 17,4% | 17,8% | 12,4% | 11,8% | 10,3% |
| Nordeste     | 9,0%  | 12,1% | 18,6% | 18,2% | 9,0%  | 13,5% | 14,3% |
| Norte        | 13,2% | 17,9% | 27,1% | 22,8% | 14,1% | 16,2% | 15,0% |
| Sudeste      | 4,1%  | 15,6% | 14,9% | 10,8% | 5,7%  | 10,7% | 11,6% |
| Sul          | 8,7%  | 19,1% | 15,6% | 16,0% | 7,7%  | 13,1% | 12,7% |

Fonte: Fonte: BCB (2025). Elaboração: BNB/Etene.  
Nota: 2025 refere-se a março, no acumulado dos últimos doze meses.

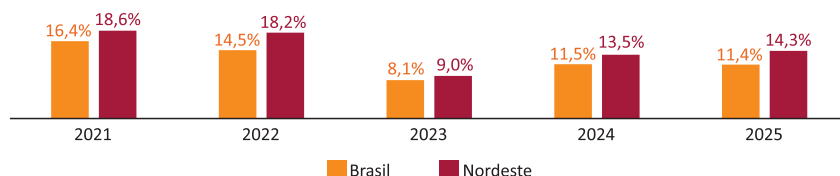
**Gráfico 10.4 – Saldo de crédito do Sistema Financeiro Nacional e Estadual - Área de Atuação do BNB – Crescimento Acumulado em 12 Meses % - Março de 2025**



Fonte: Fonte: BCB (2025). Elaboração: BNB/Etene.

O aumento do crédito no Nordeste foi superior ao observado em âmbito nacional, onde este cresceu 11,4% no mesmo período (Gráfico 10.5).

**Gráfico 10.5 – Saldo de crédito do Sistema Financeiro Nacional e Nordestino – Em 12 Meses % - 2021 a 2025\***



Fonte: Fonte: BCB (2025). Elaboração: BNB/Etene.

Nota: 2025 refere-se a março, no acumulado dos últimos doze meses.

A Região Nordeste registrou avanço no crédito, impulsionado pelo crescimento das carteiras de crédito de pessoas físicas, que aumentaram 14,7%, e de pessoas jurídicas, que subiram 13,6%. Ao final do último mês de março de 2025, o saldo das operações de empréstimos e financiamentos destinados às famílias representava 70,5% do total, enquanto as empresas respondiam pelos 29,5% restantes.

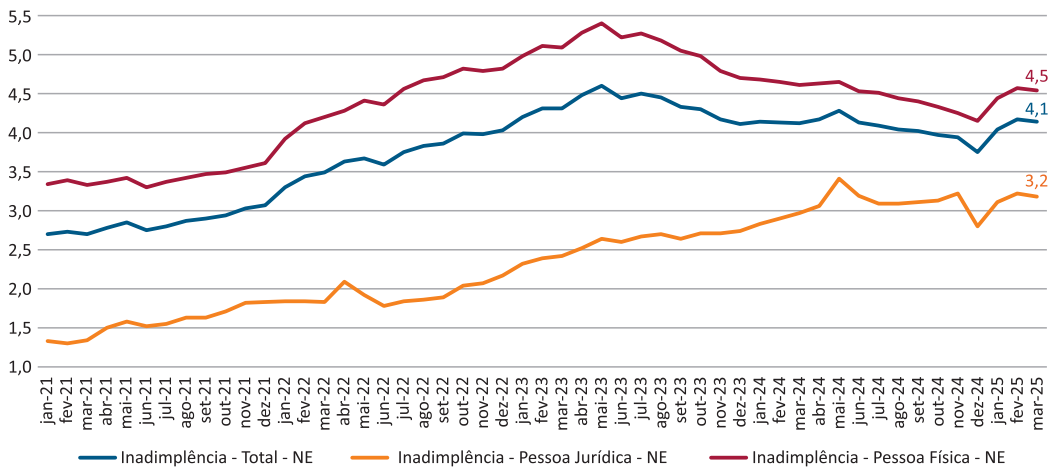
Entre os estados da área de atuação do Banco, as maiores elevações no saldo das operações de crédito ocorreram no Piauí (+20,9%) e Espírito Santo (+17,7%), no mês de março de 2025, quando comparado com o mesmo mês no ano de 2024. A velocidade de crescimento dos empréstimos e financiamentos da pessoa jurídica foi a força motriz da carteira de crédito do Piauí, com crescimento de 33,0%. No montante total de crédito, os principais estados no Nordeste são: Bahia (R\$ 254,23 bilhões), Pernambuco (R\$ 147,42 bilhões) e Ceará (R\$ 143,25 bilhões).

Regionalmente, ao considerar as operações acima de R\$ 1 mil, a maior expansão no saldo de crédito, referente a março de 2025, em ritmo anualizado, foi observada na Região Norte, com crescimento de 15,0%. A Região Nordeste, com um aumento de 14,3%, superou o ritmo de crescimento da carteira de crédito da média nacional (11,4%), e figurou na segunda posição no ranking regional de expansão do crédito.

No cenário prospectivo, a melhora dos indicadores econômicos, como a redução do desemprego, o aumento da renda e da massa salarial, deve colocar o crédito no Nordeste ainda em crescimento de 2025, no entanto, a Taxa Selic no campo restritivo deve atenuar o avanço à carteira de crédito regional.

A taxa de inadimplência do Nordeste registrou +4,1% no mês de março de 2025 (Gráfico 10.6), o que representa estabilidade nos últimos 12 meses, uma vez que houve avanço de apenas 0,02 pontos percentuais. O comportamento da inadimplência no Nordeste, nos primeiros meses de 2025 apresentou aceleração, contudo, quase de avalia período mais longo, como por exemplo, nos últimos 12 meses, vem apresentando melhora em razão da pessoa física, que registrou recuo de 0,07% no período.

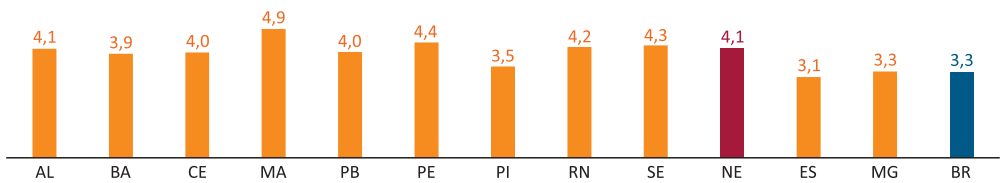
Gráfico 10.6 – Inadimplência – Nordeste - Total, Pessoa Física e Pessoa Jurídica – % Anual – Janeiro de 2021 a Março de 2025



Fonte: Fonte: BCB (2025). Elaboração: BNB/Etene.

No Nordeste, as inadimplências mais baixas, no mês de março de 2025, foram observadas no Piauí (3,5%), Bahia (3,9%) e Ceará (4,0%). Espírito Santo (+3,1%) que faz parte da área de atuação do BNB, apresentou inadimplência inferior à média brasileira (3,3%) (Gráfico 10.7).

Gráfico 10.7 – Inadimplência – Nacional, Regional e Estados da Área de Atuação do BNB – % – Março de 2025



Fonte: Fonte: BCB (2025). Elaboração: BNB/Etene..

# 11 Índices de Preço

É sempre bom dar o devido destaque para o fenômeno da inflação, no sentido de que provoca perdas significativas na renda das classes trabalhadores, as mais vulneráveis a esse poder de corrosão. De acordo com os dados do Relatório Anual de Informações Sociais – RAIS, com os dados de 2023, dos trabalhadores cadastrados na Região Nordeste, 63,4% ganham até dois salários-mínimos. A ampliação do limite para três salários-mínimos, apresenta que 75,4% dos trabalhadores na Região, estão dentro desse limite (Tabela 11.1). Reforçando ainda esta linha de argumento, de acordo com o IBGE (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua trimestral), a informalidade no Nordeste e Norte, média de 2013 a 2023, é 52,9% e 55,8%, respectivamente, quando no Brasil é 39,6%. Fica claro, que os trabalhadores na base da pirâmide social são os que mais sofrem quando os índices inflacionários crescem. Vale a pena acompanhar a evolução dos itens: alimentação no domicílio, gás butano, energia residencial e ônibus municipal, que afetam diretamente as classes menos abastadas.

Tabela 11.1 – Percentual de Vínculos Empregatícios, por Faixa de Remuneração – RAIS 2023

| Número de vínculos empregatícios por faixa de remuneração - Dezembro de 2021 |            |                 |                 |             |
|------------------------------------------------------------------------------|------------|-----------------|-----------------|-------------|
| Regiões/Brasil                                                               | Até 1 SM   | 1 SM < x < 2 SM | 2 SM < x < 3 SM | Até 3 SM    |
| Norte                                                                        | 9,0        | 46,3            | 14,9            | 70,1        |
| Nordeste                                                                     | 12,7       | 50,7            | 12,0            | 75,4        |
| Sudeste                                                                      | 5,6        | 42,3            | 18,2            | 66,1        |
| Sul                                                                          | 5,3        | 41,6            | 22,1            | 68,9        |
| Centro-Oeste                                                                 | 7,0        | 42,5            | 16,1            | 65,6        |
| <b>Brasil</b>                                                                | <b>7,2</b> | <b>44,0</b>     | <b>17,4</b>     | <b>68,5</b> |

Fonte: RAIS (2023). Elaboração: BNB/Etene.  
Nota: SM – Salário-mínimo.

## 11.1 O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo – Comentários Iniciais

O centro da meta do IPCA, para 2024, era 3,00%, com o teto de 4,5%. Entre 2020 e 2022, o índice nordestino sempre ficou acima da média nacional. Em 2023, a situação inverteu-se, o índice da Região representou 84,8% do índice nacional (Nordeste – 3,92% e Brasil – 4,62%), ver Tabela 11.2.

Tabela 11.2 – IPCA Brasil e Nordeste e Teto da Meta – Em %

| ANO  | IPCA NORDESTE | IPCA BRASIL | Teto da Meta |
|------|---------------|-------------|--------------|
| 2020 | 5,08          | 4,52        | 5,50         |
| 2021 | 10,53         | 10,06       | 5,25         |
| 2022 | 5,99          | 5,78        | 5,00         |
| 2023 | 3,92          | 4,62        | 4,75         |
| 2024 | 4,85          | 4,83        | 4,75         |

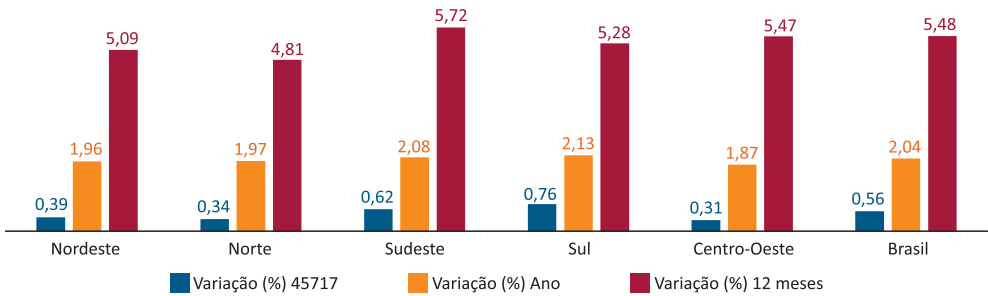
Fonte: IBGE - Índice de Preços ao Consumidor Amplo - IPCA (2025). Elaboração: BNB/Etene.

O IPCA nacional ficou abaixo do teto da meta em 2020 (4,52% para 5,50%) e 2023 (4,62% para 4,75). Superou o teto em 2021 (10,06% para 5,25%) e 2022 (5,78% para 5,00%). Comparando o teto da meta com o IPCA nordestino, vê-se que o índice regional superou a meta em 2021 e 2022. Em 2024, o índice nacional para doze meses, ficou acima da meta (+4,83%). Na Região Nordeste (4,85%), aconteceu o mesmo.

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo - IPCA de março de 2025, na Região Nordeste, teve aumento de +0,39%, índice -0,94 pontos percentuais (p.p.) abaixo da taxa de +1,33% registrada em fevereiro e abaixo do índice nacional (+0,56%). Ele é maior que o IPCA da Região Norte (+0,34%) e Centro-Oeste (+0,31%). As regiões Sudeste (+0,62%) e Sul (+0,76%) têm os maiores indicadores. No ano, o IPCA nordestino acumula alta de +1,96%, e em 12 meses terminados em março de 2025, +5,09%, acima dos +5,00% observados nos 12 meses imediatamente anteriores. No acumulado até março/2025, ficou acima apenas do índice do Centro-Oeste (+1,87%). Em doze meses, terminados em março, o Nordeste (+5,09%)

tem a segunda menor variação, acima apenas do Norte (+4,81%). Cabe salientar que o IPCA nordestino está abaixo do índice nacional em qualquer métrica (Gráfico 11.1).

Gráfico 11.1 – IPCA (%) – Brasil e Regiões – Março, ano e 12 meses, terminados em março - 2025



Fonte: IBGE - Índice de Preços ao Consumidor Amplo - IPCA (2025). Elaboração: BNB/Etene.

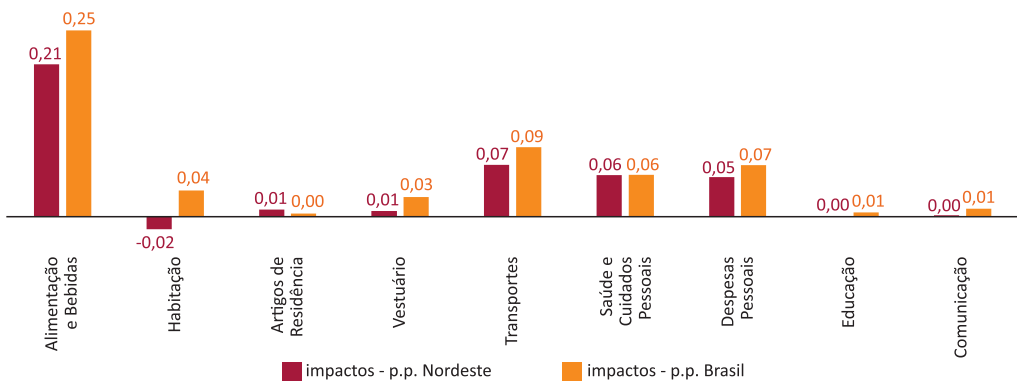
Os dados para o Brasil mostram que o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo - do mês de março apresentou variação de 0,56%, 0,75 ponto percentual (p.p.) abaixo da taxa de 1,31% registrada em fevereiro. Nesse sentido, o IPCA acumula alta de 2,04% e, nos últimos doze meses, o índice ficou em 5,48%, acima dos 5,06% dos 12 meses imediatamente anteriores. Em março de 2024, a variação havia sido de 0,16%. Todos os nove grupos de produtos e serviços pesquisados apresentaram variação positiva na passagem de fevereiro para março, ficando entre 0,10% do grupo Educação e 1,17% do grupo Alimentação e bebidas, responsável pelo maior impacto (0,25 p.p.) no índice do mês, respondendo por cerca de 45% do IPCA de março.

## 11.2 O IPCA regional no mês – detalhamento das principais variações

Das 16 capitais/regiões metropolitanas pesquisadas no Brasil, São Luís (+0,55%) ficou na 4ª posição, seguida por Salvador (+0,41% - 9ª posição), Aracaju (+0,40% - 10ª posição), Recife (+0,36% - 11ª posição) e Fortaleza (+0,32% - 13ª posição).

No Nordeste e Brasil, os grupos Alimentação e bebidas, Transportes e Saúde e cuidados pessoais foram responsáveis por 85,4% do índice nordestino e 74,9% do brasileiro. Estes três grupos também produzem os maiores impactos no ano e em doze meses, terminados em março (Gráfico 11.2).

Gráfico 11.2 – Impactos dos Grupos do IPCA – Nordeste e Brasil – Março de 2025



Fonte: IBGE - Índice de Preços ao Consumidor Amplo - IPCA (2025). Elaboração: BNB/Etene.

Nota: p.p. – pontos percentuais (impactos).

Em Alimentação e bebidas, os principais impactos vieram das frutas, aves (principalmente os ovos), tomate, ovos, tubérculos, raízes e legumes, café e refeição/lanche. Em Transportes, as principais variações são passagem aérea, veículo próprio e gasolina. Serviços médicos e dentários, planos de saúde e higiene pessoal, são os principais responsáveis no grupo Saúde e cuidados pessoais (Tabela 11.3).

Tabela 11.3 – IPCA (%) – Nordeste e Capitais pesquisadas na Região – Março de 2025

|                           | Fortaleza |         | Recife |         | Salvador |         | Aracaju |         | São Luis |         | Nordeste |         | Brasil |         |
|---------------------------|-----------|---------|--------|---------|----------|---------|---------|---------|----------|---------|----------|---------|--------|---------|
|                           | índice    | impacto | índice | impacto | índice   | impacto | índice  | impacto | índice   | impacto | índice   | impacto | índice | impacto |
| IPCA - Grupo Pesquisado   |           | 0,32    |        | 0,36    |          | 0,41    |         | 0,40    |          | 0,55    |          | 0,39    |        | 0,56    |
| Alimentação e Bebidas     | 1,09      | 0,27    | 0,64   | 0,15    | 0,96     | 0,22    | 0,26    | 0,06    | 1,09     | 0,29    | 0,87     | 0,21    | 1,17   | 0,25    |
| Habitação                 | -0,74     | -0,12   | -0,08  | -0,01   | 0,06     | 0,01    | 0,36    | 0,04    | 0,11     | 0,02    | -0,11    | -0,02   | 0,24   | 0,04    |
| Artigos de Residência     | 0,48      | 0,02    | -0,09  | -0,00   | 0,21     | 0,01    | 1,32    | 0,04    | 0,39     | 0,02    | 0,28     | 0,01    | 0,13   | 0,00    |
| Vestuário                 | -0,08     | -0,00   | -0,57  | -0,03   | 0,57     | 0,03    | 0,24    | 0,01    | 0,89     | 0,06    | 0,17     | 0,01    | 0,59   | 0,03    |
| Transportes               | 0,17      | 0,03    | 0,32   | 0,06    | 0,57     | 0,11    | 0,46    | 0,08    | 0,21     | 0,04    | 0,38     | 0,07    | 0,46   | 0,09    |
| Saúde e Cuidados Pessoais | 0,64      | 0,09    | 0,82   | 0,12    | -0,06    | -0,01   | 0,47    | 0,08    | 0,47     | 0,06    | 0,39     | 0,06    | 0,43   | 0,06    |
| Despesas Pessoais         | 0,72      | 0,05    | 0,86   | 0,07    | 0,30     | 0,03    | 0,57    | 0,05    | 1,04     | 0,08    | 0,62     | 0,05    | 0,7    | 0,07    |
| Educação                  | 0,03      | 0,00    | 0,00   | -0,00   | 0,07     | 0,00    | 0,07    | 0,01    | -0,07    | -0,00   | 0,03     | 0,00    | 0,10   | 0,01    |
| Comunicação               | -0,50     | -0,02   | 0,00   | -0,00   | 0,44     | 0,02    | 0,60    | 0,03    | -0,27    | -0,01   | 0,08     | 0,00    | 0,24   | 0,01    |

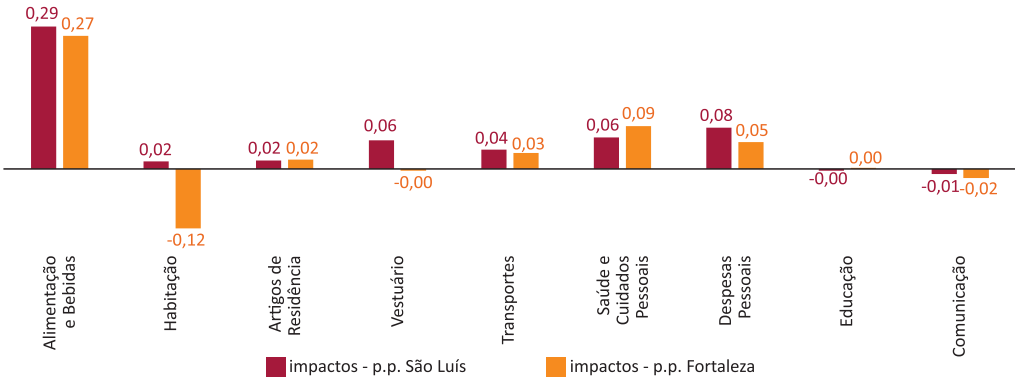
Fonte: IBGE - Índice de Preços ao Consumidor Amplo - IPCA (2025). Elaboração: BNB/Etene.  
Nota: índice – variação (%); p.p. – pontos percentuais (impactos).

As principais variações em São Luís são dos grupos Alimentação e bebidas, Vestuário, Saúde e cuidados pessoais e Despesas pessoais, que representam 89,6% da variação total. No primeiro grupo, os principais impactos são da cebola (+7,8%), frutas (+1,0%), pescados (+3,8%), ovo de galinha (+17,6%), açaí-emulsão (+14,5%) e café moído (+9,1%). Roupas feminina (+1,6%), roupa masculina (+1,2%) e roupa infantil (+1,2%) são os destaques de Vestuário. Em Saúde e cuidados pessoais, a variação mais relevante é dos produtos farmacêuticos (+1,6%). Serviços pessoais (+5,7%), cinema, teatro e concertos (+0,3%) e cigarro (+0,3%) são os destaques do grupo Despesas pessoais.

Em Fortaleza, os grupos com maiores impactos são Alimentação e bebidas, Saúde e cuidados pessoais e Despesas pessoais, responsáveis por 128,0% da variação total, que foi compensado, no sentido inverso com a redução em Habitação (-0,74% e impacto de -0,12 p.p.). Neste grupo, energia elétrica residencial caiu -3,3%, em Fortaleza, -1,1% (Recife), -1,3% (Salvador), +0,1% (São Luís) e ficou estável em Aracaju.

Os principais impactos em Alimentação e bebidas vêm da cebola (+4,4%), frutas (+3,4%), pescados (+3,1%), frango inteiro (+1,9%), ovo de galinha (+6,6%), pão francês (1,8%) e café moído (+10,4%). No grupo Saúde e cuidados pessoais, os destaques são serviços médicos e dentários (+1,8%), produto para barba (+2,7%), produto para a pele (+2,7%), perfume (+2,2%) e desodorante (+2,1%). Serviços pessoais (+0,7%) e cinema, teatro e concertos (+7,9%) são as principais variações em Despesas pessoais. O Gráfico 11.3 apresenta os principais impactos dos grupos do IPCA em São Luís e Fortaleza, durante o mês de março/2025.

Gráfico 11.3 – Impactos dos Grupos do IPCA – São Luís e Fortaleza – Março de 2025



Fonte: IBGE - Índice de Preços ao Consumidor Amplo - IPCA (2025). Elaboração: BNB/Etene.  
Nota: p.p. – pontos percentuais (impactos).

11.3 O IPCA regional no ano – detalhamento das principais variações

No ano, o IPCA regional acumula +1,96%, abaixo do índice nacional (+2,04%). tem o segundo menor índice entre as Regiões, inferior apenas ao índice verificado no Centro-Oeste (+1,87%). O valor das outras regiões são: Norte (+1,97%), Sudeste (+2,08%) e Sul (+2,13%). Aracaju (+2,66%) tem o maior índice no ano, entre as 16 capitais/regiões metropolitanas pesquisadas. Salvador (+2,18%) está na 5ª posição, seguida por Recife (+1,89% - 12ª posição), São Luís (+1,88% - 13ª posição) e Fortaleza (+1,47% - 14ª posição), conforme Tabela 11.4.

Tabela 11.4 – IPCA (%) – Nordeste e Capitais pesquisadas na Região – 1º Trimestre de 2025

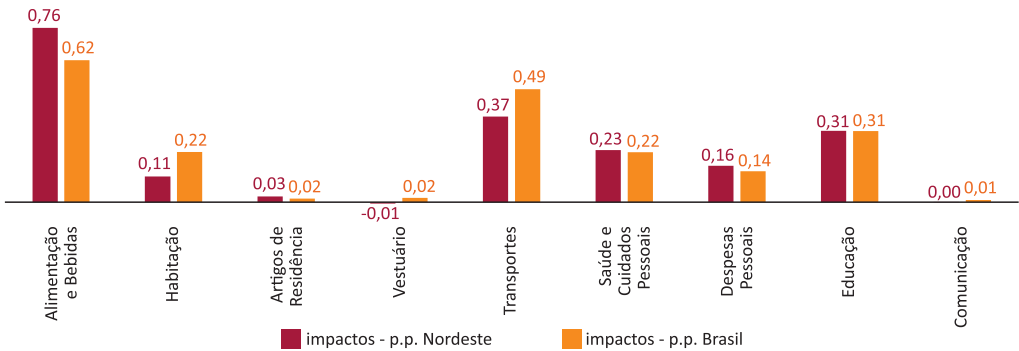
|                           | Fortaleza |         | Recife |         | Salvador |         | Aracaju |         | São Luís |         | Nordeste |         | Brasil |         |
|---------------------------|-----------|---------|--------|---------|----------|---------|---------|---------|----------|---------|----------|---------|--------|---------|
|                           | índice    | impacto | índice | impacto | índice   | impacto | índice  | impacto | índice   | impacto | índice   | impacto | índice | impacto |
| IPCA - Grupo Pesquisado   |           | 1,47    |        | 1,89    |          | 2,18    |         | 2,66    |          | 1,88    |          | 1,96    |        | 2,04    |
| Alimentação e Bebidas     | 3,08      | 0,76    | 2,15   | 0,51    | 3,95     | 0,90    | 3,61    | 0,80    | 2,9      | 0,76    | 3,20     | 0,76    | 2,86   | 0,62    |
| Habitação                 | 0,15      | 0,02    | 0,39   | 0,05    | 1,77     | 0,25    | 1,33    | 0,16    | -0,81    | -0,11   | 0,80     | 0,11    | 1,47   | 0,22    |
| Artigos de Residência     | 1,15      | 0,04    | 0,34   | 0,01    | 0,13     | 0,00    | 3,13    | 0,10    | 1,22     | 0,05    | 0,70     | 0,03    | 0,48   | 0,02    |
| Vestuário                 | -0,98     | -0,05   | -0,43  | -0,03   | 0,09     | 0,00    | 0,42    | 0,02    | 1,57     | 0,10    | -0,08    | -0,01   | 0,45   | 0,02    |
| Transportes               | 0,20      | 0,04    | 3,95   | 0,76    | 1,45     | 0,27    | 3,10    | 0,57    | 2,12     | 0,39    | 1,99     | 0,37    | 2,39   | 0,49    |
| Saúde e Cuidados Pessoais | 1,59      | 0,21    | 1,37   | 0,20    | 1,15     | 0,17    | 2,29    | 0,39    | 2,89     | 0,39    | 1,55     | 0,23    | 1,64   | 0,22    |
| Despesas Pessoais         | 1,51      | 0,11    | 0,94   | 0,08    | 2,67     | 0,27    | 1,76    | 0,16    | 1,35     | 0,11    | 1,81     | 0,16    | 1,36   | 0,14    |
| Educação                  | 5,26      | 0,36    | 4,95   | 0,31    | 4,96     | 0,30    | 5,46    | 0,43    | 3,85     | 0,19    | 4,94     | 0,31    | 5,08   | 0,31    |
| Comunicação               | -0,66     | -0,03   | -0,02  | -0,00   | 0,36     | 0,01    | 0,86    | 0,04    | 0        | -0,00   | 0,05     | 0,00    | 0,24   | 0,01    |

Fonte: IBGE - Índice de Preços ao Consumidor Amplo - IPCA (2025). Elaboração: BNB/Etene.  
Nota: índice – (%); p.p. – pontos percentuais (impactos).

Os principais grupos que geraram impactos, no índice regional, foram Alimentação e bebidas (+3,20%), Transportes (+1,99%), Educação (+4,94%) e Saúde e cuidados pessoais (+1,55%) e representaram 85,2% da variação regional, e 80,5% no índice nacional.

No primeiro grupo, as variações mais relevantes, e impactos, são do tomate (+43,3%), cebola (+47,9%), cenoura (+32,7%), banana-prata (+15,1%), manga (+33,8%), frango inteiro (+2,9%), frango em pedaços (+4,9%), ovos de galinha (+27,6%), biscoito (+3,2%), pão francês (+3,0%), café moído (+30,1%), refeição (+1,7%) e lanche (+3,2%). Ônibus urbano (+4,1%), automóvel novo (+2,8%), conserto de automóvel (+3,6%) e gasolina (+1,9%) são os destaques em Transportes. Cabe ressaltar a redução em passagem aérea (-11,2%). Em Saúde e cuidados pessoais, as principais variações e impactos são dos serviços médicos e dentários (+2,5%), planos de saúde (+1,7%), produto para cabelo (+2,2%) e perfume (+3,9%). No grupo Educação, destaca-se a pré-escola (+7,6%), ensino fundamental (+7,6%), ensino médio (+8,0%), ensino superior (3,0%) e livro didático (3,5%). O Gráfico 11.4 apresenta os impactos do IPCA para o Nordeste e para o Brasil no primeiro trimestre de 2025.

Gráfico 11.4 – Impactos dos Grupos do IPCA – Nordeste e Brasil – 1º trimestre de 2025



Fonte: IBGE - Índice de Preços ao Consumidor Amplo - IPCA (2025). Elaboração: BNB/Etene.  
Nota: p.p. – pontos percentuais (impactos).

11.4 O IPCA regional em doze meses, terminados em março de 2025 – detalhamento das principais variações

Em doze meses, o IPCA do Nordeste (+4,94%) é o segundo menor entre as Regiões, acima apenas do Norte (+4,81%). Os valores das outras regiões são: Sudeste (+5,72%), Sul (5,27%) e Centro-Oeste (+5,47%) e Brasil (+5,48%). De acordo com a Tabela 11.5, Salvador (+5,63%) tem a maior variação na Região, e ocupa a 4ª posição entre as capitais/regiões metropolitanas pesquisadas. Fortaleza (+4,57%) e Recife (+4,55%) têm as menores variações. São Luís (+5,39% - 8ª posição) e Aracaju (+5,14% - 11ª posição) ocupam posições intermediárias.

Quatro grupos representam 78,1% da variação total regional, Alimentação e bebidas (+6,44% - +1,53 p.p.), Habitação (+3,40% - +0,48 p.p.), Transportes (+5,91% - +1,11 p.p.) e Saúde e cuidados pessoais (+5,76% - +0,85 p.p.).

Tabela 11.5 – IPCA (%) – Nordeste e Capitais pesquisadas na Região – 1º Trimestre de 2025

|                           | Fortaleza |         | Recife |         | Salvador |         | Aracaju |         | São Luís |         | Nordeste |         | Brasil |         |
|---------------------------|-----------|---------|--------|---------|----------|---------|---------|---------|----------|---------|----------|---------|--------|---------|
|                           | índice    | impacto | índice | impacto | índice   | impacto | índice  | impacto | índice   | impacto | índice   | impacto | índice | impacto |
| IPCA - Grupo Pesquisado   |           | 4,57    |        | 4,55    |          | 5,63    |         | 5,14    |          | 5,39    |          | 5,09    |        | 5,48    |
| Alimentação e Bebidas     | 6,91      | 1,70    | 5,51   | 1,32    | 6,78     | 1,55    | 5,69    | 1,26    | 6,96     | 1,83    | 6,44     | 1,53    | 7,68   | 1,67    |
| Habitação                 | 1,59      | 0,25    | 2,33   | 0,31    | 5,58     | 0,79    | 3,14    | 0,38    | 1,66     | 0,22    | 3,40     | 0,48    | 3,84   | 0,57    |
| Artigos de Residência     | 3,70      | 0,14    | -0,04  | -0,00   | 0,86     | 0,03    | 2,44    | 0,07    | 0,73     | 0,03    | 1,31     | 0,05    | 1,69   | 0,06    |
| Vestuário                 | 1,53      | 0,07    | 2,24   | 0,13    | 2,87     | 0,15    | 3,79    | 0,21    | 4,76     | 0,30    | 2,69     | 0,14    | 3,53   | 0,16    |
| Transportes               | 3,61      | 0,68    | 5,98   | 1,15    | 6,76     | 1,26    | 5,94    | 1,09    | 7,16     | 1,32    | 5,91     | 1,11    | 6,05   | 1,25    |
| Saúde e Cuidados Pessoais | 5,92      | 0,80    | 5,94   | 0,89    | 4,98     | 0,76    | 6,30    | 1,07    | 7,54     | 1,02    | 5,76     | 0,85    | 5,79   | 0,77    |
| Despesas Pessoais         | 5,10      | 0,38    | 4,81   | 0,40    | 6,36     | 0,64    | 4,40    | 0,40    | 4,36     | 0,34    | 5,38     | 0,48    | 5,28   | 0,53    |
| Educação                  | 7,36      | 0,51    | 5,31   | 0,33    | 6,06     | 0,37    | 6,54    | 0,51    | 5,12     | 0,25    | 6,07     | 0,38    | 6,31   | 0,39    |
| Comunicação               | 1,29      | 0,04    | 0,74   | 0,03    | 2,34     | 0,09    | 3,10    | 0,13    | 2,00     | 0,07    | 1,74     | 0,07    | 1,82   | 0,08    |

Fonte: IBGE - Índice de Preços ao Consumidor Amplo - IPCA (2025). Elaboração: BNB/Etene.  
Nota: índice – (%); p.p. – pontos percentuais (impactos).

Em Alimentação e bebidas, os impactos mais relevantes são da carne (+16,7%), aves e ovos (+10,0%), panificados (+2,3%), óleo de soja (+21,9%), café moído (+74,7%), refeição (+5,9%) e lanche (+7,4%). Aluguel residencial (+4,3%), condomínio (+4,2%), taxa de água e esgoto (+3,9%) e gás de botijão (+9,5%), são os destaques do grupo Habitação. Em Transportes, os principais impactos vêm de passagem aérea (+12,0%), transporte por aplicativo (+20,7%), veículo próprio (+3,9%), gasolina (+8,3%), etanol (+9,6%) e óleo diesel (+8,3%). Em Saúde e cuidados pessoais, os destaques são de produtos farmacêuticos (5,1%), médico (+5,4%), dentista (+9,6%), plano de saúde (+7,2%), produto para cabelo (+5,8%), produto para pele (+6,2%), produto para higiene bucal (+6,3%) e perfume (+7,9%).

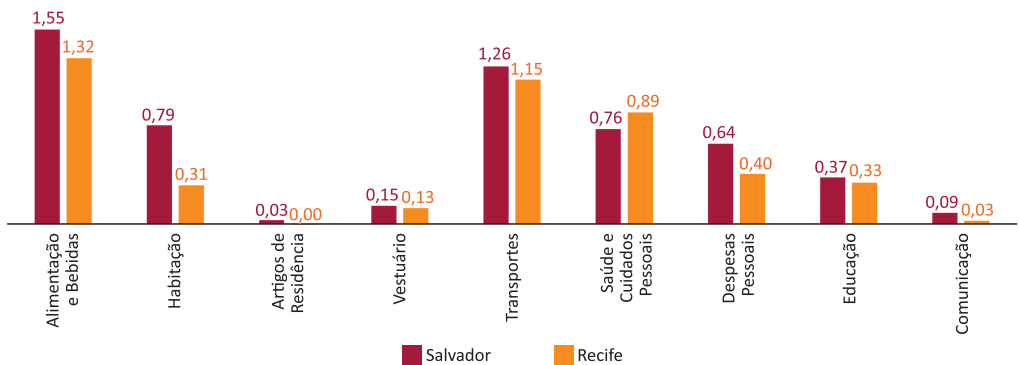
Salvador (+5,63%) tem a maior variação na Região, enquanto Recife (+4,55%), a menor. Em Salvador, a variação em Alimentação e bebidas, Habitação, Transportes e Saúde e cuidados pessoais, representa 77,3% do índice total. À exceção de Habitação, os outros três grupos representam 73,9% do índice de Recife.

Os impactos mais relevantes, em Salvador, no grupo Alimentação e bebidas, são dos açúcares (+4,8%), carnes (+17,4%), carnes e peixes industrializados (+3,8%), frango inteiro (+6,6%), frango em pedaços (+14,3%), ovos de galinha (+20,0%), leites e derivados (+10,5%), óleo de soja (+21,8%), café moído (+81,1%), refrigerante e água mineral (+13,4%), cerveja (+5,3%), refeição (+5,3%) e lanche (+8,2%). Os destaques em Habitação são de aluguel residencial (+4,0%), condomínio (+4,7%), taxa de água e esgoto (+5,8%), reparos (+6,0%), gás de botijão (+14,0%) e energia elétrica residencial (+3,8%). Os maiores impactos em Transportes são de ônibus urbano (+7,7%), táxi (+4,8%), ônibus intermunicipal (+4,1%), passagem aérea (+24,8%), transporte por aplicativo (+16,7%), automóvel novo (+5,7%), emplacamento e licença (+4,3%), seguro voluntário de veículo (+5,9%), conserto de automóvel (+10,0%), gasolina (+6,9%), etanol (+13,4%) e óleo diesel (+9,4%). Em Saúde e cuidados pessoais, as variações mais relevantes são de produtos farmacêuticos (+4,0%), médico (+6,0%), dentista (+7,4%), plano de saúde (+7,2%), produto para cabelo (+5,3%), produto para a pele (+6,8%) e perfume (4,5%).

Os produtos que levaram mais impactos no grupo alimentação e bebidas, em Recife são as frutas (+6,4%), carnes (+16,7%), carnes e peixes industrializados (+12,7%), frango inteiro (+5,3%), frango em pedaços (+6,3%), ovos de galinha (13,2%), leites e derivados (+9,0%), pão francês (+5,9%), óleo de soja (+24,6%), café moído (+57,9%), refrigerante e água mineral (+6,1%), cerveja (+7,8%), refeição (+7,4%) e lanche (+7,4%). Os destaques em Transportes são de ônibus urbano (+4,9%), táxi (17,6%), passagem aérea (+10,6%), transporte por aplicativo (+31,4%), automóvel novo (+6,2%), conserto de automóvel (+2,6%), gasolina (+13,1%) e etanol (+18,2%). Em Saúde e cuidados pessoais as variações mais relevantes são de produtos farmacêuticos (+6,3%), médico (+3,6%), dentista (+9,6%), plano de saúde (+7,2%), produto para cabelo (+2,7%), produto para pele (+4,4%) e perfume (+10,6%).

O Gráfico 11.5 mostra os impactos dos grupos do IPCA para Salvador e Recife, no período de 12 meses encerrados em março de 2025.

Gráfico 11.5 – Impactos dos Grupos do IPCA – Salvador e Recife – 12 meses terminados em março de 2025



Fonte: IBGE - Índice de Preços ao Consumidor Amplo - IPCA (2025). Elaboração: BNB/Etene.  
Nota: p.p. – pontos percentuais (impactos).

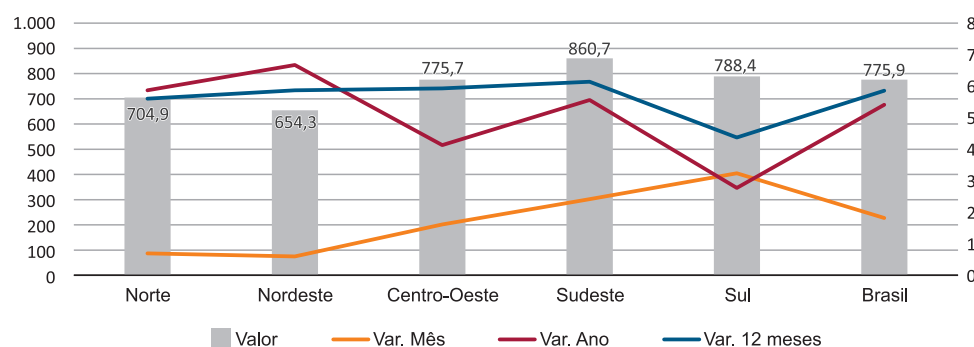
## 12. Cesta Básica

A Cesta Básica é calculada pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos – Dieese em 17 capitais, conforme o Decreto-Lei 399/38. Diante da estratificação de renda da população brasileira, a cesta é um instrumento importante para acompanhar a evolução dos preços dos alimentos básicos. De acordo com os dados do Relatório Anual de Informações Sociais – RAIS, com os dados de 2023, dos trabalhadores cadastrados na Região Nordeste, 57,3 % ganham até dois salários-mínimos. A ampliação do limite para três salários-mínimos, apresenta que 68,0% dos trabalhadores na Região, estão dentro desse limite. Reforçando ainda esta linha de argumento, de acordo com o IBGE (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua trimestral), a informalidade no Nordeste e Norte, média de 2013 a 2023, é 52,9% e 55,8%, respectivamente, quando no Brasil é 39,6%. Grande parte do orçamento desse extrato da população, é destinada a alimentação e despesas de subsistência. Vê-se, então, a importância do acompanhamento dos gastos com alimentos básicos.

A Região Norte, na pesquisa do Dieese, é representada apenas por Belém. Isso causa alguma distorção na análise entre as Regiões, já que as outras são melhor representadas. A Região Nordeste, tem seis capitais na pesquisa do Dieese (67,0%), enquanto o Centro-Oeste possui três capitais (75,0%), e as regiões Sul e Sudeste têm todas as capitais na pesquisa.

Conforme observado no Gráfico 12.1, a Cesta Básica do Nordeste é a de menor valor, ressaltando que ela e a da Região Norte, não têm o item batata. Valem em março de 2025, R\$ 654,26 e R\$ 704,90, respectivamente. Mesmo incluindo a batata, que valia R\$ 21,14 (Brasil), continuariam ainda com os menores preços, R\$ 675,39 e R\$ 726,04, nessa ordem. A cesta de Fortaleza é a de maior valor (R\$ 727,46), acima da média em 11,2%, e 27,7% que a menor (Aracaju).

Gráfico 12.1 – Cesta Básica Valor e Variação (%) – Brasil e Regiões – Março, ano e doze meses terminados em março – 2025



Fonte: Dieese (2025). Elaboração: BNB/Etene.

Em março, três capitais tiveram reduções em suas cestas básicas (Tabela 12.1), e todas do Nordeste: João Pessoa (-1,19%), Natal (-1,87%) e Aracaju (-1,89%). As outras variações na região são Recife (+0,29%), Salvador (+0,76%) e Fortaleza (+2,36%). Nacionalmente, a primeira posição é de Curitiba (+3,61%), seguida por Florianópolis (+3,00%) e Porto Alegre (+2,85%). Entre as Regiões, o Nordeste (+0,60%) tem a menor variação, em razão de três capitais terem as únicas variações negativas. O Sul (+3,23%) tem a maior variação. As outras variações são, Norte (+0,69%), Sudeste (+2,41%), Centro-Oeste (+1,61%) e Brasil (+1,82%). Cabe destacar que as variações do Sul e Sudeste representam 75,4% da variação do índice nacional.

Tabela 12.1 – Cesta Básica (%) – Nordeste e Capitais pesquisadas na Região – Valor e variação no mês, ano e doze meses terminados em março - 2025

| Capitais/Região | Valor (R\$ 1,00) | % - Mês    | % - Ano    | % - 12 meses |
|-----------------|------------------|------------|------------|--------------|
| FORTALEZA       | 727,5            | 2,37       | 8,0        | 9,7          |
| ARACAJU         | 569,5            | -1,9       | 2,8        | 2,6          |
| JOÃO PESSOA     | 626,9            | -1,2       | 3,3        | 7,5          |
| NATAL           | 636,4            | -1,9       | 3,1        | 5,1          |
| RECIFE          | 627,1            | 0,3        | 6,6        | 5,9          |
| SALVADOR        | 633,6            | 0,8        | 8,5        | 2,2          |
| <b>NORDESTE</b> | <b>654,3</b>     | <b>0,6</b> | <b>6,7</b> | <b>5,9</b>   |

Fonte: Dieese (2025). Elaboração: BNB/Etene.

A variação positiva na cesta nordestina se explica, principalmente, pelos aumentos na banana (+12,0% e impacto de 1,2 p.p.), café (+6,5% e impacto de 0,2 p.p.) e o pão (+2,2% e impacto de 0,3 p.p.), de acordo com a Tabela 12.2, que representam 277,0% da variação do índice regional. A banana variou entre +4,0% (João Pessoa) e +21,5% (Recife), O café entre +4,5% (Natal) e 9,6% (Recife). No sentido inverso, as principais variações são da carne (-1,6%), arroz (-3,6%) e do tomate (-2,8%). A carne variou entre +2,1% (João Pessoa) e -4,2% (Aracaju). O tomate variou entre -19,4% (Natal) e +14,8% (Fortaleza).

Tabela 12.2 – Cesta Básica (%) – Nordeste e Capitais pesquisadas na Região – Março de 2025

| CB - Grupo Pesquisado   | Aracaju     | Fortaleza  | João Pessoa | Natal       | Recife     | Salvador   | Nordeste   | Brasil     |
|-------------------------|-------------|------------|-------------|-------------|------------|------------|------------|------------|
| <b>Índice Geral (%)</b> | <b>-1,9</b> | <b>2,4</b> | <b>-1,2</b> | <b>-1,9</b> | <b>0,3</b> | <b>0,8</b> | <b>0,6</b> | <b>1,1</b> |
| Carne - p.p.            | -1,3        | -0,4       | 0,6         | -0,5        | -0,0       | -1,1       | -0,5       | 2,2        |
| Leite - p.p.            | -0,1        | -0,1       | -0,2        | 0,3         | -0,2       | -0,0       | -0,0       | -0,1       |
| Feijão - p.p.           | 0,1         | -0,2       | -0,1        | -0,1        | -0,1       | 0,0        | -0,1       | -0,1       |
| Arroz - p.p.            | -0,1        | -0,3       | -0,1        | -0,1        | -0,3       | -0,1       | -0,2       | -0,0       |
| Farinha - p.p.          | -0,0        | -0,0       | -0,1        | 0,0         | -0,1       | -0,0       | -0,0       | -0,0       |
| Tomate - p.p.           | -1,4        | 2,1        | -2,1        | -2,4        | -2,2       | 0,0        | -0,4       | -0,4       |
| Pão - p.p.              | 0,1         | 0,5        | 0,3         | 0,1         | -0,1       | 0,5        | 0,3        | 0,1        |
| Café - p.p.             | 0,2         | 0,2        | 0,1         | 0,1         | 0,2        | 0,2        | 0,2        | 0,1        |
| Banana - p.p.           | 0,7         | 1,0        | 0,3         | 0,9         | 2,2        | 1,1        | 1,1        | 0,1        |
| Açúcar - p.p.           | 0,1         | -0,1       | -0,0        | -0,1        | -0,1       | 0,0        | -0,0       | -0,0       |
| Óleo - p.p.             | -0,1        | -0,1       | -0,1        | -0,1        | -0,1       | -0,0       | -0,1       | 0,1        |
| Manteiga - p.p.         | 0,1         | -0,2       | 0,2         | -0,1        | 1,0        | 0,1        | 0,2        | -0,0       |

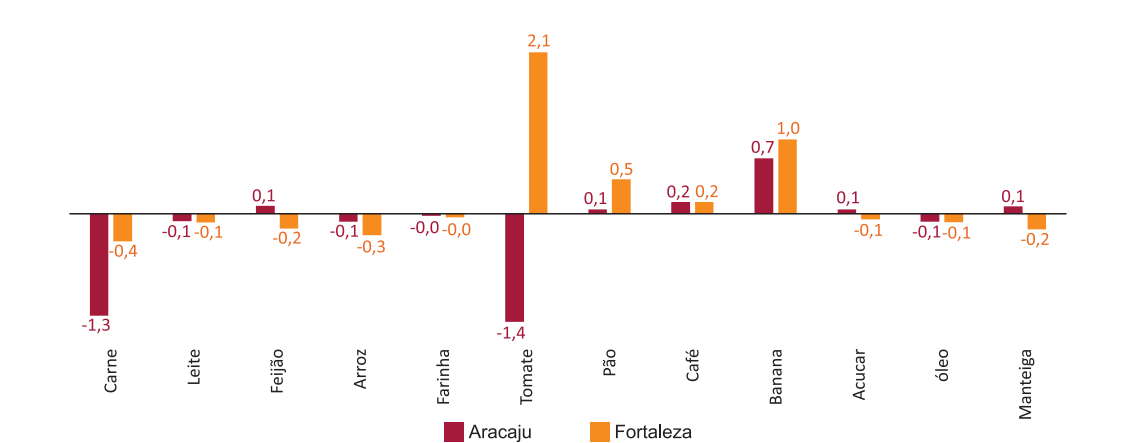
Fonte: Dieese (2025). Elaboração: BNB/Etene.

Nota: p.p. – pontos percentuais (impactos).

A partir da Tabela 12.2, observa-se que, dentre as capitais nordestinas pesquisadas, a maior variação é de Fortaleza (+2,4%), quase quatro vezes maior que o índice regional, e três vezes a segunda maior variação positiva, que é Salvador (+0,8%). Das variações positivas a mais relevantes, são do tomate (+14,8% e impacto de +2,1 p.p.), da banana (+11,2% e impacto de +1,0 p.p.), do pão (+2,8% e impacto de +0,5 p.p.) e do café (+7,0% e impacto de +0,2 p.p.). Os impactos destes quatro produtos representam 158,5% da variação total.

Aracaju teve a maior variação negativa, -1,9%, em que os principais impactos vieram do tomate (-12,1% e impacto de -1,4 p.p.) e da carne (-4,2% e impacto de -1,4 p.p.). No sentido inverso, cabe destacar as variações no café (+5,5%) e na banana (+7,0%). O Gráfico 12.2 apresenta os impactos, em pontos percentuais, da cesta básica em Aracaju e Fortaleza, em março de 2025.

Gráfico 12.2 – Impactos em pontos percentuais – Março de 2025 – Aracaju e Fortaleza



Fonte: Dieese (2025). Elaboração: BNB/Etene.  
Nota: p.p. – pontos percentuais (impactos).

12.1 A Cesta Básica nordestina no ano – detalhamento das principais variações:

No ano, todas as Regiões estão com variações positivas em suas cestas. Sul (+2,8%) e Centro-Oeste (+4,1%) têm os menores incrementos. As outras, estão com variações acima do índice nacional (+5,4%): Norte (+5,9%), Nordeste (+6,7%) e Sudeste (+5,6%).

Dentre as capitais nordestinas, de acordo com a Tabela 12.3, Salvador (+8,5%) e Fortaleza (+8,0%) ocupam as primeiras posições acompanhadas por Recife (+6,6% - 5ª posição nacional), João Pessoa (+3,3% - 10ª posição), Natal (+3,1% - 11ª posição) e Aracaju (+2,8% - 13ª posição).

A variação nordestina (+6,7%) é duas vezes a variação do grupo Alimentação e bebidas (+3,2%) e 1,9 vez a variação do subgrupo Alimentação no domicílio (+3,5%) do IPCA nordestino, sinalizando uma piora dos grupos de trabalhadores menos abastados e informais, que gastam uma parcela considerável de sua renda com alimentos e habitação.

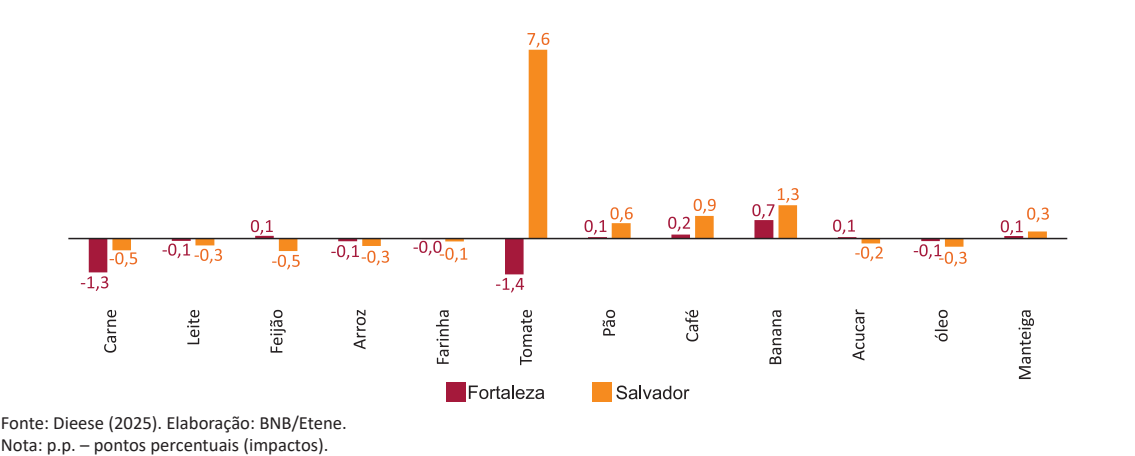
A variação na Região Nordeste, advém, principalmente, dos crescimentos no tomate (+52,2% e impacto de +6,6 p.p.), café (+35,2% e impacto de 0,8 p.p.), banana (+12,7% e impacto de +1,0 p.p.) e pão (+4,8% e impacto de +0,6 p.p.). No sentido inverso, vê-se as reduções na carne (-0,9%), arroz (-5,4%) e feijão (-6,0%). O café variou entre +31,1% (Fortaleza) e +40,4% (Salvador). O tomate entre +15,3% (João Pessoa) e +71,9% (Fortaleza).

Tabela 12.3 – Cesta Básica (%) – Nordeste e Capitais pesquisadas na Região – Até março de 2025

| CB - Grupo Pesquisado | Aracaju | Fortaleza | João Pessoa | Natal | Recife | Salvador | Nordeste | Brasil |
|-----------------------|---------|-----------|-------------|-------|--------|----------|----------|--------|
| Índice Geral (%)      | 2,8     | 8,0       | 3,3         | 3,1   | 6,6    | 8,5      | 6,7      | 7,4    |
| Carne - p.p.          | -1,3    | -0,4      | 0,4         | -0,4  | -0,5   | -0,5     | -0,5     | 6,7    |
| Leite - p.p.          | -0,5    | -0,3      | -0,2        | -0,2  | -0,4   | -0,3     | -0,3     | 0,8    |
| Feijão - p.p.         | 0,1     | -0,6      | -0,5        | -0,3  | -0,5   | -0,5     | -0,5     | -0,2   |
| Arroz - p.p.          | -0,2    | -0,5      | -0,3        | -0,3  | -0,4   | -0,3     | -0,4     | 0,4    |
| Farinha - p.p.        | -0,0    | -0,3      | -0,3        | -0,1  | -0,2   | -0,1     | -0,2     | -0,1   |
| Tomate - p.p.         | 3,1     | 9,0       | 1,7         | 3,1   | 5,2    | 7,5      | 6,6      | -3,0   |
| Pão - p.p.            | -0,0    | 0,9       | 0,8         | 0,2   | 0,3    | 0,6      | 0,5      | 0,5    |
| Café - p.p.           | 1,0     | 0,6       | 0,8         | 0,9   | 0,8    | 0,9      | 0,8      | 1,2    |
| Banana - p.p.         | 1,0     | 0,5       | 0,8         | 0,6   | 1,8    | 1,3      | 1,0      | 0,8    |
| Açúcar - p.p.         | -0,0    | -0,3      | -0,1        | -0,1  | -0,2   | -0,2     | -0,2     | -0,0   |
| Óleo - p.p.           | -0,3    | -0,3      | -0,1        | -0,1  | -0,1   | -0,3     | -0,3     | 0,3    |
| Manteiga - p.p.       | -0,0    | -0,3      | 0,1         | -0,2  | 0,9    | 0,3      | 0,1      | 0,4    |

Fonte: Dieese (2025). Elaboração: BNB/Etene.  
Nota: p.p. – pontos percentuais (impactos).

Gráfico 12.3 – Impactos em pontos percentuais – Até março de 2025 – Fortaleza e Salvador



12.2 A Cesta Básica nordestina no ano – detalhamento das principais variações:

Em doze meses, as variações nos índices regionais variam entre +4,4% (Sul) e +6,1% (Sudeste). As outras variações são: Norte (+5,6%), Nordeste (+5,9%), Centro-Oeste (5,9%) e Brasil (+5,9%). De forma inversa ao que aconteceu com as variações no ano (até março de 2025), as variações do grupo Alimentação e bebidas e do subgrupo Alimentação no domicílio do IPCA nordestino estão com variações acima da variação da cesta básica da Região, +6,4% e +6,5%, respectivamente.

A Tabela 12.4 apresenta que, em doze meses terminados em março, o pão (+6,4% e impacto de 0,8 p.p) e o café (+98,3% e impacto +2,1 p.p.) continuam a gerar impactos, dando sinais de que a pressão vai continuar, e estão acompanhados da carne (+20,3% e impacto de +5,7 p.p.) e do leite (+13,5% e impacto de 0,7 p.p.). A soma da variação destes quatro produtos, representam 159,2% da variação total do índice regional. No sentido inverso, cabe destacar a redução no feijão (-25,2% e impacto de -1,6 p.p.) e do tomate (-6,2% e impacto de -0,9 p.p.). Olhando as capitais nordestinas pesquisadas, Fortaleza (+9,7%), a maior variação entre as 16 capitais. Em seguida, tem João Pessoa (+7,5% - 4ª posição nacional), Recife (+5,9% - 7ª posição), Natal (+5,1% - 10ª posição), Aracaju (+2,6% - 15ª posição) e Salvador (+2,2% - 16ª posição).

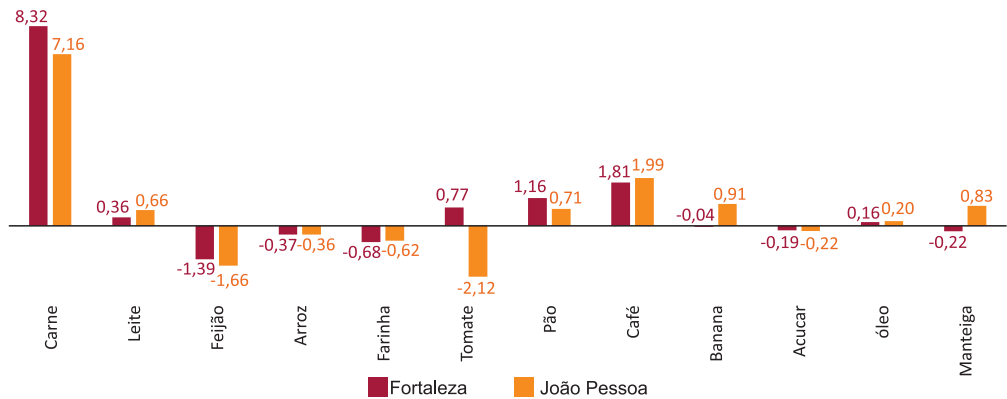
Tabela 12.4 – Cesta Básica (%) – Nordeste e Capitais pesquisadas na Região – Em doze meses terminados em março de 2025

| CB - Grupo Pesquisado | Aracaju | Fortaleza | João Pessoa | Natal | Recife | Salvador | Nordeste | Brasil |
|-----------------------|---------|-----------|-------------|-------|--------|----------|----------|--------|
| Índice Geral (%)      | 2,6     | 9,7       | 7,5         | 5,1   | 5,9    | 2,2      | 5,9      | 7,4    |
| Carne - p.p.          | 2,5     | 8,3       | 7,2         | 5,8   | 5,1    | 3,4      | 5,7      | 6,7    |
| Leite - p.p.          | 1,0     | 0,4       | 0,7         | 1,2   | 0,6    | 0,9      | 0,7      | 0,8    |
| Feijão - p.p.         | -0,9    | -1,4      | -1,7        | -1,6  | -1,8   | -1,7     | -1,5     | -0,2   |
| Arroz - p.p.          | -0,3    | -0,4      | -0,4        | -0,3  | -0,6   | -0,0     | -0,3     | 0,4    |
| Farinha - p.p.        | -0,2    | -0,7      | -0,6        | -0,3  | -0,9   | -0,5     | -0,6     | -0,1   |
| Tomate - p.p.         | -2,1    | 0,8       | -2,1        | -1,8  | -1,6   | -1,3     | -0,9     | -3,0   |
| Pão - p.p.            | -0,2    | 1,2       | 0,7         | 0,4   | 0,4    | 1,1      | 0,8      | 0,5    |
| Café - p.p.           | 2,5     | 1,8       | 2,0         | 2,1   | 2,0    | 2,3      | 2,1      | 1,2    |
| Banana - p.p.         | -0,4    | -0,0      | 0,9         | -0,2  | 2,3    | -2,2     | -0,3     | 0,8    |
| Açúcar - p.p.         | -0,0    | -0,2      | -0,2        | -0,2  | -0,3   | -0,2     | -0,2     | -0,0   |
| Óleo - p.p.           | 0,3     | 0,2       | 0,2         | 0,2   | 0,2    | 0,2      | 0,2      | 0,3    |
| Manteiga - p.p.       | 0,3     | -0,2      | 0,8         | -0,1  | 0,4    | 0,1      | 0,1      | 0,4    |

Fonte: Dieese (2025). Elaboração: BNB/Etene.  
Nota: p.p. – pontos percentuais (impactos).

Três produtos com maior impacto em Fortaleza apresentam mesmo comportamento no índice regional (Gráfico 12.4): carne (+29,4%), pão (+7,4%) e café (92,1%). O tomate (+6,7%) assume o lugar do leite, já que aquele tem variação negativa na Região (-6,2%). Estes quatro produtos representam 124,5% da variação de Fortaleza.

Gráfico 12.4 – Impactos em pontos percentuais – Em doze meses terminado em março de 2025 – Fortaleza e João Pessoa



Fonte: Dieese (2025). Elaboração: BNB/Etene.  
Nota: p.p. – pontos percentuais (impactos).

Duas capitais superam o índice regional (+6,7%), Salvador (+8,5%) e Fortaleza (+8,0%). Tomate, pão, café e banana, são os impactos mais relevantes nas duas capitais. Na primeira, juntas, representam 136,1% do índice, e 122,2% do índice de Salvador. Suas variações, em Fortaleza, foram: tomate (+71,9%), pão (+6,3%), café (+31,3%) e banana (+7,8%). Em Salvador, tomate (+62,7%), pão (+5,3%), café (+40,4%) e banana (16,8%). O Gráfico 12.3 apresenta os impactos em pontos percentuais, da cesta básica em Aracaju e Fortaleza, acumulado até março de 2025. João Pessoa (+7,5%) tem a segunda maior variação entre as capitais nordestinas pesquisadas. Três produtos que mais impactaram o índice da capital, também estão entre os mais relevantes em João pessoa, a carne (+24,8 e impacto de 7,2 p.p.), o pão (+6,1% e impacto de +0,7 p.p.), e o café (+100,7 e impacto de 2,0 p.p.). A banana (+11,7% e impacto de +0,9 p.p.), importante na capital, mas que teve impacto negativo no Nordeste (- 1,9% e impacto de -0,3 p.p.).